

TCC/UNICAMP
G947a
IE/904



1290000904



IE

TCC/UNICAMP G947a

**A AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA
COMO PÓLO DINÂMICO
PARA A
ECONOMIA
DA
SUB-REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO
NA DÉCADA DE 80**

JOÃO HILTON ARANTES GUIHARZES

Monografia apresentada ao Instituto
de Economia da Universidade Estadual
de Campinas (UNICAMP)

Orientador : Prof^{or}. WALTER BELIK ✓

Banca : Prof^{or}. ULISSES C. SEMEGHINI

Campinas, dezembro de 1991 ✓
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
INSTITUTO DE ECONOMIA
UNICAMP

**A AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA
COMO PÓLO DINÂMICO
PARA A
ECONOMIA
DA
SUB-REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO
NA DÉCADA DE 80**

JOÃO HILTON ARANTES GUIMARÃES

Orientador : Prof^{or}. WALTER BELIK

Banca : Prof^{or}. ULISSES C. SEMEGHINI

Aos meus pais: *Hilton e Antonia,*

pela compreensão quando dos finais de semana
que fui à Ribeirão fazer entrevistas e
conseguir dados para esse trabalho, sem
dedicar-lhes muito tempo.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Belik, pela estímulo e dedicação a esse trabalho, buscando enriquecer e aprimorar o estudo, sem deixar de acompanhar as tendências regionais mais recentes, a fim de não deixar a pesquisa desatualizada.

Ao professor Ulisses, banca dessa monografia, pelo apoio no fornecimento de dados sobre a economia regional, principalmente quanto aos setores secundário e terciário, nas décadas de 70 e 80.

Às amizades que fiz em Ribeirão Preto, buscando informações sobre a região e fazendo entrevistas, imprescindíveis para o conteúdo desse trabalho, como:

- o Prof. Vicente Golfeto, diretor do Inst. Economia da ACI de Ribeirão Preto - profundo conhecedor da economia regional.
- o Sr. Fernando Brizolla, assessor das usinas de açúcar e álcool da região de Rib. Preto - coordenador de muitas de minhas entrevistas.

Aos funcionários do SFD do Instituto de Economia da UNICAMP, pela paciência ao auxiliar-me em vários momentos, quando surgiam problemas no programa WORD.

Aos meus amigos de curso, pelos finais de semana que passamos em frente aos microcomputadores, desesperados para acabar a monografia no prazo limite de entrega.

Í N D I C E

INTRODUÇÃO ----- I

**Cap. I : A EVOLUÇÃO ECONÔMICA DA REGIÃO DE RIB. PRETO
DE 1920 A 1980 ----- 01**

* A Expansão Econômica da Região
com o Ciclo Cafeeiro ----- 01

* A Crise Cafeeira e A Diversificação
Agrícola ----- 03

* A Expansão Industrial da Região
entre 1950 e 1970 ----- 05

* Modificações Demográficas na Região
de Rib. Preto na Década de 70 ----- 06

* A Expansão Industrial da Região na
Década de 70 ----- 08

* O Desenvolvimento do Setor Terciário
na Região de Rib. Preto -Década 70 ----- 11

* A Modernização Agrícola e Penetração
do Capitalismo no Campo - A Expansão
dos Complexos Agroindustriais ----- 15

* Bibliografia - capítulo I - ----- 19

**CAP. II: O DESENVOLVIMENTO DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA
COM A INTERVENÇÃO DO ESTADO ----- 20**

* A Intervenção Governamental na Agro-
indústria Canavieira ----- 21

* A Expansão da Agroindústria Canavieira
com o Proálcool ----- 23

* A Concentração Econômica da Agroindústria
Canavieira Paulista ----- 28

* A Dinâmica da Produção Canavieira e seu
Processo de Concentração Técnica e
Econômica ----- 31

* Bibliografia - capítulo II - ----- 35

**CAP. III: A AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA NA SUB-REGIÃO DE
DE RIB. PRETO, DE 1980 A 1987 ----- 36**

# Ribeirão Preto -----	41
# Sertãozinho -----	42
# Jaboticabal -----	44
# Guariba / Pradópolis -----	45
* A Cana-de-açúcar na DIRA de Rib. Preto frente as outras DIRAs do estado de São Paulo, nos anos 80 -----	47
* O Processo de Urbanização e a Migração Sazonal na Região de Governo de Ribeirão Preto -----	50
* Bibliografia - capítulo III - -----	55

**CAP IV : A DIVERSIFICAÇÃO E AS MUDANÇAS ESTRUTURAIS
NO COMPLEXO AGROINDUSTRIAL CANAVIEIRO,
INFLUENCIANDO A ECONOMIA DA SUB-REGIÃO DE
RIBEIRÃO PRETO ----- 56**

* Os Sub-produtos da Agroindústria Canavieira-	56
* A Colheita Mecanizada -----	60
* A Diversificação de Atividades em Setores tradicionalmente ligados à Agroindústria Canavieira -----	62
# o caso da ZANINI S/A -----	62
# o caso da DEDINI S/A -----	65
# o caso da SMAR -----	66
# o caso da Usina São Geraldo -----	67
* As Mudanças na Economia Regional em diversos Setores de Atividade -----	68
# O cresc/to do setor financeiro -	69
# O cresc/to industrial e com/l --	71
* Ribeirão Preto e a Imunidade à Crises - A Califórnia Brasileira -----	72
* Perspectivas para a Região de Rib. Preto ---	74
* Bibliografia - capítulo IV - -----	76

CONCLUSÃO ----- 78

ANEXOS:* Entrevistas

- * Maiores Grupos Sucro-alcooleiros do Est. S.Paulo
- * Levantamento de produtividade da cana-de-açúcar

I N T R O D U Ç Ã O

A agroindústria canavieira corresponde a um setor agroindustrial de grande importância para a economia da região administrativa de Ribeirão Preto e principalmente para a sub-região (Região de Governo de Rib. Preto)(1). Ao todo são 22 municípios, todos com uma economia fortemente dependente do setor sucroalcooleiro, com exceção da cidade-sede: Ribeirão Preto - de economia bastante diversificada - não deixando, no entanto, de ter na agroindústria canavieira uma das bases de grande vigor para o seu desenvolvimento.

Pretende-se delimitar o assunto dessa pesquisa à sub-região de Ribeirão Preto e não à região administrativa, devido a dois motivos essenciais:

1o.) grande quantidade de municípios presentes na região administrativa - mais de 80 cidades, segundo a fundação SEADE;

2o.) presença de alguns municípios em que a agroindústria não é a principal economia;(2)

(1) Composta pelos municípios de: Altinópolis, Barrinha, Brodósqui, Cajuru, Cássia dos Coqueiros, Cravinhos, Dumont, Guariba, Jaboticabal, Jardinópolis, Luís Antonio, Monte Alto, Pitangueiras, Pontal, Pradópolis, Ribeirão Preto, Santa Rosa do Viterbo, Santo Antonio da Alegria, São Simão, Serra Azul, Serrana e Sertãozinho. Essa definição corresponde à Região de Governo de Rib. Preto; porém trataremos na mesma amplitude quando nos referirmos à "sub-região de Rib. Preto".

(2) Como Franca - grande produtora e exportadora de calçados e São Carlos - grande polo de tecnologia avançada.

Outra delimitação desse estudo, vem do fato da análise se restringir à agroindústria canavieira, por dois motivos:

1o.) corresponde ao setor agroindustrial de maior importância econômica e social para a sub-região em análise;
2o.) o fato de se ter outras agroindústrias de grande importância na região;**(3)**

Seria bom frisar ainda, que embora a economia da sub-região esteja, hoje, numa fase em que a cana-de-açúcar representa uma grande fonte para a sua riqueza, não se pode esquecer que, outrora, o café representou a principal fonte de divisas para essa região. Praticamente, foi esse produto o responsável pelo desenvolvimento de sua economia, quando do surto cafeeiro do início do século, que marcou a região como a "Capital do Café".

Assim, se tivemos, nos anos 80, uma fase de grande expansão da cana-de-açúcar e das agroindústrias canavieiras, isso não se constitui num fato inédito para a história econômica da região, já marcada, anteriormente por prósperas fases de desenvolvimento.

A sub-região de Ribeirão Preto tem na agroindústria um polo de grande dinamismo para a sua economia. A produção de açúcar e álcool de toda a região administrativa (de onde a sub-região de Rib. Preto é a de maior significância) participou com 54,05 % do ICM em 1988,

(3) Como Bebedouro (agroindústria cítrica), Batatais (agroindústria leiteira) e Orlândia (soja) - motivo também para se delimitar o estudo à sub-região de Rib. Preto.

de quando se previu uma participação para 1989 de 64% do ICMS arrecadado na região.

Sabe-se que a cidade-sede da sub-região, Ribeirão Preto, é dos municípios da região em análise, aquele de maior diversidade a nível de indústrias e comércio e para onde se dirige os mercados investidor e consumidor das cidades vizinhas, onde a economia é fortemente dependente e especializada no setor sucro-alcooleiro.

O dinamismo do setor sucroalcooleiro para a sub-região de Ribeirão Preto pode ser evidenciada pela oferta de empregos que esta propicia, a sua participação tributária e o fluxo de investimentos que representa, desenvolvendo o sistema financeiro da região, além da sua influência no comportamento do comércio e indústria, devido ao grande volume de transações com diferentes setores, que traz para a sub-região um mercado consumidor e investidor vigoroso.

Esse estudo se torna mais relevante pela evidência do dinamismo da agrondústria canavieira quando dos impactos causados pelas mudanças no setor, nos últimos anos, e os problemas enfrentados pelo Proálcool.

A diversificação que sempre existiu a nível vertical (integração), passa a ser horizontal. Isso poderia ser comprovado pela empresa Zanini S/A Equipamentos Pesados, (ligada à Usina Santa Elisa, de Sertãozinho), que partiu para a diversificação da produção desde que diminuiu sua integração com as usinas para fugir da crise. Empresa destacada pela integração de capitais, a Biagi-Zanini, tem

uma grande importância inter-regional, sendo representativa para mostrar o comportamento do setor. (4)

Algumas usinas também se valem da produção de outros sub-produtos da cana-de-açúcar, como o bagaço e o vinhoto, a fim de não ficar tão dependentes do álcool. Outras chegam até a utilizar-se da mesma infra-estrutura da usina para dedicar-se a outro ramo de atividade (como o cultivo de camarões na Usina São Geraldo, em Rib. Preto).

Essa diversificação de atividades dentro das usinas e vinculadas a outras empresas, de outros setores de atividade, mostra o poderio do setor sucroalcooleiro na região e nos permite fazer algumas questões:

- O que ocorreu na empresa Zanini S/A não terá sido fortemente influenciada pelos rumos incertos do Proálcool? -
- Essas mudanças estruturais teriam influenciado a constituição de uma nova fase para o setor sucro-alcooleiro?
- Como a economia da região estaria reagindo (comércio e indústria), ao também procurar diversificar-se e tornar-se menos dependente do setor sucroalcooleiro?

Essas são algumas das perguntas que procuraremos responder ao longo desse estudo. Não se pretende aqui, mostrar tendências de comportamento futuro para a economia da sub-região, mas apenas evidenciar essas transformações que estão ocorrendo no setor, no intuito de tornar mais explícito esse novo momento por que passa o complexo agroindustrial canavieiro.

(4) O caso da empresa Zanini S/A será melhor analisado no capítulo IV, do presente estudo.

O presente trabalho se dividirá em quatro partes:

* o 1o. capítulo mostrará a evolução econômica da região de Ribeirão Preto, desde o auge do café (década de 20), o período de diversificação agrícola que se segue, o desenvolvimento do comércio e indústria no período, até o desenvolvimento da cana-de-açúcar na década de 70.

* o 2o. capítulo tratará dos aspectos institucionais, com a criação do Proálcool e o processo de concentração econômica da agroindústria canavieira e sua dinâmica de acumulação.

* o 3o. capítulo evidenciará o dinamismo da agroindústria canavieira para o desenvolvimento da sub-região de Rib. Preto, na década de 80, respondendo aos incentivos do Proálcool, com aumento da produção e área plantada, trazendo divisas para os municípios e desenvolvendo outros setores de atividade.

* O 4o. capítulo, por fim, revelará a constituição de uma nova fase no desenvolvimento agroindustrial e sua influência na economia da sub-região em análise.

Em "Anexo", ainda serão mostradas entrevistas com diferentes agentes da sociedade da região (industriais, usineiros, comerciantes, pesquisadores), no intuito de ter diferentes visões e opiniões sobre o desenvolvimento regional, bem como as mudanças recentes percebidas em seus respectivos setores de atividade.

C A P Í T U L O I

A EVOLUÇÃO ECONÔMICA DA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO DE 1920 A 1980

A EXPANSÃO ECONÔMICA DA REGIÃO COM O CICLO CAFEIEIRO

Conhecida desde meados do século XVIII e mesmo tendo sido ocupada pelos criadores de gado vindos de Minas Gerais (1886/87), a região de Ribeirão Preto, iria estruturar-se economicamente no final do século XIX, com a expansão cafeeira, estimulada pelos altos preços do café no mercado externo. Além disso, essa expansão cafeeira foi possibilitada pela implantação do transporte ferroviário (Cia Mogiana - em 1883), contando ainda com manchas significativas de terra roxa, o que assegurou um sucesso produtivo.

A função primária do comércio que então começou a se projetar, era a de abastecer as fazendas e sítios, sendo que os artigos mais vendidos eram para suprir a agricultura (1). Dessa forma, o comércio se desenvolveu com o café, que dava recursos financeiros aos compradore.

(1) Como por exemplo: arame farpado, foices, machados, enxadas, ferragens, farinha de trigo, louças, sapatos, sal, açúcar, querosene, fumo e chapéus.

O café, com o desenvolvimento de suas fazendas e com a vinda de imigrantes peninsulares, transformou a agricultura regional. De 1890 a 1920, a região de Ribeirão Preto foi a principal produtora do estado de São Paulo. Em torno do café diferenciadas atividades econômicas se desenvolveram na região, atividades estas que, depois da crise de 1929, serviriam de base a industrialização, como: comércio de importação e exportação, intermediação financeira, serviços, fábricas, transportes, entre outros. (2)

O crescimento cafeeiro fazia desenvolver também a zona urbana, com o êxodo de pequenos lavradores que vendiam suas terras ou as abandonavam para ir para a cidade, dando oportunidade para o surgimento de fabricantes de moveis, ladrilhos e artefatos de cimento. Floresciam ainda as selarias, para atender as necessidades das fazendas, cujo meio de transporte era a tração animal.

Em termos regionais, Ribeirão Preto era responsável, em 1920, por :

- 31% do total da produção cafeeira paulista;
- mais de 50% da produção de açúcar do estado;
- 20% da produção leiteira;
- 25% dos frigoríficos.

chapeus.

(2) Exemplo : máquinas de beneficiar café, olarias, serrarias, telhas, madeireiras, fábricas de macarrão, fábricas de cerveja e aguardente.

O fato da região de Ribeirão Preto contar, já no auge cafeeiro, com significativa produção de outros produtos agrícolas, vai ser importante para a superação da crise cafeeira (1929), com uma diversificação agrícola.

A CRISE CAFEIEIRA E A DIVERSIFICAÇÃO AGRÍCOLA

Durante a crise de 1929, as antigas regiões (entre elas a de Ribeirão Preto) foram afetadas, com o retalhamento de grandes fazendas, que davam origem a pequenas e médias propriedades. Ao mesmo tempo, ocorreu uma diminuição da população total, consequência principalmente do deslocamento da população rural.

A política governamental de manter os preços externos do café em alta, artificialmente, ao reter estoques internos colossais, levou a uma situação iminente de uma crise do setor, que teve na crise da bolsa de Nova York apenas seu ponto crítico. Bastaria uma mudança no mercado externo, para que o setor cafeeiro sentisse as bases fracas de sua expansão.

Como consequência, houve queima de café e desincentivo a novos investimentos no setor, a fim de sustentar os preços externos em termos razoáveis para uma próxima fase, já que o Brasil monopolizava a oferta mundial desse produto. Além disso, o governo passou a incentivar a erradicação do café, dando incentivo e espaços para que outras culturas se desen-

volvessem (como por exemplo: a cana-de-açúcar).

Dessa forma, a partir dos anos 30, o setor agrário/exportador passaria a segundo plano (principalmente no âmbito político), privilegiando o mercado interno, principalmente a indústria, em um segundo momento. Ao mesmo tempo, duas outras culturas ganhariam destaque: o algodão e a cana-de-açúcar.

Assim, considerando-se, entre outros fatores, a qualidade de suas terras e as inversões feitas em transportes, energia elétrica e em infra-estrutura urbana, pôde a região em análise diversificar a sua agricultura e incrementar a produção industrial.

Na produção agropecuária, a região manteria, até 1960, o primeiro lugar no estado de São Paulo. Quanto à indústria, continuaria detendo a segunda colocação no interior, atrás apenas da região de Campinas.

A partir de 1950, o setor agropecuário se destaca com a expansão da cultura canavieira e mudanças nas diretrizes para importação, favorecendo a modernização. Ajudou para essa expansão, as políticas do IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool) para a cana e o álcool.

Houve também, nesse período, um aumento no preço externo do café (após 1954) e percebeu-se a necessidade de incentivar atividades exportáveis, beneficiando a laranja, a soja e a pecuária de corte, aumentando o dinamismo da região. (3)

(3) Não se pode esquecer da melhoria da rede de transportes rodoviários, com a Via Anhanguera ligando Ribeirão Preto a Campinas e São Paulo, asfaltada em 1948.

A EXPANSÃO INDUSTRIAL DA REGIÃO ENTRE 1950 E 1970

A produção industrial que se desenvolveu na região, já nos anos 50, principalmente no setor de transformação de produtos agrícolas e pecuários, concentrou-se nos núcleos urbanos que, pelo crescimento do período anterior, reuniram condições a uma implantação industrial.

A indústria, que teve seu início com o beneficiamento e transformação de produtos agrícolas (agroindústrias), trouxe consigo o desenvolvimento do setor agrário na região, facilitando o desenvolvimento do processo de industrialização nacional. (4)

Assim, os segmentos produtores de matérias-primas agrícolas, bem como aqueles fornecedores de insumos e máquinas para a agricultura, receberam grande estímulo, que se estenderia também a segmentos importantes da produção de bens não-duráveis, visando atender ao mercado regional.

Entre 1950 e 1970, o total de operários na indústria da região duplicaria. Nas décadas de 50 e 60, a tendência de esvaziamento populacional seria revertida, ocorrendo na região de Ribeirão Preto um crescimento de 22,2% e de 16,9% na população total, respectivamente.

A população regional das cidades, de 384373 pessoas em 1950, chegaria a 1007483 em 1970, aumento que atesta os fortes impactos sobre o mundo urbano do processo desenvolvi-

(4) O Proálcool e o desenvolvimento da indústria cítrica são exemplos claros desse processo.

mentista da base produtiva agroindustrial.

O setor terciário, forçado a ampliar e diferenciar-se para atender aos requisitos da expansão produtiva e do crescimento populacional, já alocava em 1970, mais de 40% da População Economicamente Ativa (PEA) regional, cifra que fora apenas de 24,6% vinte anos antes.

MODIFICACOES DEMOGRÁFICAS NA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO, NA DÉCADA DE 70

Entre 1970 e 1980, a população total da região de Ribeirão Preto cresceu a uma taxa média de 2,5% a.a. , inferior à média estadual (3,5%). Para evidenciar esse fato, é importante lembrar que nesse decênio, o saldo migratório regional foi positivo (mais entradas que saídas), sendo que a região, como pólo de atração, colocou-se atrás da grande São Paulo, Campinas, Litoral e Vale do Paraíba, superando as demais. Cabe observar que nas três décadas anteriores, os saldos migratórios haviam sido negativos, significando que a região expulsava parte de seu crescimento vegetativo.

Analisando as sub-regiões que compõe a Região Administrativa de Ribeirão Preto, verifico-se que, nos anos 70, houve:

- taxa negativa para a sub-região de Ituverava;
- índices reduzidos nas regiões de São Joaquim da Barra e Barretos;
- taxa positiva para as sub-regiões de Ribeirão Preto e São Carlos (ambas com crescimento de 3,2% a.a., seguidas as de Franca e Araraquara (2,9% a.a.) e a de Jaboticabal (2,1% a.a.)

A intensidade da crescimento da população urbana da Região de Ribeirão Preto, na década de 70, foi da ordem de 50% (menor que as regiões de Campinas, Litoral, Vale do Paraíba e Sorocaba).

é importante mostrar o crescimento de pequenos municípios da sub-região de Ribeirão Preto, na década de 70, algumas com crescimento maior que a cidade sede, Ribeirão Preto. é o caso de Sertãozinho, Serrana, Guariba, Brodósqui, Barrinha e Monte Alto (os três primeiros com taxas de crescimento da população urbana maior que a de Ribeirão Preto). (5)

Para justificar esse fato, é importante mostrar a acelerada expansão da cana-de-açúcar na sub-região, no período. Pequenas e médias cidades da região passaram a abrigar os trabalhadores (assalariados temporários) dessa cultura, que obtinham domicílio urbano nas cidades menores, próximas às usinas de açúcar e álcool e plantações de cana-de-açúcar. A

(5) Ver TABELA 1: "A Região de Ribeirão Preto - Características urbanas das cidades com mais de 2000 habitantes em 1990, segundo as sub-regiões a que pertencem - 1970 a 1980".

TABELA 4 - Região de Ribeirão Preto - Características urbanas das cidades com mais de 20 000 habitantes em 1980, segundo as Sub-Regiões a que pertencem - 1970-1980

CIDADES COM MAIS DE 20 000 HABITANTES	POPULAÇÃO URBANA		TAXA DE CRESCIMENTO 70-80	PARTICIPAÇÃO NA POPULAÇÃO URBANA SUB-REGIONAL (%)		NÍVEL DE CENTRA- LIDADE (1970)	VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL 1975		
	1970	1980		1970	1980		Em Cr\$ de 1975	no VII Total dessas Cidades	no VII Total da Região
<u>Sub-Região de Ribeirão Preto</u>	(335 362)	(527 497)		(100.0)	(100.0)	-	-	-	-
Ribeirão Preto	196 242	301 229	4.62	58.5	58.4	2a	778 545	17.5	15.7
Sertãozinho	22 878	45 415	7.10	6.8	8.6	4b	518 238	7.1	5.8
Batatais	21 030	50 478	5.78	6.3	5.8	4b	56 427	1.3	1.5
<u>Sub-Região de Franca</u>	(107 359)	(170 592)		(100.0)	(100.0)	-	-	-	-
Franca	86 865	145 650	5.16	80.9	84.2	3a	490 881	10.9	8.7
<u>Sub-Região de Ituverava</u>	(51 975)	(64 606)		(100.0)	(100.0)	-	-	-	-
Ituverava	18 686	25 432	2.51	36.0	36.3	4b	40 477	0.9	0.7
<u>Sub-Região de São Joaquim da Barra</u>	(55 836)	(75 547)		(100.0)	(100.0)	-	-	-	-
São Joaquim da Barra	19 716	26 275	2.91	36.6	34.9	4a	54 439	2.8	0.8
Orlândia	15 107	22 324	4.26	28.1	30.4	4b	145 248	3.2	2.8
<u>Sub-Região de Barretos</u>	(82 065)	(95 324)		(100.0)	(100.0)	-	-	-	-
Barretos	55 508	65 633	2.07	65.2	66.6	3a	117 861	2.6	2.1
<u>Sub-Região de Jaboticabal</u>	(135 181)	(205 855)		(100.0)	(100.0)	-	-	-	-
Jaboticabal	29 592	41 344	3.33	21.9	20.0	5b	164 672	3.7	2.9
Rebedouro	29 487	39 390	3.07	21.8	19.4	5b	111 735	2.5	2.2
Taquaritinga	18 553	29 228	4.65	13.7	14.2	4b	93 660	2.1	1.7
Monte Alto	14 059	25 544	6.15	10.4	12.4	4a	158 545	3.1	2.4
<u>Sub-Região de Araraquara</u>	(146 149)	(229 315)		(100.0)	(100.0)	-	-	-	-
Araraquara	84 580	118 797	3.46	57.9	51.7	2b	614 524	15.6	10.8
Matão	14 317	33 443	8.85	9.8	14.5	-	425 347	9.4	7.5
Ititinga	14 966	25 359	4.68	10.2	10.3	4b	56 461	0.8	0.6
<u>Sub-Região de São Carlos</u>	(95 498)	(143 055)	(4.12)	(100.0)	(100.0)	-	-	-	-
São Carlos	75 739	110 305	5.83	79.5	77.1	3b	835 574	18.5	14.8

Continua

CIDADES COM MAIS DE 20 000 HABITANTES		POPULAÇÃO URBANA		TAXA DE CRESCIMENTO 70-80	PARTICIPAÇÃO NA POPULAÇÃO URBANA SUB-REGIONAL (%)		NÍVEL DE CENTRA- LIDADE (1970)	VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL 1975		
		1970	1980		1970	1980		Em Cr\$ de 1975	% no VTI Total dessas Cidades	% no VTI Total da Região
MINAS GERAIS	<u>Sub-Região de Barrocos</u>	29 097	40 627	3.39	100.0	100.0	-	-	-	-
	Frutal	17 745	24 033	3.08	61.0	59.2	4a	9 412	0.2	0.2
	<u>Sub-Região de Passos</u>	50 188	72 218	3.71	100.0	100.0	-	-	-	-
	Passos	39 059	56 998	3.85	77.8	78.9	5b	70 576	1.6	1.2
	<u>Sub-Região de São Sebastião do Paraíso</u>	49 364	69 788	3.52	100.0	100.0	-	-	-	-
	São Sebastião do Paraíso	19 845	29 914	4.19	39.8	42.9	3b	25 759	0.6	0.5
Total das Cidades com Mais de 20 000 Habitantes		791 972	1 198 949	4.23	-	-	-	2 508 500	100.0	

FONTE: FIBGE - Censos Demográficos de 1970 e 1980 e Censo Industrial de 1975 (apud OHTAKE & SALLES, 1983, p.43)

migração tende a acelerar-se no período de safra (migração sazonal), quando se instalam na região, migrantes de outros estados (MG e PR, principalmente), sendo que aproximadamente 43% tendem a se fixar.

A EXPANSÃO INDUSTRIAL DA REGIÃO NA DÉCADA DE 70

Os anos 70 caracterizaram-se pelo crescimento industrial e aceleração dos investimentos privados, com impulso a descentralização industrial, de São Paulo para outras regiões. O setor secundário, na década de 70, sofre, assim, um processo de desconcentração industrial (principalmente a partir de 1975).

Entre 1960 e 1970, a participação relativa da Região Administrativa de Ribeirão Preto⁽⁶⁾, na indústria paulista, permaneceu estável em relação ao emprego (3,9%) e caiu ligeiramente em relação ao valor de transformação industrial (3,2% em 1960 e 3,0% em 1970). Entre 1970 e 1975, a região aumentou sua participação no emprego industrial de 3,9% para 4%. Entre 1975 e 1977, houve uma transformação: a participação regional no valor de transformação industrial no estado, subiu de 2,9% em 1975 para 3,9% em 1977.⁽⁷⁾

(6) Trataremos nesse período (1920 a 1980), nas referências a dados à "Região Administrativa de Ribeirão Preto" e não a "Sub-região de Ribeirão Preto" (região de governo) que é o objetivo desse estudo, devido à indisponibilidade de dados mais específicos, nesse período.

(7) Ver TABELAS 2 e 3, referentes respectivamente a: "Evolução da participação relativa da regiões administrativas no Valor de Transformação Industrial de 60 a 77" e "Evolução da participação relativa das regiões administrativas no emprego industrial de 60 a 75".

TABELA 2 Evolução da participação relativa das regiões administrativas no Valor de Transformação Industrial de 60 a 77
Em %

Regiões Administrativas	1960	1970	1975	1977
Grande São Paulo	73.8	75.3	69.2	67.2
Litoral	4.0	2.8	2.6	3.3
Vale do Paraíba	2.0	3.4	4.3	4.6
Sorocaba	3.3	2.2	2.5	3.3
Campinas	8.9	9.9	15.1	14.4
Ribeirão Preto	3.2	3.0	2.9	3.8
Bauru	1.1	0.9	1.0	1.1
São José do Rio Preto	0.6	0.5	0.6	0.8
Araçatuba	0.8	0.5	0.4	0.4
Presidente Prudente	1.2	0.7	0.6	0.5
Marília	1.0	0.8	0.7	0.6
Estado	<u>100.0</u>	<u>100.0</u>	<u>100.0</u>	<u>100.0</u>

FONTE: Censos Industriais de 1960, 1970 e 1975 e Pesquisa Industrial de 1977
(apud OHTAKE & SALLES; 1983, p. 55)

TABELA 3 - Evolução da participação relativa das R.A. no emprego industrial de 60 a 75

Em %

Regiões Administrativas	1960	1970	1975
Grande São Paulo	70.1	70.0	67.9
Litoral	1.5	1.8	1.7
Vale do Paraíba	2.9	3.7	3.9
Sorocaba	4.3	3.7	3.7
Campinas	11.2	12.2	13.5
Ribeirão Preto	3.4	3.9	4.4
Bauru	1.4	1.3	1.4
São José do Rio Preto	0.9	0.9	1.1
Araçatuba	0.7	0.6	0.7
Presidente Prudente	0.8	0.7	0.8
Marília	1.0	1.2	1.1
Estado	100.0	100.0	100.0

FNIE: Censos Industriais de 1960, 1970 e 1975 (apud OHTAKE & SALLES, 1983, p.56)

Para entender melhor essas mudanças no valor de transformação industrial, da década de 70, é preciso integrar a região de Ribeirão Preto nos acontecimentos nacionais da década. Assim, em 1970, a região de Ribeirão Preto mantinha uma estrutura industrial concentrada fortemente no setor de bens não-duráveis de consumo, que absorviam 51,1% do VTI. Para compreender esses fatos é importante assinalar que os anos 70 marcaram um incisivo impulso na industrialização brasileira, processo cujo marco inicial remonta a 1968, com o "milagre" econômico brasileiro (1968/73). No bojo do II PND, setores da indústria de bens de capital tiveram forte estímulo a fim de complementar os setores já instalados (principalmente bens de consumo duráveis). Assim, a partir do final da década, a produção de álcool iria expandir-se, impactando sobre os segmentos produtores de insumos químicos, implementos agrícolas e equipamentos para usinas e destilarias.

Nesse movimento de expansão industrial dos anos 70, a região de Ribeirão Preto foi altamente expressiva, sendo que em 1975, o crescimento industrial se identifica principalmente a uma especialização no ramo de produtos alimentares, responsável por mais de 1/3 do faturamento industrial. Ao mesmo tempo, a importância de outros ramos como: a mecânica, vestuário, calçados, metalúrgica, têxtil e química indicava uma estrutura industrial diversificada, embora houvesse, como já foi citado, uma especialização industrial regional no ramo de produtos alimentares e calçados(8). Em 1980, o peso relativo

(8) Ver TABELA4: " A Região de Ribeirão Preto - Principais ramos industriais na oferta de emprego das cidades com mais de 20000 habitantes.

TABELA 4 - Região de Ribeirão Preto - Principais Ramos Industriais na Oferta de Emprego das cidades com mais de 20000 habitantes - 1975 - (em %)

CIDADES	TOTAL PRINCIPAIS RAMOS	PRINCIPAIS RAMOS INDUSTRIAIS					
		1º		2º		3º	
		Ramo	Sobre P. O. Total	Ramo	Sobre P. O. Total	Ramo	Sobre P. O. Total
São Paulo							
Sub-Região de Ribeirão Preto							
Ribeirão Preto	36.5	Produtos Alimentares	13.1	Têxtil	23.1	Mecânica	10.3
Sertãozinho	75.5	Mecânica	37.7	Produtos Alimentares	20.4	Metalúrgica	17.4
Batatais	74.6	Mecânica	40.6	Metalúrgica	21.8	Produtos alimentares	12.2
Sub-Região de Franca							
Franca	87.6	Vestuário e calçados e artefatos de tecidos	70.8	Borracha	9.1	Couros e peles e artefatos para viagem	-
Sub-Região de Ituverava							
Ituverava	50.0	Produtos alimentares	25.2	Mecânica	15.3	Transformação de produtos de minerais não metálicos	9.5
Sub-Região de São Joaquim da Barra							
São Joaquim da Barra	60.6	Vestuários e calçados e artefatos de tecidos	27.8	Produtos alimentares	16.8	Metalúrgica	15.7
Oriândia	59.5	Metalúrgica	26.4	Produtos alimentares	21.7	Mecânica	11.4
Sub-Região de Barretos							
Barretos	75.0	Produtos alimentares	61.0	Mecânica	7.6	Transformação de produtos de minerais não metálicos	6.4

Continua

CIDADES	TOTAL PRINCIPAIS RAMOS	PRINCIPAIS RAMOS INDUSTRIAIS					
		1º		2º		3º	
		Ramo	Sobre P. O. Total	Ramo	Sobre P. O. Total	Ramo	Sobre P. O. Total
Sub-Região de Jaboticabal							
Jaboticabal	61,1	Mecânica	26,6	Transformação de produtos de minerais não-metálicos	19,3	Produtos Alimentares	15,2
Rebedouro	75,4	Produtos alimentares	53,9	Material de transporte	11,9	Química	9,6
Taquaritinga	79,8	Produtos alimentares	61,7	Mobiliário	13,5	Bebidas	4,8
Monte Alto	60,1	Produtos alimentares	26,6	Metalúrgicas	24,1	Mecânica	17,4
Sub-Região de Araraquara							
Araraquara	53,3	Produtos alimentares	23,6	Têxtil	16,6	Mecânica	13,3
Matão	76,9	Mecânica	48,8	Material elétrico e de comunicações	18,5	Produtos alimentares	9,8
Ibitinga	55,0	Vestuário e calçados e artefatos de tecidos	25,7	Produtos alimentares	17,0	Transformação de produtos de minerais não metálicos	12,3
Sub-Região de São Carlos							
São Carlos	58,3	Mecânica	31,8	Metalúrgica	13,7	Têxtil	12,8

Continua

Continuação

CIDADES	TOTAL PRINCIPAIS RAMOS	PRINCIPAIS RAMOS INDUSTRIAIS					
		1º		2º		3º	
		Ramo	Sobre P. C. Total	Ramo	Sobre P. C. Total	Ramo	Sobre P. C. Total
<u>Minas Gerais</u>							
Sub-Região de Barretos Frutal	64.7	Produtos alimentares	39.4	Transformação de produtos de minerais não metálicos	17.6	Madeira	7.7
Sub-Região de Passos Passos	82.5	Produtos alimentares	67.5	Transformação de produtos de minerais não metálicos	8.5	Mobiliário	6.5
Sub-Região de São Sebastião do Paraíso São Sebastião do Paraíso	57.3	Produtos alimentares	25.4	Couro e peles e artefatos para viagem	19.4	Transformação de produtos de minerais não metálicos	12.5

FORTE: FIBGE - Censo Industrial 1975 (apud OHTAKE & SALLES, 1983, p. 62)

do VTI da região no total estadual alcançaria 4,8%, crescendo mais que o conjunto do estado. Na sua estrutura industrial, dois ramos concentravam 50% do VTI: produtos alimentares (35%) e química (15%), o que se deve a presença, em ambos, da agroindústria (carnes, soja, açúcar, laranja, álcool e óleos vegetais). Seguia-se a mecânica (16%) e vestuário e calçados (8%)(9). No que se refere ao emprego, inversamente, mecânica, vestuário e calçados absorviam 45% do total, contra apenas 14% no ramo de produtos alimentares e 3% da química.

Entre os fatores responsáveis por esse dinamismo industrial, estão:

- * a excelente rede viária regional, que ampliou-se muito no período, favorecendo a instalação de indústrias complementares ou não às instaladas em São Paulo;

- * os estímulos vindos do comércio internacional;

- * as transformações modernizantes na agricultura regional, que serviriam de base à ampliação e diversificação da agroindústria. Os efeitos desse crescimento agroindustrial se manifestam não apenas nas indústrias processadoras, mas também sobre os compartimentos produtores de insumos e equipamentos, boa parte dos quais também instalados (ou atraídos para a região), quer na forma de geração de empregos e fluxos de renda, quer como demanda ampliada ao setor terciário.

Enfim, na década de 70, o dinamismo do setor primário, o crescimento populacional e a aceleração da

(9) Dados que se aproximam da tabela 5: "Região Administrativa de Ribeirão Preto - Faturamento por ramo industrial - de 1975 a 1979 (em %)".

TABELA 5 - Região de Ribeirão Preto - Faturamento por ramo industrial -
de 1975 a 1979 (em %)

Ramos industriais	1975	1979
Minerais não-metálicos	1,46	1,60
Metalúrgica	6,57	4,48
Mecânica	19,60	13,77
Material elétrico e de comunicações	3,97	3,45
Material de transporte	1,02	0,84
Madeira	0,60	0,45
Mobiliário	1,59	1,15
Papel e papelão	0,76	0,65
Borracha	2,28	1,45
Couros, peles e produtos similares	1,20	1,40
Química	4,83	2,09
Produtos farmacêuticos e medicinais	0,24	0,26
Produtos de perfumaria, sabões e velas	0,10	0,07
Produtos de matérias plásticas	0,81	0,91
Têxtil	5,71	5,51
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	8,52	10,05
Produtos alimentares	36,75	49,30
Bebidas	2,51	0,95
Editorial e gráfica	0,52	0,29
Diversos	1,58	1,54
Total	100,00	100,00

FONTE: Secretaria da Fazenda. (apud OHTAKE & SALLES, 1983, p. 57)

urbanização impulsionaram expressiva expansão do mercado regional. (10)

O DESENVOLVIMENTO DO SETOR TERCIÁRIO NA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO, NA DÉCADA DE 70

Desde sua constituição em município, no auge da economia cafeeira, Ribeirão Preto sempre se destacou como pólo de comércio e serviços.

Embora conte com uma base produtiva agrícola e industrial, o comércio representa um setor muito forte. Censos Demográficos mostram que, em 1970, ocupava-se no terciário 64,1% da população economicamente ativa (PEA) da cidade.

O papel da cidade, de pólo regional, foi potencializado pelo eficiente e ramificado sistema viário, a proximidade de outros centros consumidores - como o sul de Minas Gerais e os municípios vizinhos da sub-região - de população de alto poder aquisitivo, cada vez mais urbanizada e em contínuo crescimento.

(10) Ver TABELAS 6 e 7, referentes respectivamente a : "Região de Ribeirão Preto - participação dos setores de atividades no valor adicionado e na absorção de mão-de-obra - 1970/77" e "Região de Rib. Preto - Evolução do emprego por setor de atividade"

TABELA 6 - Região de Ribeirão Preto (porção paulista) Participação dos setores de atividade no valor adicionado e na absorção de mão-de-obra - 1970-1977.

Participação por setor (%)	1970		1977	
	Valor adic_ionado	Mão-de-obra	Valor adic_ionado	Mão-de-obra
Primário	26,9	63,1	14,3	52,7
Secundário	32,6	19,2	48,3	24,8
Terciário	40,5	17,7	37,3	22,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo.
Plano Regional de Ribeirão Preto. 1978(apud OHTAKE & SALLES,1983,p2)

TABELA 7 - Região de Ribeirão Preto (porção paulista) evolução do emprego por Setor de Atividade - 1970-1977

	Setor Primário			Setor Secundário			Setor Terciário			Total		
	1970	1977	Δ 1970-77 %	1970	1977	Δ 1970-77 %	1970	1977	Δ 1970-77 %	1970	1977	Δ 1970-77 %
Ribeirão Preto	40.297	59.729	48	14.837	30.867	108	17.129	35.532	107	72.263	126.128	73
Aranca	16.060	18.664	16	9.455	21.292	125	3.759	8.342	122	29.274	45.298	65
Araverava	11.886	13.405	13	1.512	2.268	50	2.059	3.085	50	15.457	18.758	21
Boa Joaquim	11.618	15.874	37	1.869	4.111	120	2.190	4.811	120	15.677	21.796	58
Arretos	13.233	20.044	51	2.079	4.389	111	3.993	8.427	111	19.305	31.860	70
Boticabal	33.934	36.412	7	5.574	13.904	149	6.270	15.586	149	45.778	65.802	44
Araraquara	30.396	37.676	24	7.083	8.852	25	7.313	9.139	25	44.792	55.697	24
Ar Carlos	9.744	19.943	105	8.306	18.750	125	4.233	9.417	122	22.283	45.110	110
Total	167.168	221.747	33	50.715	104.463	106	46.946	94.339	101	264.829	420.349	59

FE: Secretaria da Economia e Planejamento do Estado de São Paulo. Plano Regional de Ribeirão Preto. 1978

(apud OHTAKE & SALLES, 1983, p. 113)

Em 1980, empregavam-se no setor terciário de Ribeirão Preto dois terços (2/3) do total de empregados da cidade e mais do dobro da PEA empregada na indústria. Ribeirão é um município no qual cresce o peso do setor terciário setorial da PEA, simultaneamente ao crescimento do setor secundário. A razão terciário/secundário, na década de 70 (de 1970 a 1980) diminui de 2,8 para 2,5. Enquanto a PEA, no secundário, cresce, no período, de 23,6% para 27,4%, no terciário o aumento foi de 65,2% para 67,3%.

Assim, entre 1970 e 1980, enquanto diminuía a PEA agrícola, tanto os empregos no comércio e nos serviços, quanto a PEA secundária expandiram-se; sendo que o terciário teve taxa média de expansão de 6% a.a., mostrando um ótimo dinamismo na absorção de empregos.

Seria bom frisar que, em Ribeirão Preto, não foram apenas a urbanização e o crescimento industrial local, os responsáveis pela expansão do setor terciário, mas também:

- a modernização e expansão agroindústria;
- a industrialização;
- o aumento da população urbana em toda região.

Esses fatores, acima citados, repercutiam com intensidade sobre a estrutura de serviços da cidade. Os serviços distributivos - comércio, transportes e comunicação - eram, tanto em 1970, quanto em 1980, os segmentos do terciário que mais empregavam e cresciam em conjunto com a elevada taxa anual de 7% .

Com exceção do ramo de administração pública, que produz mais empregos proporcionalmente nos outros setores urbanos da região, nos demais setores a geração de empregos em Ribeirão Preto é proporcionalmente maior que no total da região. A diferença mostra-se significativa na prestação de serviços (23,9% para 19%), no setor de atividades sociais (16,8% para 10,5%) e, particularmente, no caso do comércio - responsável por 20% dos novos empregos urbanos na cidade, respondendo por 14% a nível de região administrativa.

Esse dinamismo do comércio municipal é evidenciado pelo aumento da rede de supermercados ou das grandes redes de lojas, impactando sobre o consumo. No atacado, houve alterações nas relações com produtores e varejistas, devido às melhorias nos transportes e comunicações.

O sistema de transportes, no período, assistiu a decadência da ferrovia e expansão da rede rodoviária, multiplicando a frota de veículos que trafegam pelas diversas rodovias que se comunicam com o município de Ribeirão Preto.

Nas comunicações, os anos 70 marcaram um salto, tanto qualitativo quanto quantitativo, repercutindo no aspecto produtivo e urbanístico da região.

Também o aumento expressivo do emprego no setor terciário reflete a elevação da demanda por atividades técnicas, de apoio a produção - consultoria, engenharia, manutenção, por exemplo - e crescimento do segmento de intermediação financeira.

Esse segmento financeiro desenvolvido caracteriza uma forte expansão do setor bancário e financeiro na região, com um rápido surgimento e crescimento de muitas agências e financiadoras, principalmente a nível de cidade-sede (Ribeirão Preto), que nos anos 80 iria se destacar pelo desenvolvimento de suas agências bancárias e volume de compensação de cheques mensais. Não há dúvidas quanto ao fato desse desenvolvimento do ramo bancário, na região, estar diretamente ligado ao desenvolvimento econômico acelerado do município e região, particularmente ao crescimento dinâmico do complexo agroindustrial canavieiro e dos ramos a ele interligados, levando a uma concentração de riquezas e aceleração dos negócios dentro da região .

No entanto, é válido evidenciar, que o surgimento de bancos e ampliação das agências, na região de Ribeirão Preto, tem também um forte caráter conjuntural e especulativo, pois sabia-se da existência de fluxos de capitais permanentes, vindos de outras localidades, que eram absorvidos na região.

O emprego nos serviços sociais também aumentou acentuadamente em relação ao emprego total do município-sede (Rib. Preto): de 11% em 1970, para 13,9% em 1980 - evolução condicionada pelas necessidades de uma população em rápido crescimento.

**A MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA E PENETRAÇÃO DO CAPITALISMO NO CAMPO,
NA DÉCADA DE 70, NA REGIÃO - A EXPANSÃO DOS COMPLEXOS
AGROINDUSTRIAIS**

Nos anos 70, o setor primário passaria por significativas transformações modernizantes e estruturais, e por seu turno, o setor terciário, reagindo aos estímulos advindos dessa dinâmica agrícola e industrial.

Os anos 70 marcaram a consolidação do processo de modernização da agricultura, iniciado no final dos anos 50.

Houve uma integração da agricultura à atividade industrial, que se consolidaria com a industrialização do campo. Para produzir, a agricultura usa insumos e maquinários que lhe são fornecidos pela indústria. Por outro lado, a agricultura se relaciona, agora, com o setor industrial, fornecendo matéria-prima para as agroindústrias.

Nessas transformações modernizantes dos anos 70, o Estado ocupou lugar central, promovendo a implantação de infra-estrutura, formação de sistemas nacionais de pesquisa e extensão e promovendo um circuito de financiamento, envolvendo a criação de infra-estrutura, custeio da produção e comercialização. Esse circuito iria promover a expansão acelerada dos setores industriais acoplados à agricultura, bem como da agroindústria.

Do ponto de vista do mercado, o setor externo, nos anos 70, passaria a absorver parcela cada vez maior da produção nacional (que aumenta sua diversidade de produtos e eleva o grau de processamento dos mesmos).

Outro traço importante da expansão agrícola dos anos 70, no estado de São Paulo, diz respeito à expansão da área cultivada e ao aumento da produtividade.

Nesse processo de penetração do capitalismo na agricultura, a região de Ribeirão Preto foi pioneira(11). Nessa região, apesar de permanecer, em 1970, como a mais importante produtora agropecuária do estado, observa-se a passagem do modelo de desenvolvimento agrário-exportador para uma etapa de acumulação de capital, de realização interna, onde o mercado interno contribui bastante para uma grande diversificação da estrutura produtiva no campo. Esse fato interfere nas relações de produção da agricultura, através da formação de empresas de emergência de um pequeno produtor CAPITALIZADO.

Para que essas mudanças acontecessem na região de Ribeirão Preto, foi importante a diversificação agrícola que caracterizou aquela região nos anos 30, após a crise cafeeira(12).

(11) Embora haja evidências de que as regiões de Campinas e/ou Sorocaba tenham sofrido essas mudanças com maior antecedência, no início do século.

(12) Caso de Rib. Preto, Jardinópolis, Sertãozinho, Pontal e Barrinha na produção de algodão e cana-de-açúcar; Jardinópolis na produção de cereais e Rib. Preto na pecuária especializada em gado leiteiro.

A substituição do café por pastagens, se por um lado contribuiu para preservar uma estrutura agrária, assentada na grande propriedade, por outro lado, diminuiria bruscamente a demanda de trabalhadores braçais, não fossem outros fatores que entraram para mudar a estrutura produtiva da região. Dentre esses outros fatores, ressalta-se : o surgimento e ampliação da área de influência das agroindústrias. Assim, é desta época que as agroindústrias se desenvolvem em Ribeirão Preto, embora, já na década de 50, fossem grandemente incrementadas as produções de milho e rações (exemplo: SANBRA, em Ribeirão Preto).

Porém, o principal produto que aos poucos deslocou pequenos produtores, tomou terras disponíveis, valorizou a terra e mudou a composição da força de trabalho foi: a cana-de-açúcar. **(13)**

A política governamental expressa através do IAA - de racionalização da produção canavieira - que vem desde meados dos anos 60 - viria a ser importante instrumento de concentração e centralização da produção de álcool e de açúcar a nível regional.

Os incentivos financeiros decorrentes de medidas governamentais se constituíram um fator impulsionador, de grande incremento da produção canavieira .

(13) Principal responsável na sub-região de Ribeirão Preto, pela modernização e industrialização da agricultura.

Percebe-se assim, que são na verdade os produtos ligados a exportação e/ou destinados as agroindústrias, aqueles que marcaram a constituição da estrutura produtiva dos anos 70 na região, tanto pela ocupação territorial, quanto pelo valor da produção.

B I B L I O G R A F I A :

- * CIONE, Rubem (1973), História de Ribeirão Preto;
- * MIRANDA, José Pedro de (1971), Ribeirão Preto: de ontem e hoje, Edição da Livraria El Dorado, Ribeirão Preto , 1971;
- * NEDRI, Barjas, Ribeirão Preto - texto do relatório: Explosão Urbana Regional e Demandas Sociais no estado de SP 1970/1985, FECAMP/UNICAMP, janeiro de 1988, mimeo;
- * OHTAKE, Maria Flora G. & SALES, Teresa (1983) ; Caracterização Sócio-Econômica;
- * SEMEGHINI, Ulisses C. (1990), A Região Administrativa de Ribeirão Preto, in : Cenários da Urbanização Paulista; Campinas : FECAMP, agosto de 1990, datilografado;

C A P Í T U L O I I

O DESENVOLVIMENTO DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA COM A INTERVENÇÃO DO ESTADO

E

A CONCENTRAÇÃO ECONÔMICA E TÉCNICA NA SUA DINÂMICA DE PRODUÇÃO E ACUMULAÇÃO

Esse capítulo analisará o Programa Nacional do Alcool (PNA), de essencial importância para o futuro da agroindústria canavieira na sub-região de Ribeirão Preto desde sua implantação.

Com a implementação do PNA, uma outra dinâmica surgiu para a economia do setor sucroalcooleiro, trazendo consigo um desenvolvimento econômico global para a sub-região em análise (e toda a região administrativa) de um modo amplo, rápido e integrado.

O período analisado (1975/87) foi marcado por uma acelerada expansão da produção e pela entrada de inúmeros novos capitais, sem tradição na produção de álcool e de açúcar. Esta expansão deu-se, principalmente pelo deslocamento do álcool combustível de sub-produto da fabricação do açúcar para produto principal da agroindústria. Foi fundamental para esta passagem, a "criação" de um mercado expandido para o álcool combustível pelo Estado, inclusive com a garantia de compra de toda a

produção planejada pela Petrobrás, quer para misturar com a gasolina automotiva (álcool anidro), quer com combustível exclusivo (álcool hidratado).

A concorrência intercapitalista, que se processou durante o período do PNA, submeteu-se a limites fixados pelos organismos de planejamento do Estado - CENAL e IAA - que trouxeram mudanças na concentração técnica e econômica da agroindústria canavieira paulista.

A INTERVENÇÃO GOVERNAMENTAL NA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA

A partir da década de 30, com a criação do IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool), tomam corpo os mecanismos que orientam e condicionam a atividade deste setor até os dias de hoje. O período era de grande crise de superprodução, com queda nos preços interno e externos.

Cabia ao IAA, no que se refere ao álcool, o papel de comprador dos excedentes de produção e exportador a preço corrente no mercado internacional. Para o açúcar, ao IAA cabia a determinação de quotas individuais de produção, tendo por base a capacidade instalada de cada unidade e as previsões de evolução do mercado, além de regular o mercado de açúcar, comprando excedentes de produção e usando seus estoques para abastecimento, no caso de falta do produto.

Os recursos para custear as atividades do Instituto e incentivar a pesquisa tecnológica, eram obtidos

através de taxas que incidiam sobre a produção do açúcar e sobre a importação de gasolina.

Em 1941, o IAA vê reforçado o conjunto de suas atribuições com a promulgação do Estatuto da Lavoura Canavieira, que iria disciplinar as relações entre as usinas e os fornecedores de cana-de-açúcar.

O final da década de 40 e toda a década de 50 foi marcada por regulamentações que permitiram um aumento da participação do Estado de São Paulo, imposta pelo dinamismo da produção paulista e a sua proximidade do mercado consumidor. Com isso, a produção nacional de açúcar dobrou na década de 50. Porém, devido ao excesso produtivo frente à capacidade de consumo, o IAA teve que aumentar as suas exportações.

Com isso, e com a exclusão de Cuba do Mercado Americano, a década de 60 mostrava-se favorável ao açúcar brasileiro. Pretendia-se, assim, aumentar a produtividade e os rendimentos agrícolas e industriais. Porém, se por um lado, a produção aumentou, por outro, o consumo interno não correspondeu às expectativas, fozando as exportações, sendo que as melhorias técnicas não avançaram muito, comprometendo o rendimento.

Em 1971, o IAA criou o Programa de Melhoramento da Cana-de-açúcar (PLANALSUCAR), objetivando incentivar a pesquisa para inovações, no processo de produção do açúcar. Os recursos para esse programa vinham do IAA, que aumentava as exprotações, no primeira metade da década de 70.

Os bons preços e as boas perspectivas do mercado internacional eram um incentivo ao crescimento da produção, aumentando a capacidade financeira do IAA de fornecer créditos para a modernização e ampliação da capacidade produtiva.

A EXPANSÃO DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA COM O PROÁLCOOL

Com perspectivas de ociosidade no parque industrial sucroalcooleiro, e problemas na balança de pagamentos com a quadruplicação do preço do petróleo em 1974 (em 1973 o barril de petróleo custava US\$ 2,5 em média, e um ano depois o preço era de US\$ 10,5), O IAA estabeleceu medidas de incentivo à produção do álcool.

Foi proposto ao Conselho Nacional de Petróleo (CNP), um aumento da produção brasileira de álcool, através de :

- incentivo à utilização da capacidade ociosa das destilarias anexas;
- incentivo à construção de destilarias autônomas de álcool;

Sugeria-se ainda:

- a fixação de preços compensadores para a produção de cana-de-açúcar;
- a elevação do preço do álcool, de forma a tornar sua produção compatível com a do açúcar;

- a concessão de financiamentos para o setor realizar a expansão.

Em novembro de 1975 foi criado o Programa Nacional do Alcool (PNA). Debateu-se, em seguida, sobre as possíveis matérias-primas a serem priorizadas na produção do álcool como combustível; os órgãos a controlar sua execução e qual o papel da iniciativa privada na produção e comercialização do produto.

Estudou-se o uso da babacú, madeira, batata-doce e mandioca, em detrimento à cana-de-açúcar, para o processamento industrial. Mas, devido a problemas tecnológicos de processamento e pesquisa, esses estudos foram abandonados. A cana-de-açúcar tinha como principal fator a favor de sua hegemonia, o fato de ser a única cultura já cultivada como matéria-prima industrial, existindo experiência e capacidade instalada (ociosa) nas usinas para seu processamento.

A escolha do álcool atendia também aos interesses dos usineiros, já que a baixa da demanda de açúcar, no mercado internacional, permitia a produção do álcool. Também deram apoio à escolha do álcool: a indústria de bens de capital (fornecedora de infra-estrutura para as usinas) e a indústria automobilística, interessada na implementação de uma fonte energética alternativa e viável para substituição da gasolina como combustível, preocupada, assim, com a crise internacional do petróleo e seu relacionamento direto com o futuro da produção e demanda por automóveis.

Caberia, ainda, à Comissão Nacional do Alcool a coordenação do programa (PNA), à Petrobrás o controle da comercialização do álcool combustível e à iniciativa privada a sua produção.

Para incentivar a produção do álcool, além da paridade-preço com o açúcar, foram criadas linhas de crédito e garantia da compra do produto pela Petrobrás.

A resposta à esses incentivos foi um aumento da produção (em especial do álcool anidro, para misturar à gasolina automotiva). Embora a produção de açúcar tenha também crescido neste período, a produção de álcool foi a grande responsável pela expansão do setor. Assim, o PNA garantia a continuidade do crescimento do setor sucro-alcóoleiro, constituindo-se num elemento compensador da perda de dinamismo do mercado internacional do açúcar.

Os grandes beneficiários deste período - 1ª. Fase do PNA (1975/79) - foram as usinas de açúcar, responsáveis pela quase totalidade da produção de álcool no período, graças as suas destilarias anexas (**ver TABELA 8**). A primeira fase do PNA teve suas metas de produção garantidas pelos empresários tradicionais do setor, que usufruíram de investimentos já feitos na indústria e na lavoura, cuja época de maturação coincidiu com o início do Programa.

Em 1979, ocorreu um novo choque nos preços do petróleo, levando o governo a lançar a 2ª. Fase do PNA, com a produção de álcool hidratado para uso exclusivo como combustível, com o comprometimento da indústria

TABELA 8 - Distribuição da Produção de Alcool Segundo Tipo de Destilaria - São Paulo: 1975 - 1987

SAFRA	ÁLCOOL PRODUZIDO (m ³) (1)	DEST. ANEXAS %	DEST. AUTÔNOMAS %
1975/76	357.119	99,7	0,5
1976/77	455.890	99,6	0,4
1977/78	1.089.919	94,9	5,1
1978/79	1.802.763	96,0	4,0
1979/80	2.456.459	95,2	4,8
1980/81	2.569.634	91,7	9,3
1981/82	2.763.022	87,9	12,1
1982/83	3.766.466	80,8	19,2
1983/84	5.257.492	72,8	27,2
1984/85	5.861.091	69,8	30,2
1985/86	7.438.609	71,7	28,3
1986/87	6.017.078	70,0	30,0
1987/88	7.119.330	70,4	29,6

FONTE: IAA - SRS (apud, MOREIRA, 1989, p. 59)

NOTAS: (1) Em álcool anidro equivalente.

automobilística a produzir, em série, veículos movidos a álcool. O Estado, por si, reduziu o IPI, taxa rodoviária e estabeleceu um limite do preço da gasolina. A comercialização do produto continuava sob responsabilidade da Petrobrás, que absorvia suas produções. Além disso, as condições de financiamento continuaram vantajosas.

Com esses incentivos, a produção de álcool aumentou sobremaneira, e o açúcar, que obteve uma alta dos preços internacionais em 1980 e 1981, ajudou a amenizar os problemas com a balança de pagamentos. Do ponto de vista institucional, foi criado o CENAL (Comissão Executiva Nacional do Alcool) que passou a executar o PNA, a fim de, principalmente, descentralizar do IAA as informações sobre a produção e capacidade produtiva. O CENAL passou a ser responsável pela aprovação inicial dos recursos para investimentos do PNA e aprovação de projetos de instalação e ampliação de destilarias, permitindo o desenvolvimento das destilarias autônomas.

Esses acontecimentos revelam a preocupação governamental com o planejamento pelo lado da produção e não pelo lado do consumo. O Estado, assim, regula projetos de instalação e ampliação de usinas (e seus aspectos produtivos), deixando de lado o controle do consumo (resultando na crise de abastecimento do álcool, no final dos anos 80).

Começaram a surgir disparidades entre as informações do IAA e as do CENAL, fazendo com que grupos

mais dinâmicos ampliassem suas produções para além dos limites dos projetos. Como consequência, a concessão de crédito do CENAL cessou e os usineiros aumentaram sua produção com recursos do IAA.

Com isso, na safra de 84/85 surgiram excedentes de produção de álcool e problemas financeiros para a Petrobrás, devido ao custo de manutenção de estoques elevados de álcool e perda do mercado de gasolina, cujo preço ao consumidor, mais elevado, era o mecanismo usado para garantir preços baixos a derivados, como o óleo diesel.

Concluindo, percebe-se, que toda essa dinâmica que envolve o desenvolvimento da agroindústria canavieira, surge a partir do deslocamento do açúcar pelo álcool, que assume desde então (1975) o papel de principal produto.

O Estado, que antes do FNA baseava sua intervenção no controle da oferta e na neutralização das flutuações dos preços do açúcar no mercado internacional, se torna presente pela criação de demanda para o álcool combustível, mantendo diferenças de preço e percentuais de mistura entre os dois combustíveis.

Finalmente, a expansão da produção de álcool foi a forma para a agroindústria canavieira continuar se expandindo com as metas dos anos 70, dobrando o número de plantas industriais e abrindo espaço para a entrada de novos produtores.

A CONCENTRAÇÃO ECONÔMICA DA AGRICULTURA CANAVIEIRA PAULISTA

Analisando os dados da **tabela 9.1**, notamos que a variação da moagem média de cana no estado de SP, está em ascensão permanente. No período 1975/80 (1a. fase do PNA), o aumento da escala média de produção foi na ordem de 66% , o que poderia ser explicado por três fatores:

- o setor utiliza, de início, a capacidade de produção expandida, devido à investimentos anteriores ainda não maturados;
- a meta de produção do PNA compensa a reversão das expectativas do açúcar no mercado externo;
- a participação das destilarias autônomas, na época, ainda era pequena, ficando a produção de álcool praticamente com os grupos açucareiros.

O período entre as safras 1979/80 e 1984/85 mostrou uma desaceleração do crescimento da escala média (de 66%, do período anterior, para 18,6%). Porém, mesmo com o aumento da produção, é nessa fase que surge o maior número de destilarias autônomas. O período 1985/86 e 1987/88 apresenta uma estabilidade na escala média de produção em relação à safra de 1984/85. Uma característica que marca este período é o fim das condições favoráveis nos créditos para investimentos no Centro-Sul.

As indefinições que caracterizam a política governamental com respeito à continuidade do PNA e a redução

TABELA 971 - Número de Usinas/Destilarias e Escala Média de Produção no Estado de São Paulo: 1974 - 1987

SAFRA	Nº DE UNIDADES EM FUNCIONAMENTO	TON. CANA MOÍDAS POR USINA/DESTILARIA	TON. CANA MOÍDAS POR USINA/DESTILARIA-MÉDIA TRIENAL
1974/1975	81	431.275	414.862
1975/1976	80	389.989	419.566
1976/1977	78	532.795	448.020
1977/1978	80	668.581	527.122
1978/1979	82	679.177	626.851
1979/1980	85	724.577	690.778
1980/1981	87	796.188	733.447
1981/1982	96	737.174	752.650
1982/1983	115	783.504	772.292
1983/1984	130	862.637	794.548
1984/1985	138	810.775	818.972
1985/1986	147	833.906	835.773
1986/1987	146	782.789	809.157
1987/1988	147	847.715	821.470

FONTE: IAA-SRS (apud MOREIRA, 1989, p. 72)

OBS.: 1) A partir da safra 1977/1978, o total de cana moída inclui a cana destinada à produção de GLUDEX por uma usina de açúcar.

2) O número de unidades em funcionamento exclui as desidratadoras de aguardente e destilarias que não usam cana-de-açúcar como matéria-prima.

deliberada das exportações de açúcar inibiram os investimentos em novas unidades.

A forte presença de empresas familiares na agroindústria canavieira paulista coloca algumas dificuldades para a caracterização dos grupos econômicos. Percebe-se, na evolução do setor, um movimento de dispersão do capital em virtude da divisão do patrimônio das famílias entre os herdeiros, em contraposição ao movimento mais geral de concentração econômica própria do capitalismo.

Esse é o caso, por exemplo, da família Biagi, da sub-região de Ribeirão Preto. Ali temos a Usina da Pedra, controlada por Baudílio Biagi, funcionando independentemente das empresas controladas por Maurílio Biagi, quais sejam: a Usina Santa Elisa e as destilarias MB e Demol. A Usina Barbacena muda de controle acionário duas vezes de 1980 a 1988. Até 1980, era controlada pela família Marchesi; deste ano até 1986 pelas famílias Mele e Fonseca e a partir daí se incorpora ao grupo Maurílio Biagi, mudando de nome para: Usina Santa Elisa.

O grupo Maurílio Biagi também possui interesses na produção de equipamentos para usinas, através do controle da Zanini S/A; porém, com predomínio da produção sucroalcooleira nos seus negócios.

As tabelas 9.2 a 9.5 apresentam a participação dos oito maiores grupos canavieiros no total de cana moída no estado de São Paulo, para os anos safras de 1975/76, 1979/80, 1984/85, 1987/88.

TABELA 9.2

MAIORES GRUPOS SUCRO ALCOOLEIROS DO ESTADO DE SAO PAULO
(SAFRA 1975/76 - MEDIA TRIENAL)

GRUPOS ECONOMICOS	Mo. DE USINAS	TONELADAS DE CANHA MOIDAS	PART. (2)	PART.ACUM. (2)
LUIZ/JOAO ONETTO	4	3954063	10.90	10.90
PEDRO ONETTO	3	3363980	9.27	20.17
ZILLO/LORENZETTI	2	2345864	6.47	26.64
MERMINIO ONETTO	1	1551875	4.28	30.92
QUATRO MAIORES/SUB-TOTAL	10	11215782	30.92	
VIRGOLINDO DE OLIVEIRA	2	1268913	3.50	34.41
SILVA GORDO	2	1107645	3.05	37.47
ATTILIO BALBO	2	1058976	2.92	40.39
ATALLA	1	989724	2.73	43.12
OITO MAIORES/SUB-TOTAL	17	15641039	43.12	
TOTAL	82	36277378	100.00	100.00

FONTE : IAA - SRS
JUCESP

(apud MOREIRA, 1989, p.78)

TABELA 9.37

MAIORES GRUPOS SUCRO ALCOOLEIROS DO ESTADO DE SAO PAULO
(SAFRA 1979/80 - MEDIA TRIENAL)

GRUPOS ECONOMICOS	No. DE USINAS	TON CANA MOIDA	PART. (%)	PART.ACUM. (%)
LUIZ/JOAO ONETTO	4	6965612	11.03	11.03
PEDRO ONETTO	3	5314240	8.42	19.45
ZILLO/LORENZETTI	2	4136712	6.55	26.00
HERMINIO ONETTO	1	2647654	4.19	30.19
QUATRO MAIORES/SUB-TOTAL	10	19064218	30.19	
VIRGOLINO DE OLIVEIRA	2	2145516	3.40	33.59
MAURILIO BIAGGI	2	1999237	3.17	36.76
ATTILIO BALBO	3	1992817	3.16	39.92
BONFIN	1	1601156	2.54	42.45
OITO MAIORES/SUB-TOTAL	18	26802944	42.45	
TOTAL	119	109005005	100.00	100.00

FONTE : IAA - SRS
JUCESP

(apud MOREIRA, 1989, p.79)

TABELA 9.4

MAIORES GRUPOS SUCRO ALCOOLEIROS DO ESTADO DE SAO PAULO
(SAFRA 1984/85 - MEDIA TRIENAL)

GRUPOS ECONOMICOS	No. DE USINAS	TON CANA MOIDA	PART. (%)	PART.ACUM. (%)
LUIZ/JOAO ONETTO	4	10020988	8.62	8.62
PEDRO ONETTO	3	9659187	8.31	16.93
ZILLO/LORENZETTI	3	6603036	5.68	22.61
HERNINIO ONETTO	2	4323164	3.72	26.33
QUATRO MAIORES/SUB-TOTAL	12	30606376	26.33	
MAURILIO BIAGGI	3	4049397	3.48	29.82
VIRGOLINO DE OLIVEIRA	2	3229651	2.78	32.60
RESENOE BARBOSA	2	3083392	2.65	35.25
ATILIO BALBO	3	3015603	2.59	37.85
OITO MAIORES/SUB-TOTAL	22	43984419	37.85	
TOTAL	147	116220429	100.00	100.00

FONTE : IAA - SRS
JUCESP

(apud MOREIRA, 1989, p.80)

TABELA 9.3

MAIORES GRUPOS SUCRO-ALCOOLEIROS DO ESTADO DE SAO PAULO
(SAFRA 1987/88 - MEDIA BIENAL)

GRUPOS ECONOMICOS	No. DE USINAS	TON CANA MOIDA	PART. (%)	PART.ACUM (%)
PEDRO ONETTO	3	19429417	8.69	8.69
LUIZ/JONO ONETTO	3	9941438	8.28	16.97
ZILLO/LORENZETTI	3	6982356	5.75	22.73
MAURILIO BIAGGI	4	4117575	3.43	26.16
QUATRO MAIORES/SUB-TOTAL	13	31398787	26.16	
HERMINIO ONETTO	2	3845536	3.28	29.36
VIRGOLINO DE OLIVETRA	2	3254884	2.71	32.07
REZENDE BARBOSA	2	3152783	2.63	34.70
ATTILIO BALBO	3	3047951	2.54	37.24
OITO MAIORES/SUB-TOTAL	22	44691941	37.24	
TOTAL	150	120010321	100.00	100.00

FONTE : IAA - SRS
JUICESP

(apud MOREIRA, 1989, p.81)

De acordo com essas tabelas percebe-se claramente a evolução do grupo Maurílio Biagi, que na safra 1975/76 nem estava entre os oito maiores grupos sucroalcooleiros paulistas, mas já na safra 1979/80 se posiciona em sexto lugar, alcançando o quinto em 1984/85 e finalmente o quarto lugar do estado em 1987/88. Esse desempenho é atribuído, em grande parte, à instalação da Destilaria MB e o desenvolvimento da Usina Sta Elisa e à Zanini Equipamentos Pesados, que forneceu infra-estrutura para usinas de açúcar e álcool em grande escala, principalmente na primeira metade dos anos 80.

O grupo Attilio Balbo, composto pela Usina Santo Antonio e Usina São Francisco, em Sertãozinho, além da Balbo Agropecuária, é um grupo de grande representatividade frente a produção de açúcar e álcool a nível regional. Este grupo acompanhou o crescimento do grupo Maurílio Biagi, permanecendo entre os oito maiores grupos desde a safra 1975/76.

O grupo Attilio Balbo também é um típico caso de dispersão de capital, fruto da divisão do patrimônio familiar, sendo que um outro grande grupo, descendente da mesma família, hoje é um dos grandes vultos no ramo imobiliário da região de Ribeirão Preto (Construtora Balbo S/A).

A DINÂMICA DA PRODUÇÃO AGROINDUSTRIAL CANAVIEIRA E SEU PROCESSO DE CONCENTRAÇÃO TÉCNICA E ECONÔMICA

O setor produtor de cana-de-açúcar no Brasil, e no estado de São Paulo, em particular, tem grande importância na geração de renda da agricultura e na utilização dos fatores produtivos (como a área utilizada).

A produção de açúcar e álcool são os dois principais produtos industrializados a partir da cana-de-açúcar. Além desses, destacam-se os seguintes produtos e sub-produtos: melado, aguardente, fermento para panificação, celulose, proteína para ração animal e fertilizantes.

O desenvolvimento tecnológico do setor após a crise energética (1973), possibilitou a ampliação da produção do álcool hidratado carburante e o aproveitamento do bagaço de cana. Também com a biodigestão da vinhaça se obteve o aproveitamento do gás metano liberado e o reaproveitamento do fertilizante na propriedade. Essa ampliação dos sub-produtos na dinâmica do álcool alterou consideravelmente a estrutura de custos de produção das usinas.

Um aspecto importante da produção da cana-de-açúcar é o da concentração da produção em grandes propriedades, quando comparada às outras culturas do estado de SP. De acordo com o Censo Agropecuário de 1980, as propriedades com mais de 200 hectares produziam mais de 80% do total de cana-de-açúcar do Estado, bem acima da produção

do feijão (84% em áreas com menos de 200 hectares) e a soja (46,4% em propriedades com menos de 200 hectares).

A produção da cana-de-açúcar caracteriza-se por ser predominantemente capitalista, com índice elevado de concentração fundiária, grande número de pequenos fornecedores e mão-de-obra assalariada temporária.

Dessa forma, sua vinculação com a indústria é notável, constituindo-se um complexo agroindustrial. Por um lado está atrelada a uma estrutura produtiva de equipamentos e insumos típicos da agricultura tecnificada. Por outro lado, está vinculada às grandes usinas de açúcar e de álcool, em uma integração vertical não comum à produção agrícola.

Percebe-se ainda que a concentração nesse setor vem aumentando nas últimas décadas, acompanhada de um processo de modernização e integração da produção de matéria-prima às atividades industriais. Como consequência, há o aumento da proporção da cana-de-açúcar própria das usinas em relação à produção dos fornecedores.

Ao se decidirem pela cana-de-açúcar, os responsáveis pela política energética levaram a uma situação que favoreceria a concentração econômica e fundiária. Em função da baixa densidade econômica do produto e do rápido processo de inversão de sacarose após o corte e a queima, lucra mais quem possuir cana mais próxima da usina.

Verifica-se que é no Centro-Sul do Brasil que a concentração fundiária e da produção, em mãos de grandes grupos produtores de açúcar e álcool, é maior.

No estado de SP, o tamanho médio das usinas cresce desde 1930 até os dias de hoje, não permitindo que capitais modestos ingressem no setor. Na safra 1976/77, a primeira após o lançamento do Proálcool, existia apenas 1 (uma) destilaria autônoma em São Paulo, com capacidade produtiva de 11 mil lit./dia. Já na safra 1983/84, estiveram em atividade 57 destilarias autônomas, com produção média de aproximadamente 165 mil lit./dia. Isso demonstra uma crescente concentração técnica em São Paulo. (1)

Quanto à concentração econômica/financeira, observa-se a situação de uma excepcional concentração na produção de açúcar em São Paulo, com poucos grupos dominando 40% da produção (ver TABELA, abaixo). Como esses dados agregam apenas a produção de açúcar, a concentração poderia ser ainda maior se o álcool estivesse incluído, pois boa parte do álcool é feita em destilarias anexas às usinas relacionadas.

(1) Ver QUADRO I - "Distribuição da produção de álcool, segundo o tipo de destilaria - São Paulo - 1973/1987".

QUADRO 2 - DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE ALCOOL, SEGUNDO O TIPO DE DESTILARIA - São Paulo, 1975 - 1987

SAFRA	ALCOOL. PRODUZIDO	DEST. ANEXAS	DEST. AUTONOMA
	m3	%	%
1975/76	357.119	99.7	0.3
1976/77	455.890	99.6	0.4
1977/78	1.089.919	94.9	5.1
1978/79	1.807.763	96.0	4.0
1979/80	2.456.459	95.2	4.8
1980/81	2.569.634	91.7	8.3
1981/82	2.763.022	87.9	12.1
1982/83	3.766.466	80.8	19.2
1983/84	5.257.492	72.8	27.2
1984/85	5.861.091	69.8	30.2
1985/86	7.438.609	71.7	28.3
1986/87	6.017.078	70.0	30.0

FONTE: IAA apud IPT - ESTUDO DA AGROINDÚSTRIA ACUCAREIRA DE SÃO PAULO COM VISTAS A FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS. São Paulo, Relatório IPT/DEES-ARTEC nº 26.637/88, 1988, p.46.

TABELA

PERÍODO	No. DE USINAS (no Est. de S.Paulo)	% DA PROD. TOTAL (sacas de 60 Kg)
30/31---35/36	08	64,2
36/37---40/41	07	59,5
41/42---45/46	07	55,5
46/47---50/51	14	46,9
51/52---55/56	16	42,1
56/57---60/61	20	38,5
61/62---65/66	22	41,6
66/67---70/71	21	39,7
71/72---75/76	18	39,9
76/77---80/81	16	41,5

Fonte: Ramos, F. - "Um estudo da Evolução da Estrutura da Agroind. Canavieira do Est. de SP (1930/82)- op.cit, pp 96.

A região de maior concentração de canas próprias do estado de São Paulo é a região "nova" de Ribeirão Preto, onde a porcentagem de fornecedores gira em torno de 20/25%. Observa-se, assim, que nas regiões de maior expansão canavieira, como Ribeirão Preto, o crescimento da área foi de 365 mil ha em nove anos (1/3 da área de expansão do período).

Percebe-se, ainda, que o setor sucroalcooleiro vem-se concentrando, com o aumento da cana própria das usinas, trazendo como consequência, a redução do número de fornecedores. Essa concentração dá-se pela incorporação das terras dos fornecedores - seja através da venda ou do arrendamento - às grandes extensões de terras das usinas.

B I B L I O G R A F I A :

* BELIK, Walter (1985) - "Proalcool, Latifúndio e Concentração de Renda", revista Fau-Brasil-no.4, jan-fev/85;

* MANOEL, Álvaro (1985) - "Política Agrícola, Eficiência e Concentração a Agricultura Brasileira: um estudo do setor canavieiro paulista, dissertação de doutorado, FEA/USP, 1985, mimeo;

* MOREIRA, Eduardo F.P., (1989) "Expansão, Concentração e Concorrência na Agroindústria Canavieira em São Paulo:1975 a 1987", IE/UNICAMP, dissertação de mestrado, 1989, mimeo;

* RAMOS,P., "Um Estudo da Evolução da Estrutura da Agroindústria Canavieira do Estado de São Paulo(1930-1982)", São Paulo, dissertação de mestrado EASESP/FGV, 1983, mimeo;

REVISTAS E JORNAIS:

Folha de São Paulo, CRISE DO ALCÓOL ,
caderno especial ; 16 de março de 1990;

C A P Í T U L O I I I

A AGRINDÚSTRIA CANAVIEIRA

NA SUB-REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO

DE 1960 A 1987

Apesar do grande incremento do cultivo da cana-de-açúcar em estados que não possuíam tradição na cultura, foi grande a concentração da produção de álcool em São Paulo. O estado teve sua área plantada com cana aumentada de 39% do total nacional, em 1975, para 48%, em 1984. Porém, seria bom frisar que o estado de São Paulo, e em particular a região de Ribeirão Preto, sofreu a partir de 1987 uma estagnação na área plantada com cana-de-açúcar, devido principalmente à retração dos preços, fazendo fornecedores de cana rumarem para outras culturas.

A quantidade de cana-de-açúcar processada pelas indústrias paulistas passou de 30,3 milhões de toneladas, em 1975/76, para 121,6 milhões em 1985/86. No mesmo período, a produção de álcool no estado, passou de 362,2 mil metros cúbicos para 7,6 milhões (aumento de cerca de 2000%) e de açúcar passou de 2,8 milhões de toneladas para 5,4 milhões (mais de 21%). (FONTE : SEADE)

A área de cana-de-açúcar, no estado de São Paulo, também cresceu muito. Foi de longe a cultura que mais se expandiu no período. As regiões consideradas tradicionais no setor sucroalcooleiro ainda respondem pela maior parte da produção: na safra 1984/85, as divisões regionais agrícolas de Ribeirão Preto e Campinas foram responsáveis por cerca de 3,62 bilhões de litros de álcool - cerca de 60% da produção total do estado de São Paulo.

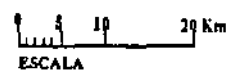
Dentro da região administrativa de Ribeirão Preto, destaca-se, como grande produtora de cana-de-açúcar, a "REGIÃO DE GOVERNO DE RIBEIRÃO PRETO".

Composta por 22 municípios - Altinópolis, Barrinha, Brodosqui, Cássia dos Coqueiros, Cravinhos, Cajuru, Dumont, Guariba, Jaboticabal, Jardinópolis, Luis Antonio, Monte Alto, Pitangueiras, Pontal, Pradópolis, Ribeirão Preto, Santo Antonio da Alegria, Sta Rosa do Viterbo, São Simão, Serra Azul, Serrana e Sertãozinho (1) - a sub-região de Ribeirão Preto (ou Região de Governo de Ribeirão Preto) teve sua economia, no início dos anos 80, fortemente dependente da dinâmica do setor sucroalcooleiro.

Destacam-se, nesse contexto, os seguintes municípios, cujo desenvolvimento está intimamente ligado à atividade sucroalcooleira: Sertãozinho, Serrana, Jaboticabal, Pontal, Ribeirão Preto, além de Guariba, Pradópolis,

(1) Vide MAPA 1 - "Divisão Político-Administrativa - Região de Governo de Rib. Preto".

MAPA 01 - DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO
COORDENADORIA DE AÇÃO REGIONAL
REGIÃO DE GOVERNO DE RIBEIRÃO PRETO



Barrinha, Luís Antonio, Jardinópolis e Santa Rosa do Viterbo. (2)

O desenvolvimento do Proálcool proporcionou o surgimento de novas indústrias do ramo, bem como ampliações de usinas existentes, determinando significativas mudanças na ocupação do solo, com o surgimento de amplas monoculturas de cana-de-açúcar em substituição de outras culturas. Estes fatores trouxeram para as empresas agroindustriais um crescimento marcante na produtividade do setor, compatível com a política de apoio governamental.

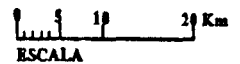
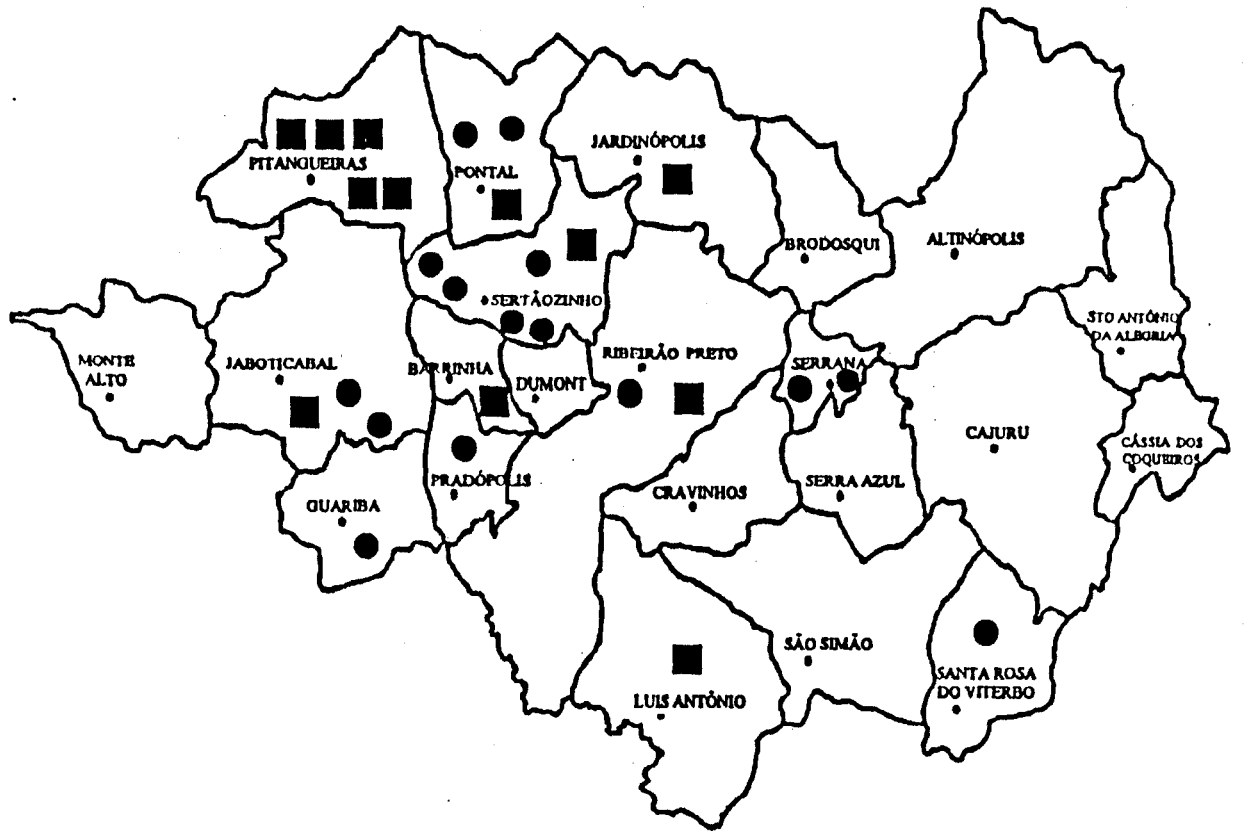
Além de introduzir mudanças na estrutura do setor secundário, o Proálcool dinamizou os investimentos privados, trazendo crescimento excepcional do número e da dimensão das usinas, bem como das indústrias de equipamentos pesados, em Sertãozinho. Assim, o parque industrial da sub-região, apesar de ser hoje diversificado, concentra-se mais na cidade de Ribeirão Preto e seus municípios limítrofes, onde hoje existem indústrias que fabricam turbinas a vapor, equipamentos para os setores de açúcar e álcool, odontológicos e farmacêuticos (3).

Percebe-se, assim, que com exceção da cidade de Ribeirão Preto - de economia bastante diversificada - e dos pequenos municípios limítrofes (que sofreram influência do desenvolvimento da cidade-sede), os demais municípios da sub-região em análise, até meados dos anos 80, foram

(2) Vide MAPA 2 - "Localização das Empresas Sucroalcooleiras - Região de Governo de Rib. Preto".

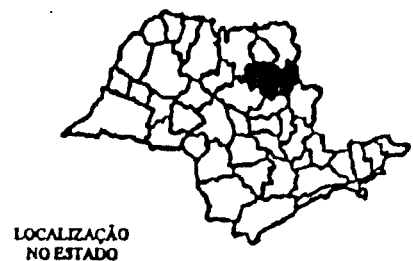
(3) Vide MAPA 3 - "Localização das Indústrias por ramo - Região de Governo de Ribeirão Preto".

MAPA 02 - LOCALIZAÇÃO DAS EMPRESAS SUCRO-ALCOOLEIRAS



- Usinas
- Destilarias

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO
COORDENADORIA DE AÇÃO REGIONAL
REGIÃO DE GOVERNO DE RIBEIRÃO PRETO



MAPA 03 - LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS POR RAMO



0 5 10 20 Km
ESCALA

- Celulose e Papel
- Metalúrgicas e Aparelhos Médicos Odontológicos
- ◌ Bebidas
- 〰 Produtos Farmacêuticos
- ▭ Alimentos

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO
COORDENADORIA DE AÇÃO REGIONAL
REGIÃO DE GOVERNO DE RIBEIRÃO PRETO



totalmente dependentes do desempenho do setor sucroalcooleiro para o seu crescimento.

Não obstante a hegemonia da cana, há na Região de Governo de Rib. Preto, razoável diversificação, quer agrícola, quer industrial. é uma situação muito distinta da observada nas regiões monocultoras do Nordeste brasileiro, onde a cana-de-açúcar domina praticamente todo o cenário econômico local.

Dessa forma, existe um potencial agrícola desses municípios que ameniza um pouco sua dependência à cana-de-açúcar (4). Nesse enfoque, dentro do potencial agrícola de cada município, destacam-se:

JABOTICABAL - grande produtor de algodão (59,2% da produção da Região de Governo de Ribeirão Preto) e com destaque na produção de soja, milho e laranja, sendo ainda grande produtor de cana-de-açúcar.

obs: Jaboticabal também é um grande produtor de amendoim.

MONTE ALTO - grande produtor de arroz (16,8% da produção da Região de Gov. de Rib. Preto) e feijão (53,2%). Destaca-se, ainda, a laranja no município.

obs: Monte Alto é o maior produtor isolado de "cebola" no estado de São Paulo.

(4) Vide a TABELA 010 - "Estimativa Subjetiva da Previsão da safra agrícola 89/90 - Região de Governo de Rib. Preto".

TABELA 010
ESTIMATIVA SUBJETIVA DE PREVISÃO DA SAFRA AGRÍCOLA 89/90

Municípios	Tipos de Cultura										
	Algodão (arroba)	Arroz em casca (sc. 60kg)	Milho em grão (sc. 60kg)	Soja (sc. 60kg)	Cana (Toneleira)	Feijão (sc. 60kg)	Café			Laranja	
							Novos (pés)	Produzindo (pés)	Produção (sc. 60kg)	Produzindo (pés)	Produção (caixa)
Altinópolis	0	25.000	180.000	90.000	560.000	0	3.000.000	9.000.000	54.000	0	0
Barrinha	37.740	420	9.000	19.000	680.000	0	0	0	0	0	0
Brodosqui	0	5.000	108.000	9.000	253.500	0	1.000.000	5.000.000	25.000	0	0
Cajuru	0	24.000	125.000	4.500	490.000	0	800.000	4.000.000	24.000	26.000	39.000
Cássia dos Coqueiros	0	8.000	38.000	0	6.000	0	300.000	2.200.000	13.200	0	0
Cravinhos	2.500	16.500	140.000	28.000	1.120.000	2.400	300.000	2.300.000	16.100	20.000	40.000
Dumont	30.000	4.500	21.000	16.500	400.000	1.000	450.000	180.000	1.800	0	0
Guariba	0	4.000	13.000	27.000	1.200.000	0	45.000	53.600	214	45.000	112.500
Jaboticabal	495.000	24.000	150.000	220.500	3.015.000	10.500	0	100.000	400	400.000	1.120.000
Jardinópolis	10.800	17.500	400.000	210.000	1.365.000	0	0	700.000	4.900	35.000	52.500
Luiz Antonio	137.800	16.000	56.000	39.000	924.000	0	153.000	385.500	1.928	132.600	331.500
Monte Aho	12.000	51.000	105.360	1.950	469.260	25.000	1.500	280.115	3.557	701.761	912.289
Pitangueiras	45.000	25.200	165.000	60.000	1.260.000	1.960	260.000	9.500	76	1.750.000	3.850.000
Pontal	0	4.200	24.000	56.000	1.886.000	0	0	0	0	10.000	40.000
Pradópolis	18.000	4.200	24.000	13.500	664.000	0	0	0	0	0	0
Ribeirão Preto	45.000	37.800	320.000	63.000	3.840.000	800	20.000	510.000	5.100	130.000	195.000
Santa Rosa de Viterbo	1.600	4.000	21.000	1.800	482.400	500	125.000	400.000	1.200	56.300	112.600
Santo Antonio da Alegria	0	7.500	40.000	0	0	0	200.000	3.000.000	18.000	0	0
São Simão	0	3.750	40.000	3.500	560.000	0	144.000	332.000	2.656	25.000	37.500
Serra Azul	0	3.000	20.000	3.600	525.000	0	154.000	495.000	3.960	50.000	75.000
Serrana	0	7.500	21.000	14.000	525.000	450	0	400.000	2.800	0	0
Sertãozinho	0	10.500	21.000	14.000	2.295.000	4.375	0	120.000	480	10.000	15.000

Fonte: DIRA/RP - SAA

JARDINÓPLIS - grande produtor de milho (ao lado de Ribeirão Preto) e soja (ao lado de Jaboticabal). A cana-de-açúcar também se destaca em seu potencial produtivo.

ALTINÓPOLIS - maior produtor de café da sub-região em análise (ao lado de Jaboticabal). A cana-de-açúcar também se destaca em seu potencial produtivo.

PITANGUEIRAS - grande produtor de laranja, seguido por Monte Alto e Jaboticabal.

De fato, o que se nota é que foi na produção da cana-de-açúcar, que esses municípios, em uma análise agregada, tem buscado sua força. Nota-se que neste produto agrícola, a participação relativa dos municípios da sub-região frente aos outros produtos é bastante alta.

Se Ribeirão Preto, Sertãozinho e Jaboticabal correspondem aos maiores produtores da região, muitos outros municípios mantêm números bastante altos (com destaque a Pontal, Jardinópolis, Pitangueiras, Guariba e Cravinhos: todos com produção acima de 1 milhão de toneladas/ano).

Nota-se assim, que embora algumas cidades se destaquem na produção de outros produtos agrícolas, foi a cana-de-açúcar que, na região de governo, impôs um desenvolvimento a esses municípios, ora agregados.

A seguir destacaremos aspectos socio-econômicos de alguns municípios considerados mais relevantes para esse estudo.

R I B E I R Ã O P R E T O

Conhecida como "Califórnia Paulista", uma vez que atrai migrantes e investidores que sonham multiplicar seu dinheiro na região, Ribeirão Preto é o maior polo sucroalcooleiro do mundo, produzindo álcool e açúcar em quantidade bastante elevada.

Ribeirão Preto possui dentro do município 1 usina e 1 destilaria: a Usina Santa Lydia que produziria na safra 1990/91 706000 sacas de açúcar e 56193800 litros de álcool e a Destilaria Galo Bravo, que produziria na mesma safra : 97469371 litros de álcool. (5)

Mas não é só na produção de álcool que a região se sobressai. Ali são produzidos, em grande escala: a laranja, grãos e leite.

Ribeirão Preto é hoje a terceira praça do país em volume de cheques compensados - 45 milhões só em 1989. O PIB da cidade, em 1990, chegou a US\$ 25 bilhões, para uma população de 500 mil habitantes, gerando uma renda per capita de 5,5 mil dólares.

Além disso a cidade possui um setor secundário

(5) Vide TABELA 11: A Safra agrícola sucroalcooleira 1990/91, na Região de Governo de Ribeirão Preto.

TABELA 11

SAFRA SUCRO-ALCOOEIRA 1990/91 - REGIAO DE GOVERNO DE RIBEIRAO PRETO
(QUATORZE USINAS E DEZ DESTILARIAS).

UNID. IND.	USINAS	MUNICIPIO	ACUCAR Sacas 50 Kg	ALCOOL Litros	CANA Tonelada
1	- USINA ALBERTINA	- SERTAOZINHO	639321	43302820	801140
2	- USINA AMALIA	- STA. ROSA DO VITERBO	1100000	60033000	1234026
3	- USINA BELA VISTA	- PONTAL	624110	46669000	808779
4	- USINA BONFIM	- GUARIBA	2231300	177571000	3050151
5	- USINA DA PEDRA	- SERRANA	2119650	165710000	2769501
6	- USINA N.S. APARECIDA	- PONTAL	751687	74985000	1235134
7	- USINA SANTA ADELIA	- JABOTICABAL	575934	113103500	1493209
8	- USINA SANTA ELISA	- SERTAOZINHO	3196465	212461000	3801061
9	- USINA SANTA LYDIA	- RIBEIRAO PRETO	706000	56193800	993567
10	- USINA SANTO ANTONIO	- SERTAOZINHO	772000	88430000	1370786
11	- USINA SAO CARLOS	- JABOTICABAL	595400	110805900	1524670
12	- USINA SAO FRANCISCO	- SERTAOZINHO	700300	60320000	967920
13	- USINA SAO GERALDO	- SERTAOZINHO	1180300	74332370	1384026
14	- USINA SAO MARTINHO	- PRADOPOLIS	3400000	311000000	4910417
SUBTOTAL			18592467	1594917390	26344387
1	- DESTIL. ANDRADE	- PITANGUEIRAS		102467270	1277549
2	- DESTIL. BAZAN	- PONTAL		91567000	1170240
3	- DESTIL. GALO BRAVO	- RIBEIRAO PRETO		97469371	1175470
4	- DESTIL. JARDEST	- JARDINOPOLIS		51306005	618318
5	- DESTIL. L. DA SILVA	- SERTAOZINHO		5818000	94842
6	- DESTIL. MORENO	- LUIS ANTONIO		84003628	1074875
7	- DESTIL. PITANGUEIRAS	- PITANGUEIRAS		44275510	582099
8	- DESTIL. SANCHES	- PITANGUEIRAS		1152000	18216
9	- DESTIL. SANTA INES	- SERTAOZINHO		17233000	218380
10	- DESTIL. BONACIN	- SAO SIMAO		145100	3062
SUBTOTAL				495436884	6233051
TOTAL			18592467	2090354274	11143468

Fonte: BRIZOLLA, Fernando; * / IMAGEM- Relações Públicas e Publicidade S/CLTã.

* Jornalista, responsável pela assessoria às usinas e destilarias de açúcar e álcool da Região de Ribeirão Preto.

Obs: Dados obtidos diretamente nas usinas e destilarias da região.

desenvolvido, diversificando ainda mais a economia do município, que não vive somente da produção do álcool e açúcar. O setor terciário é bastante expressivo e diferenciado, tendo se tornado importante pólo regional, com segmentos atacadistas. Sua indústria também se diversificou bastante, apesar da expressividade das indústrias tradicionais dos setores alimentícios e de bebidas. Entre as principais unidades industriais do município, destaca-se: a Cia Antártica de Bebidas, a 3 M, a Refrescos Ipiranga, a Ind. de Alimentos Furina, a Nilza (derivados do leite), a Cory e Mabel (biscoitos), a Dabi-Atlante (material elétrico), a Santol e a Fenha (ramo de mecânica).

Ribeirão Preto possuía, em 1990, 49500 empresas, sendo dessas 42 mil microempresas, 92 bancos, 18 mil estabelecimentos comerciais e várias indústrias.

S E R T ã O Z I N H O

A cidade de Sertãozinho é uma das maiores produtoras de açúcar e álcool do estado de SP. Suas 5 usinas - São Geraldo, Santo Antoni, Albertina, Santa Elisa e São Francisco - e 2 destilarias (Lopes da Silva e Santa Inês) industrializam anualmente cerca de 4,5 milhões de sacas.

A produção de cana, no município é de 1,9 milhões de toneladas aproximadamente, o que representa 92,65% do

valor da produção agrícola de Sertãozinho (6) .

Foram as crises do café, no início do século, que abriram possibilidades para a ampliação da cultura de cana-de-açúcar em Sertãozinho. Hoje, cerca de 84% da área cultivada do município é coberta pela cultura canavieira.

O desenvolvimento da cana-de-açúcar, ampliado pela instituição do Proálcool, em 1975, possibilitou ainda a ampliação do setor industrial, em Sertãozinho. Para a manutenção e conservação do maquinário das usinas e da cultura canavieira, surgiu, no município, uma grande demanda de oficinas mecânicas especializadas e fundições, que também fabricam máquinas industriais, peças e acessórios.

Dessa forma, Sertãozinho adquiriu um parque industrial composto pela fabricação de materiais pesados (como a ZANINI Equipamentos Pesados S/A) até a moderna e sofisticada indústria e ponta, com destaque para a fundição do aço (SMAR).

O setor agropecuário também é bastante forte na região, com criações de gado bovino, suíno e equino, com laboratórios e empresas especializadas na produção de sêmen e reprodutores e matrizes para aperfeiçoamento da raça animal.

Analisando a TABELA 12: " A RIQUEZA DE RIB. PRETO", ao se destacar Sertãozinho, nota-se seu potencial já no período 1983/85, seja em termos de infra-estrutura, seja em

(6) Vide produção de açúcar e álcool nessas usinas e destilarias, na safra 1990/91 - TABELA 11 - op.cit.

termos de valor da produção agrícola e pecuária. Mas é ao olhar o Valor Adicionado nas suas indústrias e agroindústrias, e sua arrecadação de ICM (em 1984), que vemos sua riqueza, somente menor que a cidade-sede de Ribeirão Preto (dentro da sub-região em análise).

J A B O T I C A B A L

Conhecida pelos filtros d'água⁷ Jaboticabal se destaca no interior de São Paulo pelas empresas de produtos veterinários e produção de álcool e açúcar.

Jaboticabal tem 6 indústrias de medicamentos veterinários e de complementos de alimentação. grande parte dessas empresas surgiram na cidade em função do acesso a pesquisas na UNESP de Jaboticabal, como a Cerâmica Stéfani (produtora de vasos e filtros de cerâmica), a Zocca - Máquinas Operatrizes (produtora de plainas para montadoras da indústria automobilística).

Na parte agrícola, tem-se duas usinas de açúcar e álcool: a Santa Adélia e a São Carlos, responsáveis pela produção, na safra 1990/91, respectivamente, de 575934 e 595400 sacas de açúcar e 113103500 e 110803900 litros de álcool (7). Juntas, as usinas são responsáveis por cerca de 30% da economia da cidade. Sendo de propriedade da mesma família, dão emprego, juntas para mais de 8 mil operários.

(7) Vide produção de açúcar e álcool nessas usinas-TABELA 11 - op. cit.

A construção civil também é forte em Jaboticabal, representada pela Construtora Stéfani Nogueira - responsável pela construção de vários edifícios na região, atuando também no setor citrícola, na implantação de indústrias fabricantes de suco de laranja, na região.

Por todas essas características, Jaboticabal corresponde a um importante município quanto à arrecadação de ICM e Valor Adicionado nas suas indústrias e agroindústrias (já em 1984), se comparado aos outros municípios da região de governo de Ribeirão Preto. **(8)**

G U A R I B A / F R A D Ó P O L I S

No início da década de 30, a cana-de-açúcar começou a despontar em Guariba. Porém, somente a partir de 1946 entrou em escala industrial, com a instalação da Usina Bonfim.

Dois anos mais tarde, foi a vez de inaugurar, no atual município de Fradópolis (então pertencente a Guariba), a Usina São Martinho, que, de uma produção inicial de 83 mil sacas de açúcar ao ano, já produzia, em 1985, 2927620 sacas do produto. **(9)**

A partir da década de 50, a cultura de cana-de-açúcar não parou de crescer na região, ganhando duas

(8) Vide TABELA 12, intitulada: "A Riqueza de Ribeirão Preto", no que se refere ao município de Jaboticabal.

(9) Ver TABELA 11, a respeito da safra sucroalcooleira 1990/91 no que se refere à produção de açúcar e álcool nessas usinas.

- TABELA 12 -

A RIQUEZA DE RIBEIRÃO PRETO

SUB-REGIÃO RIBEIRÃO PRETO	ALTINOPOLIS	BARRINHA	BRODOSQUI	CAJURU	CASSIA DOS COQUEIROS	CRAVINHOS	DUMONT	GUARIDA	JABOTICABAL	JARDINOPOLIS	LUIS ANTONIO
População (1985) em habitantes	13.883	15.461	13.764	17.693	2.418	18.451	3.595	23.242	51.719	21.423	2.812
Veículos por mil habitantes (1985)	102,1	57,7	120,2	96,1	68,4	94,2	119,4	99,0	176,8	100,9	112,6
Telefones (Telesp) por mil habitantes (1983)	88,8	57,7	105,3	87,0	62,1	111,0	84,7	39,8	107,3	—	72,7
Ligações elétricas residenciais (1984)	2.133	2.579	2.562	2.733	224	3.403	707	4.049	11.073	4.016	361
Ligações elétricas comerciais (1984)	206	235	241	264	25	346	71	—	1.043	458	36
Ligações elétricas industriais (1984)	35	26	58	47	9	58	14	283	222	64	7
Valor da produção agrícola (1984—Cr\$ milhões)	6.767	4.711	2.852	4.908	534	8.570	2.158	46	16.612	14.232	7.223
Valor da produção pecuária (1983—Cr\$ milhões)	5.933	256	5.173	8.258	2.145	2.782	314	8.582	3.058	5.937	3.852
Credito Rural — Banco do Brasil (1983—Cr\$ milhões)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Valor adicionado (1984—Cr\$ milhões)	34.255	33.011	21.687	29.417	3.486	51.186	24.720	721	4.960	67.441	38.350
Arrecadação do ICM (1984—Cr\$ milhões)	472	163	274	344	27	476	351	143.428	197.320	1.063	412
Receita municipal (1984—Cr\$ milhões)	1.422	1.035	1.070	1.237	382	1.726	676	2.245	6.304	2.003	769
	MONTE ALTO	PITANGUEIRAS	PONTAL	PRADOPOLIS	RIBEIRÃO PRETO	SANTA ROSA DE VITERBO	SANTO ANTONIO DA ALEGRIA	SÃO SIMÃO	SERRA AZUL	SERRANA	SERTÃOZINHO
População (1985) em habitantes	39.187	20.257	18.250	9.139	384.604	15.723	5.762	8.960	4.925	17.695	64.673
Veículos por mil habitantes (1985)	141,1	92,5	85,8	119,5	175,7	118,0	75,9	111,2	52,4	88,4	153,1
Telefones (Telesp) por mil habitantes (1983)	84,2	52,9	53,0	73,6	—	92,0	—	123,2	43,3	53,5	91,3
Ligações elétricas residenciais (1984)	6.876	3.840	3.015	1.338	96.078	3.700	694	2.231	852	3.062	12.851
Ligações elétricas comerciais (1984)	595	—	317	132	9.591	295	61	206	79	316	1.075
Ligações elétricas industriais (1984)	71	350	38	19	1.234	39	7	37	10	35	194
Valor da produção agrícola (1984—Cr\$ milhões)	14.431	8	10.569	3.818	15.317	4.379	803	3.491	4.498	4.916	14.051
Valor da produção pecuária (1983—Cr\$ milhões)	2.955	12.722	445	887	12.645	2.653	3.495	4.424	1.415	1.055	1.800
Credito Rural — Banco do Brasil (1983—Cr\$ milhões)	3.038	4.447	—	—	5.505	—	—	597	—	—	4.369
Valor adicionado (1984—Cr\$ milhões)	78.525	107.168	116.730	115.982	731.485	62.577	6.671	20.294	19.272	48.332	382.652
Arrecadação do ICM (1984—Cr\$ milhões)	6.388	2.936	1.368	130	97.614	2.284	95	324	44	437	7.407
Receita municipal (1984—Cr\$ milhões)	2.686	1.757	2.099	3.130	27.119	1.516	471	1.104	576	2.066	8.474

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e Centro de Informações da Gazeta Mercantil.

destilarias autônomas (Dest. Pitangueras e Dest. Andrade)(10);passando ainda, a formar centenas de produtores nos municípios vizinhos, que passaram a atuar, dessa forma, como fornecedores de cana às agroindústrias .(11)

Com a expansão da cana em escala industrial, os fornecedores fundaram, em 1963, a Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba (COFLANA), que além de fornecer insumos presta assistência técnica a fornecedores de 14 municípios da região. À época da fundação da Cooperativa,os principais centros produtores de cana eram justamente Guariba e Pradópolis; porém, já há uma descentralização das atividades rumo à cidade de Jaboticabal - a principal produtora de amendoim.

Analisando a Tabela intitulada : " A Riqueza de Ribeirão Preto", percebe-se o destaque dos municípios de Guariba e Pradópolis quanto ao item Valor Adicionado, fruto do crescimento do seu setor agroindustrial sucro-alcooleiro(12) - setor dinâmico de sua economia.

(10) Ver produção de açúcar e álcool dessas usinas na TABELA 11 : Safra sucroalcooleira 1990/1991- Região de Governo de Rib. Preto.

(11) Antes desse fato, a produção agrícola desses pequenos produtores, era das mais variadas, incluindo laranja, arroz, amendoim, mamona e até banana.

(12) Não se pode esquecer que a Usina São Martinho é a maior produtora de açúcar e álcool na região de Ribeirão Preto, produzindo na safra 1990/91: 3400000 sacas de açúcar e 311000000 de litros de álcool - Veja TABELA 11.

A CANA-DE-AÇÚCAR NA DIVISÃO REGIONAL AGRÍCOLA (DIRA) DE RIBEIRÃO PRETO FRENTE ÀS OUTRAS DIRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, NOS ANOS 80

A região de Ribeirão Preto destaca-se perante as outras regiões do estado de São Paulo com a cana-de-açúcar e laranja (dentre outros produtos produzidos).

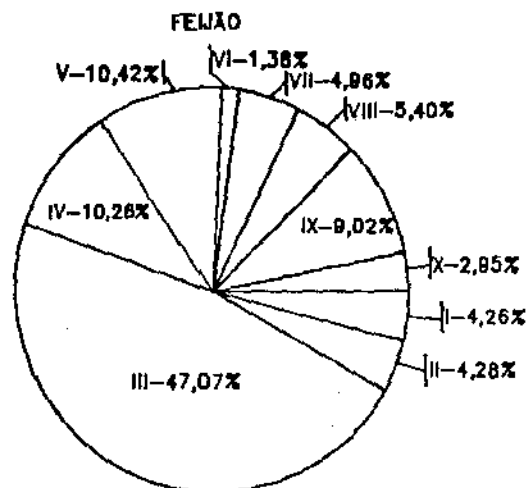
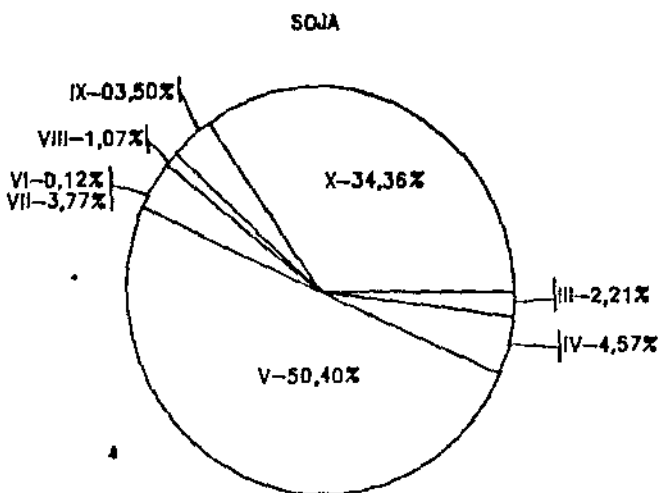
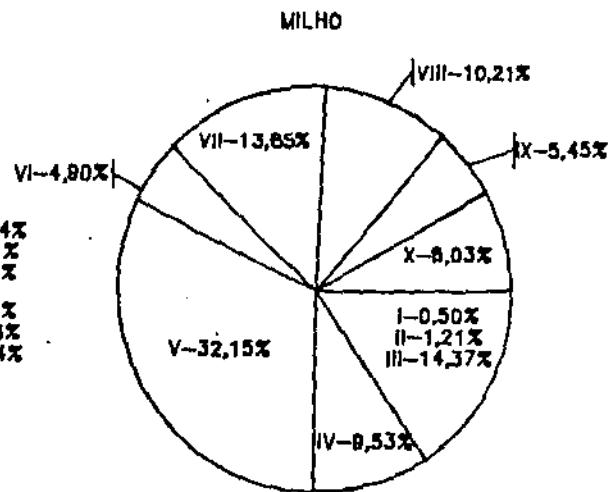
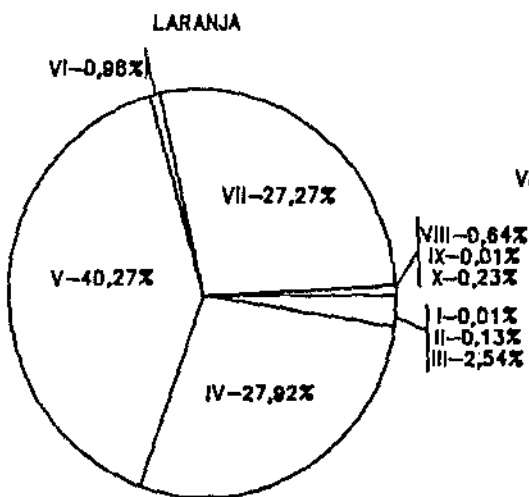
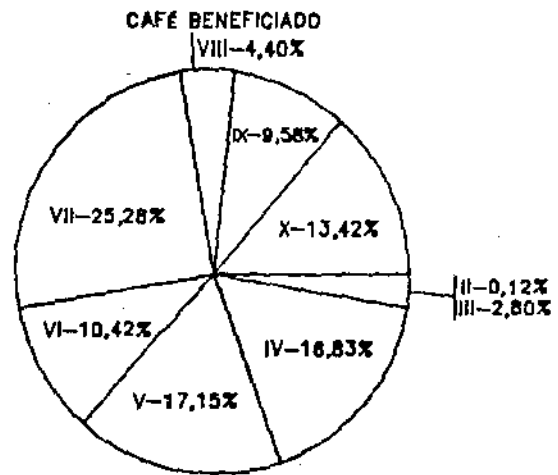
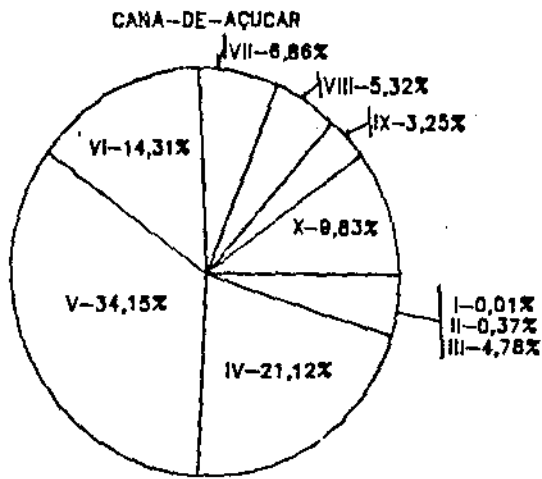
Porém, se considerarmos toda a Divisão Regional Agrícola de Ribeirão Preto, é correto dizer que a mesma não concentra toda a sua riqueza na cana-de-açúcar, mas também no ano-safra 1986/87 é responsável por:

- 34,15% do valor da produção total de cana do estado;
- 40,27% do valor da produção total de laranja do estado;
- 32,15% do valor da produção total de milho do estado;
- 50,40% do valor da produção total de soja do estado;
- 21,39% do valor da produção total de algodão do estado;
- 18,44% do valor da produção total de leite do estado.

Essas percentagens revelam uma posição de ponta na produção desses produtos, frente às outras DIRAs do estado⁽¹³⁾. Porém, como o objeto de estudo é a Região de Governo de Ribeirão Preto, sabe-se que é a cana-de-açúcar que detém uma maior participação em termos de valor de produção, frente às outras culturas, fazendo sentido centrar o estudo em questão nesse produto nos anos 80, mantendo essa delimitação regional.

(13) Como evidencia o GRÁFICO 1: Participação do Valor da Produção das DIRAs no Valor Total, segundo os principais produtores - ano-safra: 1986/87.

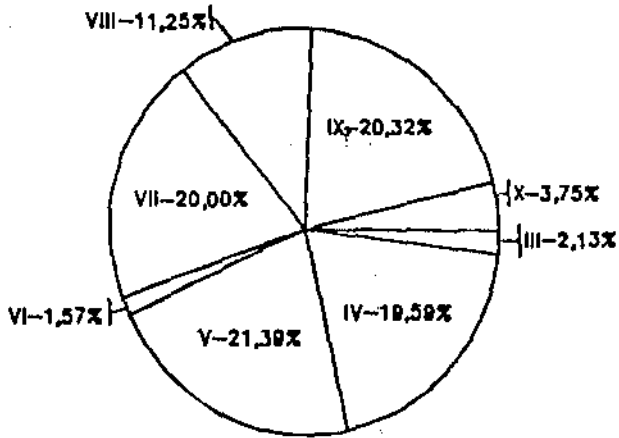
GRAFICO 2. PARTICIPAÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO DAS DIVISÕES REGIONAIS AGRÍCOLAS NO VALOR DA PRODUÇÃO TOTAL, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PRODUTOS (1)
ANO-SAFRA 1986/87



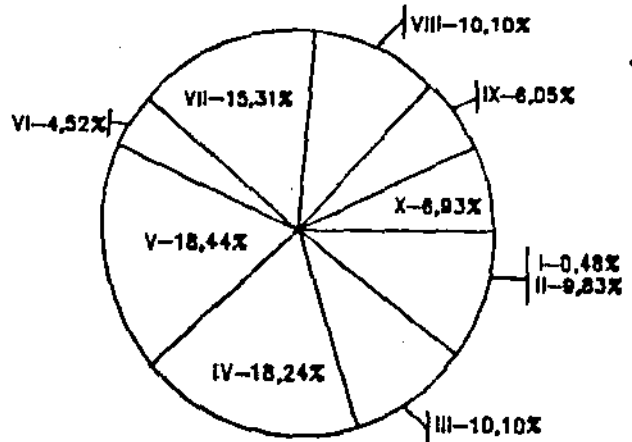
FONTE: Secretaria de Agricultura e Abastecimento/Instituto de Economia Agrícola - IEA e Coordenadoria de Assistência Técnica e Integral - CATI, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE.

(1) Foram selecionados os cinco produtos de maior representação em relação ao Valor da Produção Total do Estado.

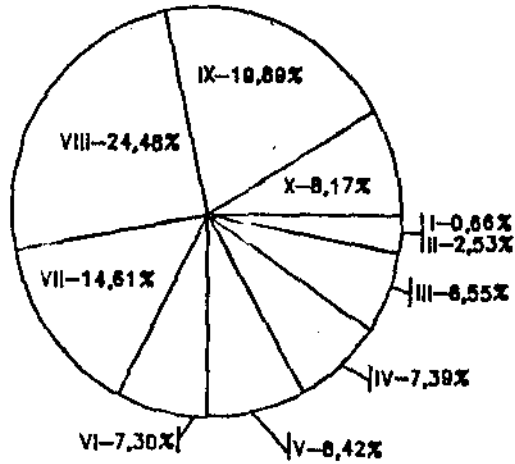
ALGODÃO



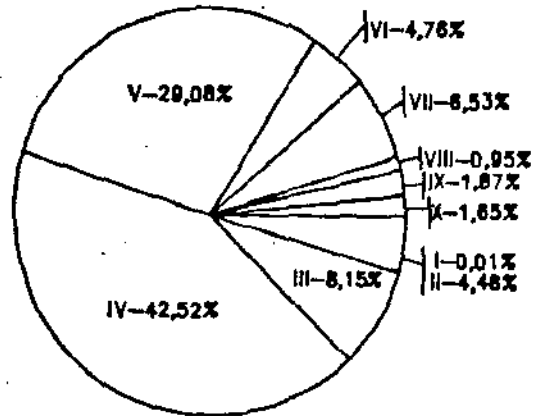
LEITE



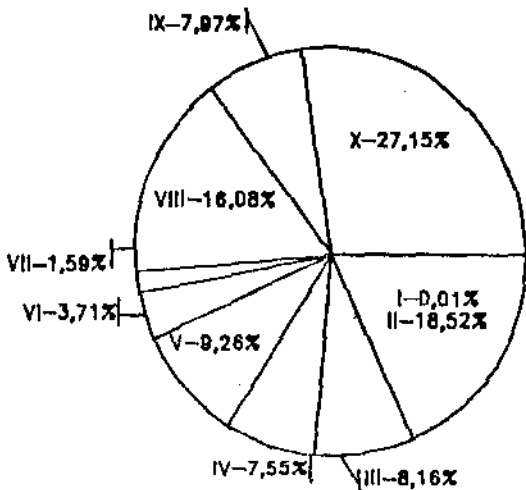
CARNE BOVINA



AVES PARA CORTE



OVOS



DIRAS

- I Registro
- II São José dos Campos
- III Sorocaba
- IV Campinas
- V Ribeirão Preto
- VI Bauru
- VII São José do Rio Preto
- VIII Araçatuba
- IX Presidente Prudente
- X Marília

Em 1981, a região de Ribeirão Preto representou a maior produtora de cana-de-açúcar do estado (assim como em área de cultivo desse produto).

Esse fato se repete na safra de 1981/82 (seguida sempre pela Divisão Regional Agrícola de Campinas) e continua por toda a década de 80, mantendo uma diferença em quantidade produzida, perante Campinas, em mais de 10 milhões de toneladas (diferença essa, que se amplia a cada safra). No ano-safra 1988/89, essa diferença foi de aproximadamente 20 milhões de toneladas (veja TABELA abaixo); isso mostra o dinamismo da região nesse setor, revelando seu potencial como pólo sucro-alcooleiro.

! ANO-SAFRA	! Qtde Produzida de cana-de-açúcar !	
!-----	! _____(em toneladas)_____!	
!-----	!DIRA de Campinas !	! DIRA de Rib. Preto!
!Ano-safra: 1981/82	! 20 470 000	! 32 680 000
!Ano-safra: 1982/83	! 24 770 000	! 39 788 000
!Ano-safra: 1983/84	! 25 153 000	! 41 786 000
!Ano-safra: 1984/85	! 27 795 000	! 42 375 000
!Ano-safra: 1986/87	! 28 640 000	! 46 315 000
!Ano-safra: 1987/88	! 27 330 000	! 47 050 000
!Ano-safra: 1988/89	! 27 460 000	! 48 390 000

Fonte: Anuário Estatístico do Est. de São Paulo / anos :
1982, 1983, 1984, 1986, 1987, 1988 e 1989.

Levando-se em conta que as usinas mais importantes se encontram na Região de Governo de Ribeirão Preto, é relevante dizer que as 22 cidades em estudo dessa região são as que comandam todo esse potencial canavieiro.

Se a Região de governo de Ribeirão Preto é majoritária na produção de cana-de-açúcar, é também a principal produtora do estado em açúcar e álcool, como evidencia o ano-safra 1987/88, em que Ribeirão Preto se destaca tanto em produção e saída, como em estoque físico de açúcar e álcool. (14)

Analisando de um modo mais amplo, temos os gráficos referentes à "Evolução da produção, respectivamente de açúcar e álcool, segundo as principais Divisões Regionais Agrícolas produtoras, desde os anos-safra 1977/78 até 1987/88" (15). Por esses gráficos vê-se a hegemonia da DIRA de Ribeirão Preto, tanto na produção de açúcar como de álcool, ao longo do final dos anos 70 e por todo os anos 80.

Essa é a comprovação mais clara para se concluir que, nesse período, Ribeirão Preto representou um forte dinamismo no setor sucro-alcooleiro, estando bem à frente das outras regiões do estado, seja na produção de cana-de-açúcar, seja na produção de açúcar e álcool (obtendo na safra-1987/88 aproximadamente 3 bilhões de litros de álcool).

(14) Ver TABELA 13: "Produção, Saída e Estoque Físico de Açúcar, por DIRA produtora, segundo os tipos" ano-safra: 1987/88 - Fonte: IAA/SEADE.

Ver TABELA 14: "Produção, Saída e ... de Álcool..." ano-safra: 1987/88 - Fonte: IAA/SEADE.

(15) Vide GRÁFICO 2 - "Evolução da produção de açúcar, segundo as principais DIRAs produtoras - anos-safra: 1977/78 a 1987/88".

Vide GRÁFICO 3 - "Evolução... de álcool... - ano-safra: 1977/78 a 1987/88".

No 19- PRODUÇÃO, SAÍDA E ESTOQUE FÍSICO DE AÇÚCAR, POR DIVISÃO REGIONAL AGRÍCOLA PRODUTORA, SEGUNDO OS TIPOS
ANO-SAFRA 1987/88 (1)

Especificação	Divisões Regionais Agrícolas Produtoras							Estado de São Paulo
	Sorocaba	Campinas	Ribeirão Preto	Bauru	São José do Rio Preto	Araçatuba	Marília	
Produção	53.799	852.288	1.472.721	877.707	212.214	46.511	220.226	3.636.466
Cristal	53.799	911.788	1.469.891	452.770	199.279	46.511	220.226	3.354.264
Refinado	-	41.500	2.830	224.937	11.685	-	-	280.952
Demerara	-	-	-	-	1.250	-	-	1.250
Salda	46.187	852.693	1.360.763	718.579	182.370	46.495	210.468	3.417.555
Mercado Interno	46.187	830.693	1.253.477	625.410	177.659	46.495	199.485	3.179.406
Cristal (2)	46.187	789.193	1.251.045	398.342	168.409	46.495	199.485	2.899.156
Refinado (3)	-	41.500	2.432	227.068	9.131	-	-	280.131
Demerara	-	-	-	-	119	-	-	119
Exportação	-	22.000	107.286	93.169	4.711	-	10.983	238.149
Cristal (2)	-	22.000	107.286	28.838	4.711	-	10.983	173.818
Refinado (3)	-	-	-	64.331	-	-	-	64.331
Demerara	-	-	-	-	-	-	-	-
Estoque Físico	7.612	100.619	111.885	26.060	29.845	16	9.758	285.795
Cristal (2)	7.612	100.619	111.487	25.590	26.160	16	9.758	281.242
Refinado (3)	-	-	398	470	2.554	-	-	3.422
Demerara	-	-	-	-	1.131	-	-	1.131

FONTE: Instituto de Açúcar e do Alcool - IAA/Superintendência Regional de São Paulo, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE.

(1) Período de Safra - Início Junho, Término maio

(2) Inclui os Tipos: Standard, Superior e Especial

(3) Inclui os Tipos: Amarelo e Granulado

NOTA: A Produção é igual à Salda mais o Estoque Físico, sendo que a soma das parcelas pode não coincidir com o total, em função de arredondamentos efetuados nos dados parciais.

No 24 PRODUÇÃO, SAÍDA E ESTOQUE FÍSICO DE ALCÓOL, POR DIVISÃO REGIONAL AGRÍCOLA PRODUTORA, SEGUNDO OS TIPOS
ANO-SAFRA 1987/88 (1)

Especificação	Divisões Regionais Agrícolas Produtoras								Estado de São Paulo
	Sorocaba	Campinas	Ribeirão Preto	Bauru	São José do Rio Preto	Araçatuba	Presidente Prudente	Marília	
Produção (2)	170.278	1.349.028	2.963.842	1.048.244	625.400	422.795	237.744	511.843	7.329.174
Anidro	44.478	247.248	786.377	246.656	17.137	38.093	28.471	95.861	1.504.331
Hidratado	125.800	1.095.110	2.177.363	800.867	608.263	384.702	209.273	415.982	5.817.360
Refinado	-	6.670	102	711	-	-	-	-	7.483
Salda	163.275	1.267.527	2.653.331	983.503	589.744	394.460	212.750	477.472	6.742.062
Anidro	40.868	230.949	693.856	230.557	15.407	31.754	20.598	91.696	1.355.685
Carburante	39.899	195.487	679.715	225.394	15.118	31.559	30.470	91.396	1.299.038
Exportação	-	-	2.235	-	-	-	-	-	2.235
Industrial	969	35.462	11.906	5.163	289	195	128	300	54.412
Hidratado	122.407	1.074.919	1.999.475	752.235	574.337	362.706	192.152	385.776	5.464.007
Carburante	112.849	952.790	1.867.914	669.621	553.554	345.713	167.258	367.753	5.057.452
Exportação	-	11.471	6.426	1.677	-	-	-	-	19.574
Industrial	9.558	110.658	125.135	80.937	20.783	16.993	4.894	18.023	386.981
Refinado	-	6.649	-	711	-	-	-	-	7.360
Carburante	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Exportação	-	3.589	-	-	-	-	-	-	3.589
Industrial	-	3.060	-	711	-	-	-	-	3.771
Estoque Físico	6.306	31.086	259.381	60.464	32.950	25.440	21.050	30.926	468.505
Anidro	3.424	14.469	89.472	14.393	1.635	5.948	7.531	3.435	140.307
Hidratado	2.882	17.498	169.807	46.071	31.315	19.492	13.519	27.491	328.075
Refinado	-	21	102	-	-	-	-	-	123

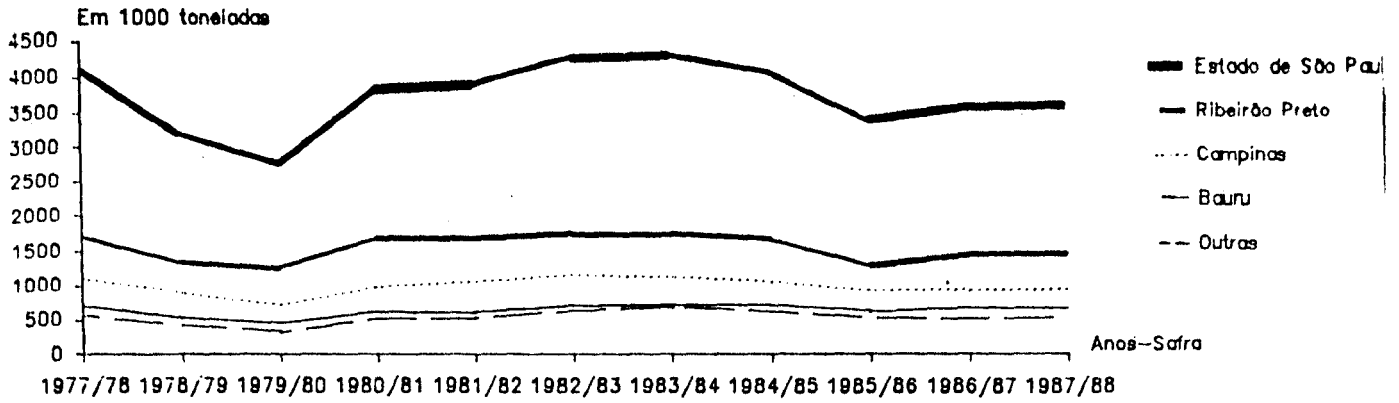
FONTE: Instituto de Açúcar e do Alcool - IAA/Superintendência Regional de São Paulo, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE.

(1) Período de Safra - Início Junho, Término maio

(2) A Produção é igual à Salda mais o Estoque Físico e mais a Quebra (33.617 mil litros)

NOTA: O Alcool Hidratado Carburante é usado como combustível e o Anidro Carburante para ser misturado à gasolina

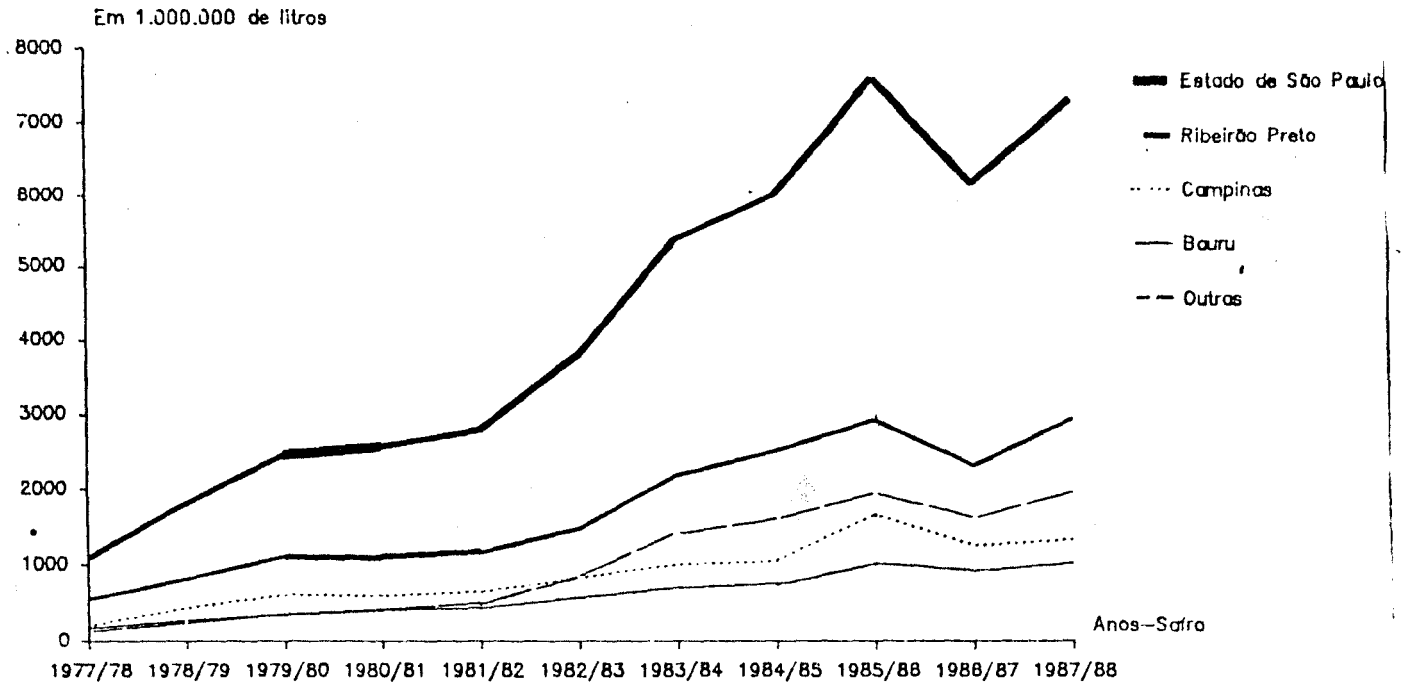
GRÁFICO 2: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE AÇÚCAR, SEGUNDO AS PRINCIPAIS DIVISÕES REGIONAIS AGRÍCOLAS PRODUTORAS ANOS-SAFRA 1977/78 - 1987/88 (1)



FONTE: Instituto de Açúcar e do Alcool - IAA/Superintendência Regional de São Paulo; Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE.

(1) Período da Safra - Início: junho, Término: maio.

GRÁFICO 3: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE ALCOOL, SEGUNDO AS PRINCIPAIS DIVISÕES REGIONAIS AGRÍCOLAS PRODUTORAS ANOS-SAFRA 1977/78 - 1987/88 (1)



FONTE: Instituto de Açúcar e do Alcool - IAA/Superintendência Regional de São Paulo; Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE.

(1) Período da Safra - Início: junho, Término: maio.

O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E A MIGRAÇÃO SAZONAL NA REGIÃO DE GOVERNO DE RIBEIRÃO PRETO

A Região de Governo de Ribeirão Preto localiza-se nas áreas mais beneficiadas com a migração. O saldo migratório decenal situou-se em 76,4 mil pessoas, em meados dos anos 80, com percentuais relativos só comparáveis, em termos regionais, à sub-região de São Carlos.

Assim essa região de Ribeirão Preto caracteriza-se como área de atração demográfica, em que pese a continuidade do êxodo rural pela intensificação da modernização agrícola e pelos efeitos do Proálcool na região, com a substituição do trabalhador agrícola permanente pelo temporário.

Internamente à Região de Governo, o exame dos fluxos migratórios indicam a concentração crescente da população na área urbana da cidade de Ribeirão Preto, cuja população total corresponderia, em 1980, à 48,4% da população total da Região de Governo. Do saldo migratório regional de 86 mil para a Região de Governo, cerca de 62 mil estão dirigidos para o município de Ribeirão Preto, com os demais pólos de atração restritos aos municípios de Barrinha, Brodósqui, Serrana, Sertãozinho, Guariba e Monte Alto.

A transformação da base agrícola regional se reflete na intensificação da migração sazonal, durante o período de safra, com uma concentração de migração nos meses de junho a

setembro, com predominância de migrantes de outras regiões do estado de São Paulo, Minas Gerais e Paraná.

Em resultados de uma pesquisa sobre a ocupação da mão-de-obra na agropecuária paulista, realizada por Clésio Balbo (diretor administrativo e financeiro do grupo Balbo), mostrou-se que :

- a laranja e a cana-de-açúcar são culturas que geram um número significativo de empregos agrícolas, com menores índices de sazonalidade de mão-de-obra na região (administrativa) de Ribeirão Preto.
- a cultura de algodão gera muitos empregos mas apresenta maior índice de sazonalidade.

Verificou-se ainda, a utilização do fator trabalho na cana-de-açúcar e mais doze culturas na região administrativa de Rib. Preto, tomando por base uma área de 4300 hectares. Concluiu-se que a cana-de-açúcar, ocupando 23,93% da área delimitada, é responsável pela geração de 48,67% dos empregos diretos oferecidos, enquanto o conjunto das outras culturas, com 76,07% da área, emprega 51,33% da mão-de-obra agrícola.

E ainda, sob as hipóteses de que:

- 1) a metade da área cultivada com cana na região fosse dividida igualmente para ser ocupada no cultivo de outras culturas pesquisadas: a oferta de emprego reduziria em 12% .

2) a distribuição obedecesse à atual participação de cada cultura na área total: a redução do número de empregos seria de 19,44% (ainda maior que na hipótese anterior).⁽¹⁶⁾

A cultura da cana-de-açúcar apresenta dois momentos distintos de utilização de mão-de-obra não qualificada, sendo que na safra - onde a operação de corte é realizada basicamente de forma manual - a necessidade de mão-de-obra é maior que na entressafra, onde as operações apresentam maiores índices de mecanização. Dados do Instituto de Economia Agrícola de São Paulo (1984), confirmam a sazonalidade da demanda de mão-de-obra na cana-de-açúcar, indicando que a cultura, na região de Rib. Preto, demanda 14,4 dias-homem por hectare no período de safra e 5,7 dias-homem/ha no período de entressafra, ou seja, a necessidade de mão-de-obra na entressafra é de apenas 40 % da necessidade da safra.

O período de colheita cana-de-açúcar coincide, em grande parte, com o da laranja. Essa cultura é também importante na região de Ribeirão Preto e, como na cana-de-açúcar, é colhida manualmente. A coincidência dos períodos de colheita destas duas culturas e suas grandes participações na área agrícola regional fazem com que a demanda por mão-de-obra seja elevada nesta fase, com tendência a provocar escassez relativa de mão-de-obra local;

(16) Vide os QUADROS I, II e III, referentes a :

QUADRO I - "Área Agrícola da Região de Rib. Preto".

QUADRO II - "No. de Empregos gerados nas principais culturas em 4300 ha e por hectare;

QUADRO III - "Alternativas para a substituição de 50% da área real com a cultura da cana-de-açúcar na região de Rib. Preto, por outras culturas".

QUADRO I - ÁREA AGRÍCOLA DA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO

<u>CULTURA</u>	<u>ÁREA (HA)</u>	<u>% POR CULTURA</u>
Algodão	44.859	1,53
Amendoim	35.454	1,21
Arroz	68.603	2,33
Café	158.783	5,40
Feijão	9.634	0,33
Laranja	284.104	9,67
Milho	297.200	10,12
Pecuária	1.087.006	37,00
Soja	249.296	8,48
Sub- Total	2.234.939	76,07
Cana-de-Açúcar	703.242	23,93
TOTAL	2.938.181	100,00

Fonte - DIRA - Ribeirão Preto, abril de 1986

QUADRO II - NÚMERO DE EMPREGADOS GERADOS NAS PRINCIPAIS CULTURAS EM 4.300 HA.
E POR HECTARE *

<u>CULTURA</u>	<u>NÍVEL DE OCUPAÇÃO HOMENS/DIA</u>	
	<u>4.300 HA</u>	<u>HA</u>
Pecuária	21	0,005
Soja	32	0,007
Milho	42	0,010
Arroz Sequeiro	66	0,015
Feijão das Águas	118	0,027
Arroz Irrigado	146	0,034
Feijão das Secas	154	0,036
Amendoim das Secas	195	0,045
Amendoim das Águas	200	0,047
Média de 12 culturas (exceto cana)	233	0,054
Laranja	398	0,093
Cana	453	0,105
Algodão	512	0,119
Café	906	0,211

* Fonte - Trabalho "UTILIZAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA NA AGROPECUÁRIA PAULISTA". julho de 198

QUADRO III - ALTERNATIVAS PARA A SUBSTITUIÇÃO DE 50% DA ÁREA REAL COM A CULTURA DE CANA-DE-AÇÚCAR NA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO, POR OUTRAS CULTURAS

C U L T U R A S	A - REAL				ALTERNATIVA - B				ALTERNATIVA - C			
	ÁREAS		EMPREGOS GERADOS		ÁREAS		EMPREGOS GERADOS		ÁREAS		EMPREGOS GERADOS	
	HA	%	Nºs	%	HA	%	Nºs	%	HA	%	Nºs	%
Algodão	44.859	1,53	5.341	3,51	83.928	2,86	9.993	7,35	51.917	1,77	6.181	4,85
Amendoim	35.454	1,21	1.648	1,08	74.523	2,54	3.413	2,51	41.032	1,40	1.907	1,50
Arroz Sequeiro	68.603	2,33	1.053	0,69	107.672	3,66	1.652	1,22	79.395	2,70	1.219	0,96
Cafê	158.783	5,40	33.455	21,98	197.852	6,73	41.687	30,66	183.764	6,25	38.718	30,37
Feijão	9.634	0,33	265	0,17	48.703	1,66	1.336	0,98	11.150	0,38	307	0,24
Laranja	284.104	9,67	26.296	17,28	323.173	11,00	29.912	22,00	328.802	11,19	30.433	23,88
Milho	297.200	10,12	2.902	1,91	336.269	11,44	3.284	2,42	343.958	11,71	3.359	2,64
Pecuária	1.087.006	37,00	5.308	3,49	1.126.075	38,33	5.499	4,04	1.258.024	42,81	6.143	4,82
Soja	249.296	8,48	1.855	1,22	288.365	9,81	2.146	1,58	288.518	9,82	2.147	1,68
Sub total	2.234.939	76,07	78.123	51,33	2.586.560	88,03	98.922	72,76	2.586.560	88,03	90.414	70,94
Cana	703.242	23,93	74.085	48,67	351.621	11,97	37.043	27,24	351.621	11,97	37.043	29,06
TOTAL	2.938.181	100,00	152.208	100,00	2.938.181	100,00	135.965	100,00	2.938.181	100,00	127.457	100,00

A - REAL - Fonte - DIRA Ribeirão Preto

Alternativa B - 50% área/divisão partes iguais (Acrescentou-se a área real mais 39.069 ha)

Alternativa C - 50% área/divisão proporcional (A distribuição foi feita obedecendo a porcentagem da área real da região segundo DIRA)

este fato estimula a vinda de trabalhadores de outras regiões.

Já no período da entressafra da cana-de-açúcar (coincidente com a entressafra da laranja), a demanda por mão-de-obra diminui consideravelmente, ocasionando rebaixamento de salários e desemprego para parcela da população volante local. Isso contribui para que pelo menos uma parte (aproximadamente 40%) dos migrantes não permaneça definitivamente na região canavieira. (17)

Porém, o problema maior é que basicamente 60% desses migrantes permanecem no estado de São Paulo, a maioria na própria região de Ribeirão Preto (43%), gerando um problema grave de suprimento de infra-estrutura básica e habitação para todo esse contingente populacional.

Sobre as cidades, os efeitos da migração se fazem presentes pelo inchaço da periferia e conseqüentemente insuficiência do equipamento urbano. A demanda por moradia aumenta nesse período, e começam a ser improvisados locais para alojar os migrantes. Mesmo que boa parte desses últimos se aloje nas fazendas, as cidades têm que se aparelhar para enfrentar a demanda por serviços urbanos.

Ao longo dos anos 80 (até 1987) a construção de unidades habitacionais populares aumenta bastante; porém, mesmo com esse quadro favorável em relação à moradia, inicia-se, nos anos 80, um lento processo de favelização.

(17) Segundo GEBARA, J.J; BACCARIN, J.G & BORBA, M.K.Z, Fatores Condicionantes e formas de Migração Sazonal: o caso da migração do Vale do Jequitinhonha (MG) para a região canavieira de Rib.Preto; Rev. Soc. e Economia Rural; jan/mar de 1988, pp 39 a 51;

composto basicamente por famílias de trabalhadores volantes (ou o "bóia-fria"), devido à implantação de projetos de desenvolvimento agroindustrial, tanto na cidade quanto no campo.

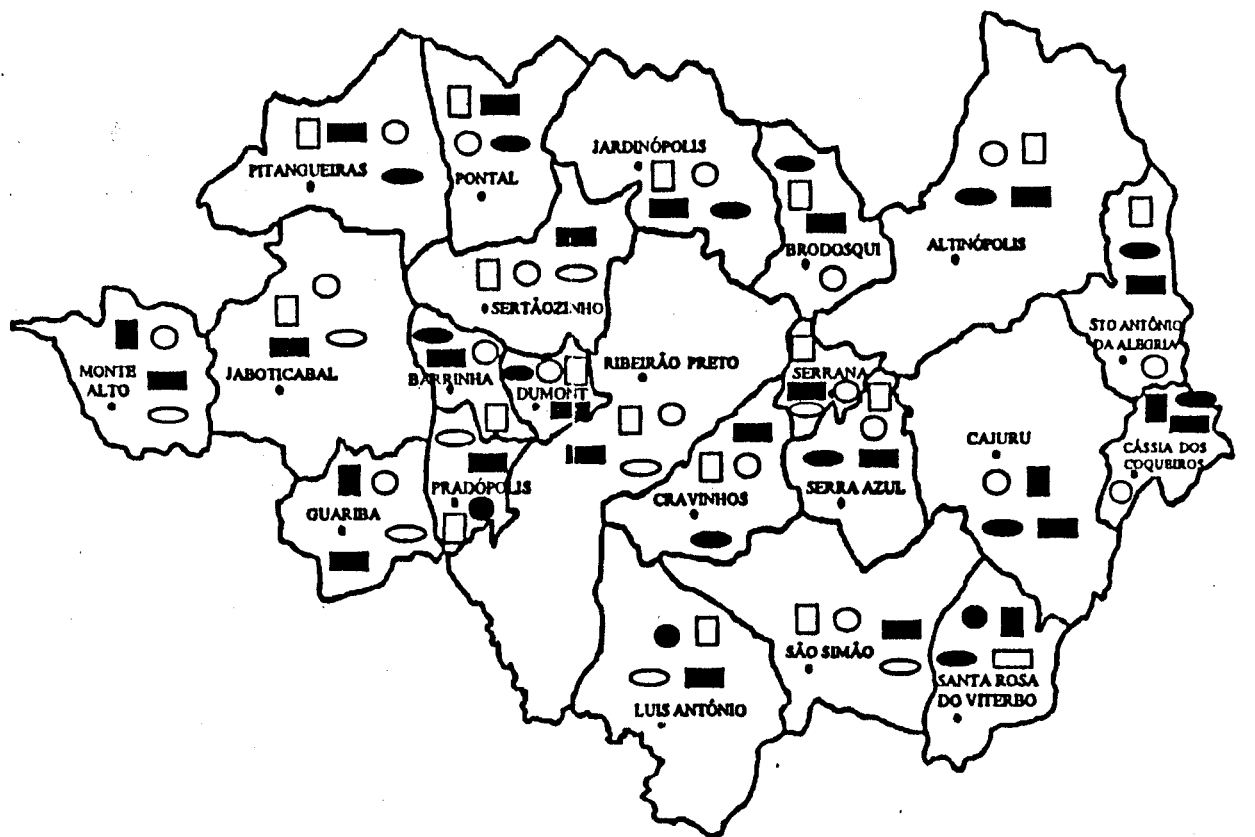
Em que pese o fato da região de Ribeirão Preto ser importante zona produtora de cana-de-açúcar e de laranja, atividades que utilizam elevados contingentes de trabalhadores (boia-frias), essa população concentra-se muito mais em outros municípios da região, tais como Sertãozinho, Guaira e Bebedouro do que em Ribeirão Preto, razão pela qual pode-se considerar como reduzido o número da população favelada residentes no município. Mesmo assim, o número de favelas é bem grande na Região de Governo de Ribeirão Preto, já em 1991. (18)

Em relação às demais infra-estruturas urbanas como abastecimento de água, coleta de esgoto, bem como tratamento de lixo, pode-se afirmar que o atendimento é satisfatório por toda a Região de Governo de Ribeirão Preto, embora alguns municípios ainda tenham problema com esgoto sem tratamento, captação de água superficial e lixo a céu aberto. (19)

(18) Vide MAPA 5 - "Localização dos tipos de habitações existentes - Região de Governo de Rib. Preto".

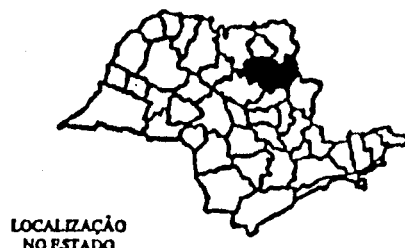
(19) Vide MAPA 4 - "Condições e Equipamentos de Saneamento" - Região de Governo de Rib. Preto".

MAPA 04 - CONDIÇÕES E EQUIPAMENTOS DE SANEAMENTO

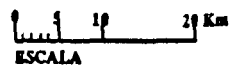
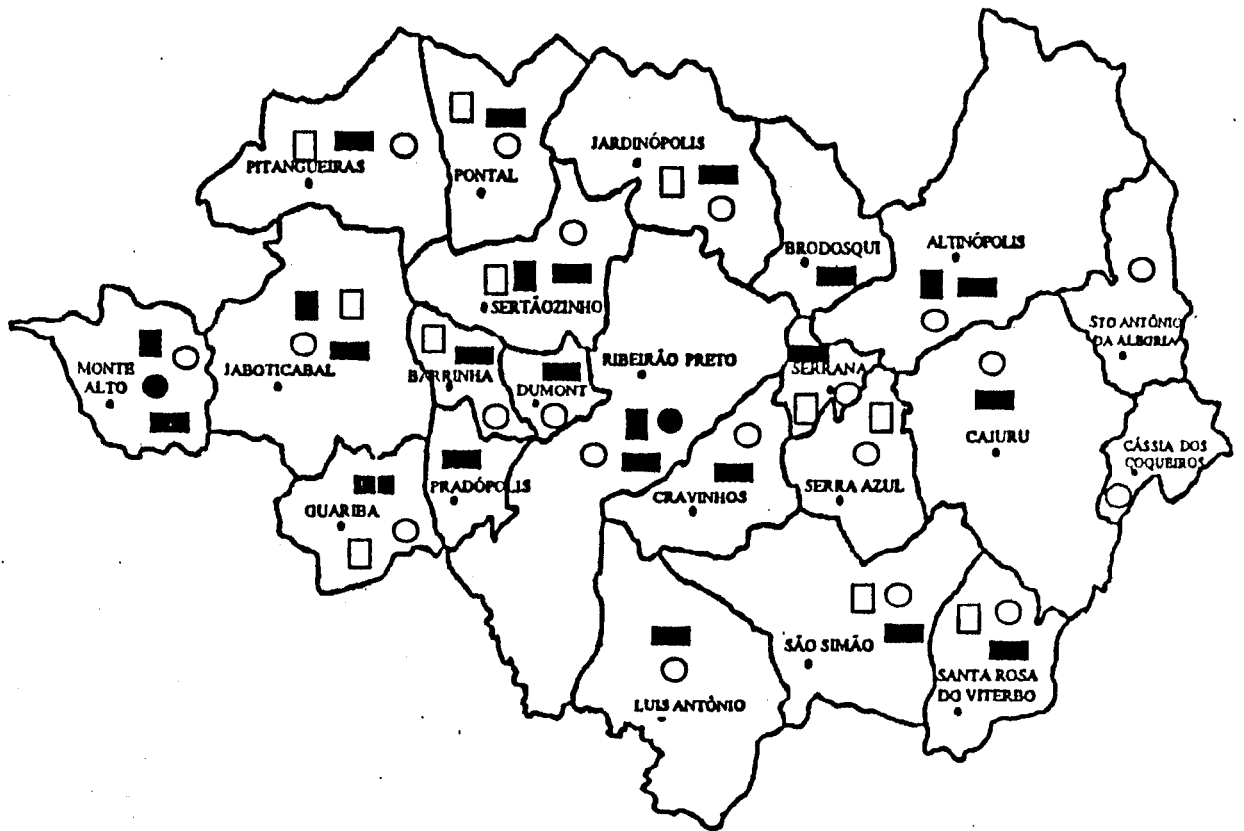


- SABESP - Água
- Prefeitura - Água
- Esgoto Tratado
- Esgoto sem Tratamento
- Captação de Água por Poço Artesiano
- Captação de Água Superficial
- Lixo a Céu Aberto
- Aterro Sanitário

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
 SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO
 COORDENADORIA DE AÇÃO REGIONAL
 REGIÃO DE GOVERNO DE RIBEIRÃO PRETO

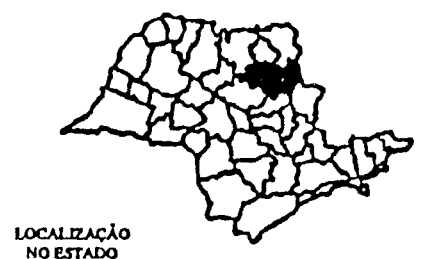


MAPA 05 - LOCALIZAÇÃO DOS TIPOS DE HABITAÇÕES EXISTENTES



- Edificações Verticalizadas
- Favela - até 100 famílias
- Favela - mais de 100 famílias
- Habitações Precárias
- ▬ Loteamentos Aprovados

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
 SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO
 COORDENADORIA DE AÇÃO REGIONAL
 REGIÃO DE GOVERNO DE RIBEIRÃO PRETO



B I B L I O G R A F I A :

LIVROS E ARTIGOS:

* GEBARA, J.J; BACCARIN, J.B. & BORBA, M.M.Z.,
Fatores Condicionantes e Formas de Migração Sazonal: o caso
da migração do Vale do Jequitinhonha (MG) para a região
canavieira de Ribeirão Preto; Rev. de Economia e Sociologia
Rural; Jan/mar 1988, pp 39 a 51;

* NEGRI, Barjas (1988); Ribeirão Preto, in Explosão
Urbana Regional e Demandas sociais no Est. de São Paulo 1970-
1985; Fecamp, janeiro de 1988, datilografado

PERIÓDICOS, JORNAIS E REVISTAS :

* ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1987;

* CADERNO DE ECONOMIA, Jornal Folha de São Paulo,
10 de maio de 1987;

* CONHEÇA A SUA REGIÃO, Lista Telefônica da cidade
de Ribeirão Preto, 1989;

* JABOTICABAL : A ATHENAS PAULISTA, Suplemento
Publicitário da Revista Veja, outubro de 1990;

* REGIÃO DE GOVERNO DE RIBEIRÃO PRETO; in São Paulo
em Exame - Ação Regional, Sec. de Economia e Planejamento,
1991;

* RIBEIRÃO PRETO, Relatório da Gazeta Mercantil, 12
de dezembro de 1986;

C A P Í T U L O I V

A DIVERSIFICAÇÃO E AS MUDANÇAS ESTRUTURAIS

NO COMPLEXO AGROINDUSTRIAL CANAVIEIRO

INFLUENCIANDO A ECONOMIA DA SUB-REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO

OS SUBPRODUTOS DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA

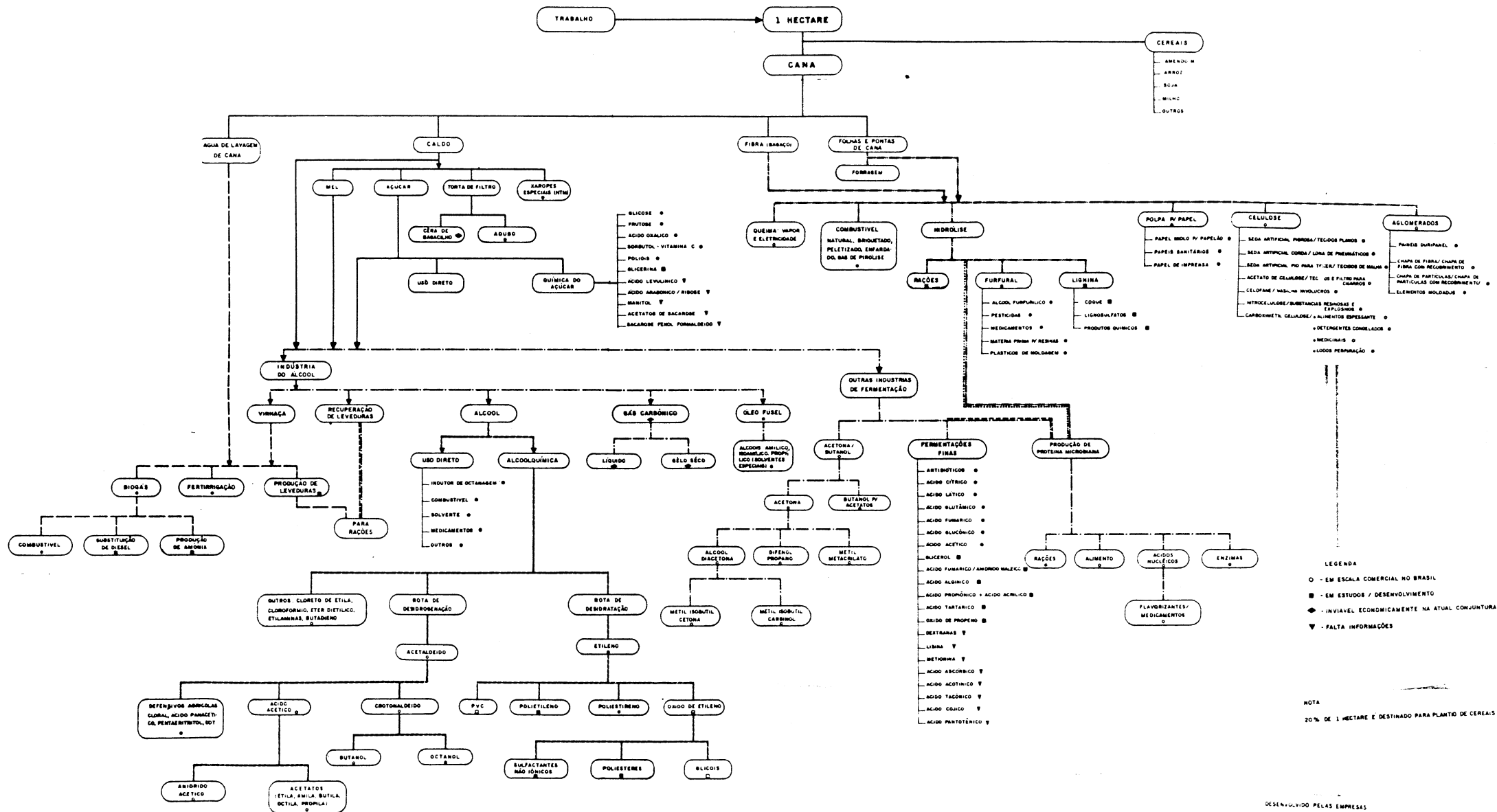
Com a crise do álcool no final dos anos 80, e o conseqüente desabastecimento desse combustível no país, gerando incertezas quanto ao futuro do Proálcool, os usineiros, preocupados com as tendências do seu setor de atividade, partiram para a diversificação de sua produção a fim de ficar menos dependentes das políticas governamentais.

A médio prazo, os usineiros pretendem consolidar o álcool como combustível alternativo no mercado interno. Além disso, esperam abrir um leque de produtos, resultado de intensas pesquisas desenvolvidas nos últimos dez anos.⁽¹⁾

Se a rentabilidade do álcool for pequena, os usineiros estão dispostos a diversificar para melhorar o perfil de seu faturamento, mesmo amarrando com laços mais fortes suas agroindústrias às regiões em que atuam: a produção de suco cítricos no estado de São Paulo, por exemplo, depende hoje do bagaço de cana que alimenta as suas caldeiras.

(1) Ver Fluxograma: "Potencial de Produtos e sub-produtos de uma agroindústria canavieira".

POTENCIAL DE PRODUTOS E SUB-PRODUTOS DE UMA AGROINDÚSTRIA AÇUCAREIRA



O BAGAÇO COMO FONTE DE ENERGIA

O caminho dos subprodutos do esmagamento da cana-de-açúcar, pode-se dizer que começa com o bagaço.

Sempre se queimou o bagaço como energia térmica e não havia preocupação em poupar. A primeira forma de uso comercial ocorreu ainda como fonte energética para terceiros, pois as indústrias de laticínios, óleos, sucos e papel, principalmente, compram o bagaço para queimá-la em caldeiras, substituindo o óleo diesel.

A Usina Santa Lydia, de Rib. Preto, desenvolveu uma tecnologia de aproveitamento do bagaço (BAGATEX) e fez o tratamento, o enfardamento e a secagem por processo químico, que permite a estocagem dos fardos por um período de até dois anos. A Bagatex, hoje, exporta o bagaço processado para o mercado europeu, onde é utilizado na confecção de madeira aglomerada.

As usinas estão tentando substituir o bagaço, utilizado como combustível nas suas caldeiras, pela palha da cana queimada nos campos e, assim, aumentar o excedente comercializável do próprio bagaço.

O BAGAÇO NA ALIMENTAÇÃO DO GADO

Em outro frente, pesquisou-se formas de tornar o bagaço digestível como alimento animal, o que levou muitas usinas a desenvolver atualmente o confinamento de gado, verticalizando a atividade.

Algumas usinas exportam bagaço hidrolisado, pelitizado e se utilizam de um processo de levedura em pó mais o melado para obter a ração bovina.

O BAGAÇO NA FABRICAÇÃO DE PAPEL

A fabricação de papel a partir do bagaço, apesar de ser um processo bastante complexo, comprovou-se possível de realizar. A Usina Amália, em Santa Rosa do Viterbo, faz papel de embalagens utilizando suas sobras do bagaço.

A própria escassez de madeira - principal matéria-prima para a fabricação do papel - constitui uma forte justificativa para que as empresas de papel e celulose se voltem para a produção de pasta mecânica de celulose. Recente levantamento na região de Ribeirão Preto, nos demonstra um excedente de 1 200 000 ton/ano de bagaço, o que daria para evitar o corte de 10 000 árvores anualmente.

O BAGAÇO PRODUZINDO ENERGIA ELÉTRICA

A Companhia Açucareira Vale do Rosário, de Morro Agudo (SP), segue o caminho das Usinas São Martinho, de Pradópolis (SP) e da São Francisco, de Sertãozinho (SP), que aproveitando a energia gerada na queima do bagaço de cana, em caldeiras de alta pressão, produzem energia elétrica excedente durante a safra.

O bagaço "in natura" desumidificado é utilizado para produção de energia elétrica, sendo que sua economia representa 65% do valor equivalente do óleo BTE.

Tendo como cliente a CPFL (Cia Paulista de Força e Luz), as usinas têm conseguido um excedente de energia elétrica comercializável:

- Usina São Francisco ----- 500 000 Kw/h;
- Vale do Rosário ----- 800 000 Kw/h;
- Usina São Martinho ----- 350 000 Kw/h. (2)

Nesse momento, estava em definição um acordo entre a Copersucar e a Petrobrás, para análise da cooperação de fornecimento de energia elétrica.

O XAROPE DO MELAÇO

O melaço é atualmente um subproduto valorizado no mercado. Por ser um produto de alta concentração de açúcar é exportado para a Europa, EUA e Japão, onde é utilizado tanto na fabricação de álcool, quanto de antibióticos, ácido cítrico, alimento para gado e rações.

A PRODUÇÃO DE ALCÓOIS ESPECIAIS

A Usina Santa Lydia S/A, de Ribeirão Preto, que desde 1979 investe na produção dos álcoois nobres, produz anualmente cerca de 15 milhões de litros de álcool hidratado e álcool anidro e exporta 70% da produção para a Europa. Sua diversificação foi uma alternativa estratégica da usina para ampliar mercados, optando pela exportação, embora embora o álcool anidro industrial tenha mercado nas indústrias de

(2) Segundo dados da firma Imagem - Assessoria e Consultoria de Ribeirão Preto, segundo informações de Fernando Brizolla - relações públicas das usinas da região de Ribeirão Preto. (3) Divulgada pela

bebidas, principalmente a vodca.

O VINHOTO COMO FERTILIZANTES E GERADOR DE GÁS METANO PARA COMBUSTÍVEL

Para substituir o potássio, que antes tinha de ser importado para adubar as terras com cana, as usinas usam hoje o rico vinhoto, que já foi o vilão que poluía os rios. O vinhoto, ou vinhaça, resultante da produção de álcool, antes de ser utilizado como fertilizante, era um problema para as empresas, pois resulta de um volume 10 a 12 vezes maior que o álcool produzido.

Há ainda o aproveitamento do vinhoto para gerar gás metano, através de um processo de biodigestão. Esse gás metano é combustível para movimentar a frota de caminhões das usinas. Segundo dados de Fernando Brizolla - relações públicas das usinas da região de Ribeirão Preto - são produzidos anualmente 48 bilhões de litros de vinhaça, o que equivaleria à movimentação de 13 mil caminhões, rodando durante 7 meses, com 300 km/dia.

A COLHEITA MECANIZADA DA CANA

As operações de colheita da cana-de-açúcar, além de representar uma porção considerável do custo de produção (cerca de 30 a 40%), tem sido motivo para discussões nos últimos tempos.

O sistema de colheita da cana-de-açúcar, que envolve

as operações de corte, carregamento e transporte, pode ser manual, semi-mecanizado ou mecanizado. Além disso, há aspectos a serem observados como o fato da cana ser queimada ou não, com ou sem corte do ponteiro, entre outros.

Hoje se vê grandes avanços na colheita mecanizada da cana-de-açúcar, que segundo muitos usineiros traz um custo 40% inferior ao da colheita manual, apontando, no futuro, na substituição de quase 20% da mão-de-obra utilizada hoje no período da safra. Com isso, espera-se especializar o trabalhador rural e possibilitar a colheita da cana crua, que dobra a energia disponível por hectare de cana cultivado, segundo os usineiros.

A Santal Equipamentos S/A, indústria de máquinas agrícolas, de Ribeirão Preto (do mesmo grupo da Usina Santa Lydia S/A), está desenvolvendo um novo sistema de colheita mecanizada que, além de reduzir o número de peças móveis e aumentar o rendimento da máquina, permite a colheita da cana crua. Até o momento, as máquinas são importadas, o que encarece a mudança de processo de colheita. Mesmo assim, hoje, em muitas usinas da sub-região de Ribeirão Preto, 22 a 25% da colheita já é mecanizada.

No entanto, em uma pesquisa recente (3), conduzida na já citada Usina Sta Lydia, em Ribeirão Preto, foram instalados dois experimentos: um com colheita manual e outro mecânica. Os resultados foram o seguinte:

(3) Divulgada pela Revista "Álcool e Açúcar", nr. 58, maio/junho - 1991, pp. 24 a 27;

- os métodos de colheita interferem de maneira decisiva na qualidade tecnológica da matéria-prima, onde o corte mecanizado de cana picada gera valores inferiores para a percentagem de pureza do caldo, constatando que:

A) a colheita mecanizada provoca redução do grau de pureza do caldo, independente do estado de corte da cana-de-açúcar;
B) o uso do corte mecânico em safras consecutivas, além de causar decréscimos no grau de pureza, provoca acréscimo maior na percentagem fibra/cana que na colheita manual.

Portanto, percebe-se que há hoje uma controvérsia muito grande quanto às vantagens e desvantagens de se ter uma colheita mecanizada para a cana-de-açúcar. Se a mecanizada representa um custo menor para a usina, pode comprometer a qualidade do produto da produto final, açúcar ou álcool.

A DIVERSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES EM SETORES TRADICIONALMENTE LIGADOS À AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA

O CASO DA ZANINI S/A

A diversificação em setores ligados à cana-de-açúcar, que é comum existir a nível vertical (integração - como acontece no desenvolvimento de sub-produtos da cana-de-açúcar), tem sofrido nos últimos anos uma tendência de horizontalização de atividades (diversificação horizontal).

Isso poderia ser mostrado pela empresa Zanini S/A Equipamentos Pesados, de Sertãozinho, que é controlada pela

Usina Sta Elisa. Essa empresa substituiu moendas, turbinas a vapor, pontes rolantes, cozedores à vácuo e evaporadores (que representavam 80% de seus pedidos pelas usinas) para dar prioridade à produção de equipamentos para a instalação de portos, para indústrias de papel, alumínio e de alimentos, levando a produção para usinas de açúcar e álcool à percentagem de apenas 21%.

O Grupo BIABI, detentor da Usina Sta Elisa E Zanini S/A, possui ainda participação em uma empresa de bebidas, a Refrescos Ipiranga S/A (fabricante da coca-cola), uma transportadora (Transribe), a Agropecuária Lagoa da Serra, a Cia Agrícola Sertãozinho (CASE), a SEC - Açúcar e Alcool - prestadora de serviços de transporte aéreo, além das destilarias MB (em Morro Agudo-SP) e Moema (em Oriundiuva-SP).

A Zanini buscou tecnologia externa se incorporando e montando subsidiárias em um processo de diversificação, que se vislumbra já no final dos anos 70. Assim teríamos:

* 1969 - **Zanini Engenharia, P&D S/A** - em São Paulo; a fim de atuar na área de engenharia civil, saneamento, fiscalização, direção e construção de complexos industriais. A empresa fornece consultoria técnica para indústrias em geral (principalmente açúcar e álcool, indústrias químicas, farmacêuticas e alimentícias).

* 1976 - **AKZ Turbinas** - em Cravinhos (SP); joint-venture entre a Zanini S/A Equipamentos Pesados e a AEG-Kans (da Alemanha), a fim de melhorar a tecnologia em turbinas.

visando produzir e comercializar turbinas a vapor para usinas de açúcar, destilarias de álcool, fábricas de cimento, refinarias de petróleo e petroquímicos.

* 1976 - **Renk-Zanini S/A Equipamentos Industriais** - em Cravinhos; associação entre a Zanini S/A Equip. Pesados e a Z. Renk A.G. (da Alemanha). Objetivo: produzir redutores especiais de alta velocidade, fornecendo equipamentos para indústria naval, petrolíferas, petroquímicas, cimento, siderurgia, mineração e de borracha, usinas de açúcar e destilarias de álcool.

* 1976 - **Sermtec Ind. e Montagens S/A** - em Sertãozinho (SP); com serviços de montagens de equipamentos industriais, painéis de controle, importação e exportação de serviços.

* 1977 - **Meppan Equipamentos Industriais** - em Sertãozinho; incorporada à Zanini para produzir equipamentos para o setor açucareiro.

* 1977 - **Zanini Foster Wheeler Engenharia e Desenvolvimento Ltda** - Zanini e Foster Wheeler Ltda; objetivo: projetos e construção de unidades de processamento, de geração de energia e fabricação de equipamentos.

* 1978 - **Zanini International Trading Company Incorporated** - Paraná; objetivo: ampliar as exportações de equipamentos para Am. Central e África.

Porém a diversificação maior da Zanini aconteceu quando a empresa, envolvida em dificuldades financeiras, graças a prejuízos acumulados com o Proálcool, diversificou sua produção, adquirindo tecnologia externa, como da :

- Sunds (sueca): para o setor de celulose;
- Foster-wheeler (norte-americana): para caldeiras para indústrias petroquímica e setor energético;
- Nuovo-Pignone (italiana): para fabricação de compressores centrífugos para plataformas petrolíferas.

Com isso, foi possível passar a priorizar equipamentos para instalação de portos, termoelétrica, indústrias de papel, papel e celulose, alumínio e cimento e aumentar as exportações, atingindo US\$ 16 milhões em 1987.

Percebe-se assim que o grupo Biagi além de diversificar o próprio grupo, pelo controle de inúmeras empresas, de distintos ramos, também buscou a diversificação dentro de cada empresa (como é o caso da Zanini), a fim de ficar menos dependente do comportamento do açúcar e do álcool e das incertezas do Proálcool.

O CASO DA DEDINI S/A

Outra empresa, que apesar de se localizar fora da área desse estudo, é importante para mostrar o processo que ocorre nos setores ligados ao fornecimento de infraestrutura para as usinas, é a DEDINI S/A, de Piracicaba(SP). Juntamente com a Zanini, correspondem às duas únicas empresas do país a fornecer maquinário de manutenção às usinas de açúcar e álcool.

Pertencendo ao grupo OMETTO, a Dedini (que ainda possui inúmeras usinas, assim como destilarias, naquela região, além de detentor da Ind. de Alimentos Piraquê) é

mais um exemplo de um grupo que buscou a diversificação das atividades em setores anteriormente totalmente dependentes do desempenho do Proálcool.

Centralizada numa holding e subdividida em 5 sub-holdings distintas (metalurgia, siderurgia, agroindústria, serviços e participações), a Dedini contou com financiamentos para poder se expandir, com investimentos (desde 1988) para aumentar sua capacidade instalada.

O carro-chefe do grupo hoje deixou de ser a agroindústria passando para a siderurgia. Até há pouco tempo, a empresa era conhecida, principalmente, como fabricante de equipamentos para a indústria do açúcar e do álcool - participando com mais de 60% dos projetos de usinas e destilarias aprovados pelo Proálcool. Porém, com a retração do programa, o setor metalúrgico do grupo entrou em crise, sendo que nem mesmo a incursão da área de bens de capital impediu que sua participação despencasse de 70% (do começo da década de 80), para os 34% em 1988.

O CASO DA SMAR

Outra empresa, do ramo eletro-eletrônico, a SMAR, de Sertãozinho, como a Zanini, foi importante para o desenvolvimento da agroindústria canavieira, no início da década de 80. Porém, também buscou a diversificação para tornar a economia menos do açúcar e álcool.

Desenvolvendo uma tecnologia avançada, que permitiu à empresa a fabricação de transmissores com célula

capacitadora - instrumento de medição de pressão, com similares apenas no Japão e EUA - a SMAR conquistou não só o mercado interno, mas também o mercado externo de componentes para usinas de açúcar e álcool.

O CASO DA USINA SÃO GERALDO

As usinas de açúcar e álcool que, com a crise do álcool, a partir de 1987, não conseguiram modificar sua infra-estrutura para melhor aproveitar os sub-produtos da cana-de-açúcar, passaram para a diversificação completa de seu ramo de atuação, até então, é o caso da Usina São Geraldo, importante produtora de açúcar e álcool, de Ribeirão Preto, que, em 1987, passou a diversificar-se horizontalmente, passando a cultivar "camarões da Malásia", utilizando a mesma infra-estrutura das usinas.

Com esses fatos podemos evidenciar que uma "nova fase" é presenciada na agroindústria canavieira e nos setores que eram ligados a seu desempenho. Essa nova fase é marcada primordialmente pela busca de sub-produtos alternativos ao álcool e açúcar e diversificação produtiva dos setores até então fortemente ligados ao Proálcool.

AS MUDANÇAS NA ECONOMIA REGIONAL EM DIVERSOS SETORES DE ATIVIDADE

Ribeirão Preto, na década de 80, cresceu como centro comercial e de serviços, contemplando riquezas que repercutem por toda a região que abrange.

A região de Rib. Preto responde por cerca de 8% do PIB agrícola brasileiro, além de recolher um montante de ICMS que supera muitos estados. Somente a produção de açúcar e álcool, da região administrativa, participou com 54,05% do ICM em 1988, e em 1989 a participação foi para 55,04% do ICMS estadual (em 1990 com certeza ultrapassou os 50%-(4)-).

O dinamismo que o setor sucroalcooleiro, na década de 80, trouxe para a sub-região de Ribeirão Preto pode ser evidenciado pela participação tributária, pelo fluxo de investimentos que representa, desenvolvendo o sistema financeiro da região. Além disso, esse dinamismo influencia o comportamento do comércio e da indústria devido ao grande volume de transações, com diferentes setores, trazendo um mercado consumidor e investidor vigoroso, principalmente na cidade-sede de Ribeirão Preto - refletindo em sua renda per capita de US\$ 5,5 mil.

Todo esse potencial revela o setor agroindustrial canavieiro como importante fator para o desenvolvimento da economia da região, nos anos 80. Porém, o que se pretende nesse momento é mostrar que com o pleno desenvolvimento do

(4) Segundo dados do jornal Gazeta Mercantil, de 25/06/91.

setor sucroalcooleiro e com as mudanças em suas atividades, observa-se a tendência para uma economia mais diversificada e menos centrada no comportamento desse setor.

Em última análise, a hipótese a ser confirmada é que: a economia regional já se sustenta sem depender do bom desempenho da agroindústria canavieira e no Proálcool. A indústria, o comércio e os serviços são setores já bastante dinamizados e capazes de por si só gerarem riqueza para a região.

A seguir, procuraremos dar exemplos do desenvolvimento de alguns setores na região, que comprovam a descentralização da economia regional e sua dinamicidade.

O CRESCIMENTO DO SETOR FINANCEIRO

O crescimento do setor financeiro é um bom exemplo para quantificar a força da região de Ribeirão Preto.

De acordo com a ACI (Associação Comercial e Industrial) de Ribeirão Preto, tem havido um crescimento na compensação de cheques nos últimos anos, superando 10% de crescimento.

Hoje, Ribeirão Preto conta com serviços de aproximadamente 100 agências bancárias, incluindo caixas econômicas e bancos estrangeiros.

Dados do Banco Central, compilados pelo Instituto de Economia "Maurílio Biagi", da ACI de Rib. Preto, mostram que a região já é oficialmente a 6ª do ranking nacional de Compensação de cheques. Referente ao ano de 1990, a listagem

traz a Grande São Paulo em 1o lugar, seguido pelo Grande Rio, da Região de Campinas e depois, praticamente empatados : Grande Porto Alegre, Grande Belo Horizonte e Região de Ribeirão Preto (com 138 811 499 cheques compensados).

Porém há evidências, segundo o diretor do Inst. de Ec. Maurilio Biagi - Vicente Golfeto, de que esses dados estão defasados, e que já no 1o semestre de 1991 a região de Ribeirão Preto já alcançou o 4o lugar, atrás apenas da Grande São Paulo, Grande Rio e da região de Campinas.

Ainda é mostrado, segundo Golfeto, que Rib. Preto é a primeira do país em volume de cheques emitidos por habitante: 50 cheques/hab por ano, contra 27 cheques emitidos por cada morador na Grande São Paulo. Isso demonstra a disposição dos bancos em instalar agências na região e no município. (5)

Não se pode esquecer ainda do escritório regional(Erpo) da Bolsa de Valores do Est. de São Paulo (Bovespa), que com 10 anos após sua implantação em Rib. Preto, já consolidou sua presença na região, movimentando grandes quantias, colocando o mercado da região de Ribeirão Preto atrás apenas das bolsas de São Paulo, Rio de Janeiro e de Minas-Espírito Santo-Brasília (Bovmesb) (6).

(5) Apenas em Ribeirão Preto são 84 agências de 44 diferentes instituições bancárias.

(6) Dados do jornal Gazeta Mercantil de 20de maio de 1989 afirmam que existem 1400 investidores dastrados na Erpo, sendo 80% da própria cidade de Ribeirão Preto e de Sertãozinho e 20% das outras cidades restantes da região.

O CRESCIMENTO INDUSTRIAL E COMERCIAL

Conhecida por deter um número expressivo de pequenas e médias indústrias, a região de Ribeirão Preto teve um desenvolvimento expressivo nesse setor de atividade, no final dos anos 80, tornando-o bastante diversificado, com aumento de investimentos nas empresas existentes e interesse de novos capitais em se instalar na região.

Dessa forma, temos o desenvolvimento da indústria farmacêutica, representada pelo **grupo JJP**, que tem investido bastante para ampliação de sua capacidade produtiva, especializando na fabricação de rins artificiais e produtos hospitalares.

Outro grupo que merece destaque na região é a **DABI-ATLANTE**, que atua no setor de equipamentos odontológicos e renovou seu maquinário apostando no aumento das exportações.

A **Ind. de Alimentos CORY Ltda** também tem investido, ampliando seu quadro de funcionários, aumentando sua capacidade industrial e pretendendo ampliar a fábrica com as importações de equipamentos para aumento de produtividade.

Também no ramo alimentício, a **Adriano COSELLI S/A Comércio e Importação**, bastante conhecida no município de Ribeirão Preto, atuando no ramo de atacado de alimentos e produtos de limpeza, tem compradores por todo o interior do estado de São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Possuindo ainda duas outras empresas: a **Rodoriber Transporte Comércio e Importação Ltda** (que transporta somente a mercadoria da companhia atacadista) e a **Industrial de Alimentos Cravinhos**

Ltda (que produz especiarias, farinhas e grãos), a Coselli tem um faturamento anual de US\$ 120 milhões.

Todo esse potencial faz com que outros setores industriais, que não compunham o quadro das indústrias da região, se interessem em instalar na mesma : é o caso da **Companhia Votorantim de Celulose e Papel (CELPAV)**.

Instalada no município de Luís Antonio, da Região de Governo de Rib. Preto, o projeto deverá receber US\$ 700 milhões até sua conclusão. Milhões de pés de eucaliptos, foram plantados numa área de 70 km da fábrica, invadindo áreas antes destinadas somente ao cultivo da can-de-açúcar. Essa transformação modifica a face do município de Luís Antonio, de 4,5 mil habitantes: estima-se que a arrecadação do ICMS será da ordem de US\$ 5 milhões ao ano, só em função das vendas da CELPAV, além de gerar melhores condições sociais e de saúde para sua população.

RIB. PRETO E A IMUNIDADE A CRISES -A CALIFÓRNIA BRASILEIRA

Em meados de 1990, quando o país sentia profundamente a crise que se instalava, com recessão, desemprego e "quebradeira" das empresas, a região de Ribeirão Preto demorou para ser afetada.

A agroindústria é considerada a grande responsável por essa aparente imunidade, por gerar pouco desemprego, devido à rotação de safras agrícolas, além de ter boa industrialização de seus próprios produtos agrícolas.

Dona de uma dinâmica economia que garante um PIB regional de US\$ 17 bilhões (quatro vezes maior que o PIB do Uruguai), a região de Rib. Preto se mantém à frente das regiões produtoras de açúcar e álcool.

Embora o ICMS recolhido em 1990, tenha aumentado de 6,2%, esses exemplos de prosperidade não fazem da região de Rib. Preto uma "Califórnia Brasileira" como é chamada, fato esse bastante divulgado, gerando aumento das migrações para a região, favelamento e criminalidade na região.

Porém, já no final do ano de 1990, Rib. Preto já começa a sentir a crise, com queda do nível de salários, queda nas vendas do comércio, desemprego da mão-de-obra temporária e aumento do custo de vida.

Houve ainda aumento da sonegação de impostos federais, principalmente o IFI (Imp. sobre Produtos Industrializados), revelando dificuldades de capital de giro enfrentadas pelas empresas. Esse fato fica mais evidente pelo aumento do número de títulos protestados no primeiro semestre de 1991, aumentando no segundo semestre desse ano, sendo 85% em duplicatas (7), revelando a crise econômica e a situação de insolvência enfrentada por inúmeras firmas - principalmente as pequenas e médias empresas.

Porém, no final do segundo semestre de 1991, o reaquecimento da economia foi sentido na região, principalmente através da recuperação do setor de construção civil, com aumento da área licenciada para construção - que

(7) Dados do diretor do Inst. de Economia Maurílio Biagi, da ACI de Rib. Preto.

sofreu um aumento recorde em relação às duas últimas décadas(40,04% maior que 1990,devendo superar 1 milhão de m² até dezembro de 1991). (8)

PERSPECTIVAS PARA A REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO

Tendo-se evidenciado as mudanças que vem ocorrendo na economia regional, menos dependente do desenvolvimento da agroindústria canavieira, e cada vez mais diversificada, alguns fatos e estudos vem a compensar essas perspectivas.

O município de Ribeirão Preto foi escolhido para ser o primeiro da país a ter leilão eletrônico de produtos hortifrutigranjeiros, visando um preço melhor e o incentivo ao cultivo de produtos hortifrutigranjeiros na região.

Está ainda em fase de implantação de um Pólo de Desenvolvimento Tecnológico de Ribeirão Preto, visando uma industrialização maior para a região, porém de forma coordenada, complementando as necessidades das agroindústrias, como a indústria álcool-química (para as agrindústrias canavieiras) por exemplo.

Esse projeto tem atraído interesse de grandes grupos empresariais, inclusive empresas multinacionais, como a RHODIA S/A, que demonstrou interesse em aproximar a Fundação Universidade-Empresa (UNIEMP), visando ajudar as pequenas e médias empresas a trazer tecnologia de ponta.

(8) Dados do Inst. Ec. da ACI de Rib. Preto.

Percebe-se assim, que uma nova tendência é evidenciada na região, buscando atingir a complementaridade de seus setores de atividade, nos seus principais ramos, acoplando a isso a diversificação de sua economia a fim de manter a sua dinamicidade.

B I B L I O G R A F I A :

Jornais e Revistas

GAZETA MERCANTIL

* A FORÇA DO INTERIOR, Relatório da Gazeta Mercantil, 28 de janeiro de 1988, pp 01 e 04;

* CANA GERA MAIS DE 50% DO IMPOSTO DE RIBEIRÃO PRETO, 25 de junho de 1990, pp 10;

* QUEDA REAL DO PREÇO LIMITADA EXPANSÃO DA CANA, 25 de junho de 1990, pp 15;

* O NOVO PAPEL DA VOTORANTIM, 06 de março de 1991, pp 17;

* O POLO DINÂMICO DE RIBEIRÃO PRETO, Relatório da Gazeta Mercantil, 20 e 22 de maio de 1991;

* RIBEIRÃO PRETO, Relatório da Gazeta Mercantil, 12 de dezembro de 1986;

* ZANINI REDUZ PRODUÇÃO PARA USINAS E DESTILARIAS, 25 de junho de 1991, pp 05;

FOLHA DE SÃO PAULO

* CUSTO DE VIDA EM RIBEIRÃO PRETO TEM MAIOR AUMENTO DESDE MARÇO, SP NORDESTE, 08 de julho de 1991, pp 03;

* RECESSÃO CHEGA AO INTERIOR DE SP COM CRISE NA AGRICULTURA, 05 de novembro de 1990, pp B-1;

O ESTADO DE SÃO PAULO

* RIBEIRÃO PRETO VOLTA A CRESCER, Cad. Economia, 07 de abril de 1991, pp 07;

A CIDADE ----- (jornal do município de Ribeirão Preto)

* AUMENTA A SONEGAÇÃO DE IMPOSTOS FEDERAIS, 07 de agosto de 1991, pp 16;

* AUMENTO RECORDE NO NÚMERO DE TÍTULOS PROTESTADOS, 01 de setembro de 1991, pp 14;

* BAGAÇO DE CANA COMO FONTE ALTERNATIVA PARA FABRICAÇÃO DE PAPÉIS, 29 de setembro de 1991, pp 11;

* CONTINUA AUMENTANDO O NÚMERO DE TÍTULOS PROTESTADOS, 04 de setembro de 1991, pp 11;

* DIMINUEM AS VENDAS DO COMÉRCIO DE RIBEIRÃO PRETO, 03 de agosto de 1991, pp 15;

* FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE-EMPRESA QUER SE APROXIMAR DO POLO DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DE RIBEIRÃO PRETO, 05 de setembro de 1991, pp 15;

* NÚMERO DE CHEQUES COMPENSADOS MOSTRA FORÇA DA ECONOMIA DA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO, 05 de julho de 1991, pp 14;

* PESQUISA MOSTRA RECUPERAÇÃO DO SETOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL, 11 de julho de 1991, pp 14;

* RIBEIRÃO PRETO TERÁ LEILÃO ELETRÔNICO DE PRODUTOS HORTIFRUTIGRANJEIROS, 04 de agosto de 1991, pp 13;

VEJA

* INTERIOR SE ARMA CONTRA A CRISE, Veja Interior, 21 de novembro de 1990, pp 06 a 11;

C O N C L U S Ã O

A economia da região de Ribeirão Preto tem se mostrado, nos últimos anos, bastante diversificada, aumentando sua dinamicidade.

Nessas transformações, a Região de Governo (ou sub-região) de Ribeirão Preto tem dado uma contribuição significativa, principalmente ao se evidenciar que muitas dessas mudanças tem acontecido na agroindústria canavieira e nos setores tradicionalmente ligados ao seu desenvolvimento.

Não se pode esquecer que o Proálcool foi de extrema importância para o desenvolvimento da região já no final dos anos 70, atingindo seu auge em meados dos anos 80. Foi com o Proálcool que a região de Ribeirão Preto (e principalmente a Região de Governo) pôde aumentar a sua oferta de empregos, arrecadar mais tributos, desenvolver seu sistema financeiro, trazer investimentos industriais para a região e aquecer seu comércio.

Enfim, Rib. Preto destacou-se perante não só o estado de São Paulo, mas ainda perante todo o cenário nacional, a ponto de ser comparada, erroneamente, ao estado da Califórnia, nos EUA, por se acreditar deter o mesmo padrão de vida e riqueza desse estado americano.

Deve-se considerar que essa região, ora em estudo, detém um potencial produtivo de invejar a muitos estados

brasileiros, mas mantem seus problemas característicos do país como : elevada concentração de renda, desemprego, acelerado processo de favelamento e marginalidade (graças ao aumento das migrações para a região, fruto da ampla divulgação dada sobre a riqueza da "Califórnia Brasileira").

No capítulo IV, podemos sentir que Ribeirão também sente a crise que, no momento se instala no país, sendo a sua imunidade (também muito divulgada pelos meios de comunicação) apenas aparente.

Nesse mesmo capítulo (citado acima), verificou-se que o desempenho da economia da sub-região, após as mudanças estruturais da agroindústria canavieira, revela uma nova face da economia regional: uma economia mais diversificada e menos centrada no comportamento do setor sucroalcooleiro.

Para comprovar esse fato analisou-se o acelerado processo de diversificação das usinas, buscando sub-produtos alternativos ao álcool e açúcar, visando um aproveitamento maior do potencial econômico da cana-de-açúcar, sem alterar significativamente a infra-estrutura existente, evidenciando assim, uma nova fase para o setor.

Além disso, os setores, até então responsáveis pelo fornecimento de maquinário para as agroindústrias (como a ZANINI e a DEDINI), partem para a diversificação de suas atividades e dar prioridade às exportações no seu potencial produtivo. Ao mesmo tempo, há indícios, através da análise de grupos detentores de complexos agroindustriais de maior peso (como os grupos BIAGI e OMETTO), que essa

diversificação aumenta a participação desses setores no desempenho da economia da sub-região de Ribeirão Preto, por atuar a nível de gerenciamento e administração direta em ramos de atividades que até então não compunham o complexo agroindustrial, sendo totalmente alheios ao CAI (vide a diversificada composição dos grupos BIAGI e DMETTO).

É importante ainda evidenciar algumas curiosidades descobertas nas entrevistas realizadas com os empresários da região de Ribeirão Preto. Nota-se que a maioria dos grandes grupos (que atuam na indústria, comércio ou agroindústria), tem seu capital financeiro originário da própria região, mostrando que antigas famílias que ali se instalaram, em épocas anteriores, tenham se decidido por aplicar seus rendimentos na própria região. Esse fato revela uma tendência regional da confiança dos agentes econômicos, a maioria "filhos daquela região", em manter seus negócios na região, não existindo assim grande dispersão de capitais para grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Um fato que comprova essa afirmação, acima destacada, acontece no setor terciário: é o caso da rede de lojas A MODELAR S/A, que tem sua origem na cidade de Ribeirão Preto, onde tem sua matriz, embora tenha ampliado sua rede para o interior do estado de São Paulo e ainda para o Triângulo Mineiro. A sua expansão coincide com a evolução da "zona de influência da cidade de Ribeirão Preto", para onde se deslocam capitais de grandes centros consumidores, seja pela vinda de novos investimentos e novos mercados,

seja pela ampliação das redes existentes - ao buscar capitais de outras localidades, trazendo-os para a região-matriz, onde são finalmente aplicados.

Os rumos da economia regional, e principalmente sub-regional (1), revelam tendências para uma maior industrialização, principalmente na cidade-sede (Ribeirão Preto) e cidades limítrofes (como Sertãozinho e Luís Antonio). (2)

Dessa forma, percebe-se a tentativa de descentralização econômica regional, com uma industrialização de forma coordenada e o auxílio de um sistema financeiro já bastante desenvolvido e dinâmico, capaz tanto de auxiliar esse processo de desenvolvimento industrial, quanto de trazer mais riquezas para a região, desenvolvendo o setor comercial e de serviços, mantendo, enfim a dinamicidade econômica regional que sempre foi a virtude maior de Ribeirão Preto.

(1) Embora a área de influência da Região de Rib Preto seja bastante ampla, superando seus limites geográficos e atingindo até o Sul de Minas Gerais.

(2) Vide os projetos do "Pólo de Tecnologia de Ribeirão Preto" e a da CELPAV, em Luís Antonio.

ANEXOS

* ENTREVISTAS

Um relato das entrevistas realizadas com empresários de diferentes ramos econômicos da região de Ribeirão Preto, mostrando distintas posições quanto às mudanças sentidas em seus respectivos setores de atividade, bem como opiniões quanto ao comportamento da economia regional.

* LEVANTAMENTO DE PRODUTIVIDADE DA CANA-DE-AÇÚCAR

Organizado pelo Grupo Balbo, traz a área municipal das principais DIRAs da região de Rib. Preto ocupada pela cana de açúcar, assim como a produtividade desses municípios nessa cultura, em abril de 1991.

Procurou-se identificar, nesse levantamento, os municípios da Região de Governo de Rib. Preto. Verificou-se que esses municípios, em sua maioria, possuem grande parte de sua área cultivável dedicada à cana, mantendo alta produtividade.

* MAIORES GRUPOS SUCRO-ALCOOLEIROS DO ESTADO DE SÃO PAULO (Safrá 1987/88 - média bienal)

A representatividade dos grupos sucro-alcooleiros da região de Rib. Preto, mostrando a dinamicidade desse setor na economia regional.

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

ENTREVISTADO :

EMPRESA :

RAMO :

1) QUANDO SUA EMPRESA SE INSTALOU NESTA CIDADE ?

2) POR QUE ESSA EMPRESA SURTIU? O QUE FACILITOU SEU SURGIMENTO ? (família já morava na cidade; continuou no ramo da família; origem rural da família na região)

3) QUAL SEU NEGOCIO ? QUAL SUA ESTRATEGIA EMPRESARIAL?

4) QUAL A COMPOSICAO DO CAPITAL EMPRESARIAL ?

5) O CAPITAL FINACEIRO - QUAL SUA ORIGEM ? (indl, coml, agricola)
- EM QUE PROPORCAO DEPENDE DO ESTADO ?

6) RELAÇÃO EMPREGADO X EMPREGADOR

7) INFORMACOES SOBRE DATA E PERIODO DE "DIVERSIFICACAO" DO NEGOCIO

8) CONJUNTURA EMPRESARIAL :

- COMPORTAMENTO RECENTE DO MERCADO
- FORNECEDORES
- EXPORTACOES

9) COMO ESTÁ O DESENVOLVIMENTO ATUAL DA EMPRESA ? VAI PERMANECER NO NA REGIÃO ? PRETENDE AMPLIAR-SE , DIVERSIFICAR-SE , OU MUDAR DE RAMO (DIV. HORIZONTAL ?

10) QUAIS OS INCENTIVOS FEDERAIS E/OU ESTADUAIS DE QUE DISPÕE ?

11) COMO OBSERVA AS LIDERANCAS EM RIBEIRAO PRETO ? COMO VE A POLITICA NA REGIAO ?

12) COMO OS PROBLEMAS NACIONAIS AFETAM A REGIÃO ?

13) COMO A CONJUNTURA ECONOMICA E POLITICA BRASILEIRA AFETAM O DESENVOLVIMENTO DA EMPRESA ?

ZANINI S/A

ENTREVISTADO : José Rossi Jr.

EMPRESA : ZANINI S/A

RAMO : Equipamentos pesados (bens de capital)

1) QUANDO SUA EMPRESA SE INSTALOU NESSA CIDADE ?
Em 1950.

2) POR QUE ESSA EMPRESA SURTIU? O QUE FACILITOU SEU SURGIMENTO ? (família já morava na cidade; continuou no ramo da família; origem rural da família na região)

A empresa surgiu para oferecer manutenção (serviços de manutenção) para as usinas de açúcar da região de Ribeirão Preto (na época existiam 13 a 14 usinas na região).

Maurílio Biagi já possuía a Usina Sta Elisa; esse fato ajudou a perceber a necessidade de uma fábrica de manutenção para as usinas. Observa-se, assim, que a origem do capital empresarial é agrícola.

3) QUAL SEU NEGOCIO ? QUAL SUA ESTRATEGIA EMPRESARIAL?

Equipamentos pesados para montagem e ampliação de toda a infraestrutura de usinas de açúcar e álcool, portos, indústrias de papel e celulose, etc.

4) QUAL A COMPOSICAO DO CAPITAL EMPRESARIAL ?

S/A

5) O CAPITAL FINANCEIRO - QUAL SUA ORIGEM ? (indl, coml, agricola)
- EM QUE PROPORCAO DEPENDE DO ESTADO ?

O capital financeiro é de origem agrícola.

"Não depende em nada do Estado. O Estado só prejudica a empresa, ao tabelar nossos preços de venda, mas manter os nossos custos e preços de fornecedores de matérias-primas sem tabelamento."

6) RELAÇÃO EMPREGADO X EMPREGADOR

Os empregados são da própria região. Mantem-se salários competitivos e incentivamos bastante o treinamento de nossos funcionários, visando a sua especialização, bem como a maior produtividade da empresa.

7) INFORMACOES SOBRE DATA E PERIODO DE "DIVERSIFICAÇÃO" DO NEGOCIO

1950 = açúcar : manutenção de usinas de açúcar .
 1959 = fornecimento de "equipamentos" para as usinas de açúcar.
 1971 = diversificação dentro do setor sucroalcooleiro - evaporadores, turbinas a vapor, pontes rolantes, engrenagens, fundição e moendas.
 Hoje = busca-se atingir outros mercados (portos, papel e celulose), diversificando horizontalmente e associando-se a empresas estrangeiras para obter tecnologia de ponta.

8) CONJUNTURA EMPRESARIAL :

- COMPORTAMENTO RECENTE DO MERCADO
- FORNECEDORES
- EXPORTAÇÕES

De 1961 a 1979 a empresa funcionou sem prejuízos. A partir de 1979 instaurou-se uma crise devido ao Proálcool.

O mercado, hoje, é de fornecimento de equipamentos para energia termoelétrica, mineração, indústria de alumínio, papel e celulose, e uma pequena parte para usinas sucroalcooleiras.

Exportações : 10% das vendas , para EUA, África do Sul e América do Sul, fornecendo usinas de açúcar e álcool.

9) COMO ESTÁ O DESENVOLVIMENTO ATUAL DA EMPRESA ? VAI PERMANECER NO NA REGIÃO ? PRETENDE AMPLIAR-SE , DIVERSIFICAR-SE , OU MUDAR DE RAMO (DIV. HORIZONTAL ?

A empresa busca sair do Proálcool, com pequenos fornecimentos às agroindústrias canavieiras, privilegiando para essas, serviços de manutenção.

A Zanini vai continuar na região, porém buscando diversificar-se cada vez mais.

10) QUAIS OS INCENTIVOS FEDERAIS E/OU ESTADUAIS DE QUE DISPÕE ?

Não há incetivos federais ou estaduais.

"Há, na verdade, DESINCENTIVOS por parte do governo federal".

11) COMO OBSERVA AS LIDERANCAS EM RIBEIRAO PRETO ?
COMO VE A POLITICA NA REGIAO ?

"O prefeito de Ribeirão Preto está certo ao favorecer as indústrias de pequeno porte a instalar-se na cidade, impedindo a formação de monopólios na região e favorecendo o padrão de vida da cidade e a concorrência industrial. Ribeirão tem vocação agrícola e comercial, o que favorece o padrão de vida de nossa gente... assim deve continuar..."

12) COMO OS PROBLEMAS NACIONAIS AFETAM A REGIÃO ?

Os problemas nacionais afetam a região em amplas diretrizes, como por exemplo: o tabelamento de preços (vide questão 5, acima).

13) COMO A CONJUNTURA ECONOMICA E POLITICA
BRASILEIRA AFETAM O DESENVOLVIMENTO DA EMPRESA ?

" O Governo não pensou nas indústrias de bens de capital para as agroindústrias canavieiras ao planejar o Proálcool. Como no Brasil, apenas somos duas empresas no ramo (Zanini S/A e Dedini S/A), o Governo não se preocupa com nossa situação e nosso desenvolvimento. Ao tabelar nossos preços, mas não os nossos custos, favorece o surgimento de uma crise no setor, sem se preocupar com as conseqüências... isso nos força abandonar o Proálcool e partir para a diversificação, em outros mercados."

ATTILIO BALBO S/A AÇÚCAR E ALCOOL

ENTREVISTADO : Clésio Balbo

EMPRESA : ATTILIO BALBO S/A AÇÚCAR E ALCOOL (Usinas Sto Antonio e São Francisco e Balbo S/A Agropecuária)

RAMO : Usinas de açúcar e álcool

1) QUANDO SUA EMPRESA SE INSTALOU NESSA CIDADE ?

1946 - Usina Sto Antonio, em Sertãozinho (SP).

1946 - Usina São Francisco, em Sertãozinho (SP).

2) POR QUE ESSA EMPRESA SURTIU? O QUE FACILITOU SEU SURGIMENTO ? (família já morava na cidade; continuou no ramo da família; origem rural da família na região)

Antes de 1946 a "Família Balbo" trabalhou por quarenta anos na Usina Schmidt, na região de Rib. Preto.

3) QUAL SEU NEGOCIO ? QUAL SUA ESTRATEGIA EMPRESARIAL?

Produção de Açúcar e álcool.

4) QUAL A COMPOSICAO DO CAPITAL EMPRESARIAL ?

S/A

5) O CAPITAL FINANCEIRO - QUAL SUA ORIGEM ? (indl, coml, agricola)

- EM QUE PROPORCAO DEPENDE DO ESTADO ?

O capital financeiro é de origem agrícola.

"O Estado é quem determina e controla os nossos preços, mantendo-os abaixo do nível que seria o ideal para que não tivéssemos perdas. A Petrobrás, constantemente pressiona o governo pelo fim do Proálcool."

6) RELAÇÃO EMPREGADO X EMPREGADOR

Ideal: 70% de colheita manual

30% colheita mecanizada

Hoje: 77% de colheita manual

23% colheita mecanizada

7) INFORMACOES SOBRE DATA E PERIODO DE "DIVERSIFICACAO" DO NEGOCIO

Com a instalação da Usina Santo Antonio, em 1946, entrou-se no setor sucroalcooleiro.

Nos últimos anos, as usinas buscam sua autosuficiência, num processo natural, utilizando :

- para a energia de suas usinas ----- o bagaço de cana;
- para fertilização ----- o vinhoto;
- para combustível da frota de caminhões ----- o biogás.

8) CONJUNTURA EMPRESARIAL :

- COMPORTAMENTO RECENTE DO MERCADO
- FORNECEDORES
- EXPORTACOES

O mercado e produção estão estáveis, nos últimos anos.

Não há exportações de álcool, que se destina ao mercado interno. Já o açúcar, parte se destina à exportação.

O grupo conta com 250 fornecedores de cana atualmente. Estes representam 40 % da cana utilizada (cana de terceiros), sendo, assim, 60% de cana própria.

IND. PROD. ALIMENTÍCIOS CORY LTDA

ENTREVISTADO : Antonio Euripedes Silverio (D. Rec. Humanos)

EMPRESA : Ind. Prods Alimentícios Cory Ltda

RAMO : Produtos Alimentícios

1) QUANDO SUA EMPRESA SE INSTALOU NESSA CIDADE ?

Fundada em 1969, em Lins (SP), a CORY se instalou em Ribeirão Preto em 1971.

2) POR QUE ESSA EMPRESA SURTIU? O QUE FACILITOU SEU SURGIMENTO ? (família já morava na cidade; continuou no ramo da família; origem rural da família na região)

Três irmãos tinham uma padaria em Lins. Fabricavam pão-de-mel e os vendiam na região. Em 1979, os "Irmãos Cory" adquirem a fábrica de balas Apache, em Ribeirão Preto. Em 1971 incorporaram-se a fábrica de balas à CORY e cria-se uma unidade em Ribeirão Preto.

3) QUAL SEU NEGÓCIO ? QUAL SUA ESTRATÉGIA EMPRESARIAL?

Produtos Alimentícios (balas e biscoitos).

4) QUAL A COMPOSIÇÃO DO CAPITAL EMPRESARIAL ?

Soc. Ltda

5) O CAPITAL FINANCEIRO - QUAL SUA ORIGEM ? (indl, coml, agrícola) - EM QUE PROPORÇÃO DEPENDE DO ESTADO ?

Origem do capital financeiro : industrial-comercial (padaria)

A empresa não depende do Estado. Os investimentos são feitos com capital próprio, sendo que a reinversão dos lucros obtidos é uma preocupação básica da diretoria, visando um desenvolvimento e ampliação dos negócios da empresa.

6) RELAÇÃO EMPREGADO X EMPREGADOR

Prevê-se uma relação : produtividade X divisão de lucros com os empregados. Essa idéia ainda está em estudos.

Os funcionários são aproximadamente 850, sendo 450 na área produtiva (operacionais) e 400 a nível administrativo, técnicos e engenheiros. Esses empregados são da própria região, sendo que os ligados à administração são, em sua maioria universitários.

7) INFORMACOES SOBRE DATA E PERIODO DE "DIVERSIFICACAO" DO NEGOCIO

1969 = adquire a fábrica de balas apache;

1971 = monta-se uma unidade em Rib. Preto : fábrica de balas e biscoitos.

1991 = adquire a rede de lojas : G G Presentes, atuando no interior de SP e capital. A idéia de se obter essa rede de lojas veio do fato de

* alguns dos "irmãos Cory" já terem trabalhado, há tempo, no grupo do qual pertencia essa rede de lojas;

* haver uma necessidade de diminuir a diretoria dentro da CDRY, já que, além dos três irmãos, dois filhos participavam da administração da ind. alimentícia e agora poderiam dirigir a rede de lojas de presentes.

8) CONJUNTURA EMPRESARIAL :

- COMPORTAMENTO RECENTE DO MERCADO
- FORNECEDORES
- EXPORTACOES

O mercado interno é o forte da empresa , com grande rede de distribuidores por todo o país

As exportações, no momento são poucas.

Fornecedores:

- açúcar = da região de Rib. Preto.
- farinha de trigo = Moinhos Santista e R. Milho Brasil.

obs: há, nos últimos anos, forte importação de maquinários, num processo de ampliação do parque produtivo.

9) COMO ESTÁ O DESENVOLVIMENTO ATUAL DA EMPRESA ?
VAI PERMANECER NA REGIÃO ? PRETENDE AMPLIAR-SE ,
DIVERSIFICAR-SE , OU MUDAR DE RAMO (DIV. HORIZONTAL ?

A CDRY pretende ampliar-se, com novas técnicas e desenvolvimento de novos produtos.

A região de Ribeirão Preto foi que fez crescer a empresa e é na região que pretende empregar o capital da empresa.

A G. G. Presentes foi apenas uma oportunidade que surgiu, mas não interfere no progresso da Cory, que pretende desenvolver-se cada vez mais.

10) QUAIS OS INCENTIVOS FEDERAIS E/OU ESTADUAIS DE QUE DISPÕE ?

A CORY não dispõe de incentivo algum.

11) COMO OBSERVA AS LIDERANÇAS EM RIBEIRÃO PRETO ? COMO VE A POLÍTICA NA REGIÃO ?

"Deve-se ter uma política industrial no município, mas bem planejada, que coordene a vinda de capitais, com critérios bem definidos e incentivos coerentes" - A.S.Silvério.

12) COMO OS PROBLEMAS NACIONAIS AFETAM A REGIÃO ?

Ribeirão Preto está dentro do cenário nacional e não é imune à recessão e desemprego.

13) COMO A CONJUNTURA ECONOMICA E POLITICA BRASILEIRA AFETAM O DESENVOLVIMENTO DA EMPRESA ?

O "BLOQUEIO DOS CRUZADOS" trouxe problemas estratégicos para a empresa, ao coincidir com a fase de expansão. Havia um planejamento de de importação de máquinas, contratações de funcionários e lançamento de novo produto : biscoito recheado. Porém, a empresa conseguiu por em prática seus planos, mesmo com sacrifícios.

ENTREVISTADO : Pedro Calil (Gerente de Compras)

EMPRESA : A Modelar S/A

RAMO : Comércio de móveis e eletrodomésticos.

1) QUANDO SUA EMPRESA SE INSTALOU NESSA CIDADE ?

A Modelar começou em Rib. Preto há 45 anos, com sua primeira loja no ramo de eletrodomésticos e móveis.

2) POR QUE ESSA EMPRESA SURTIU? O QUE FACILITOU SEU SURGIMENTO ? (família já morava na cidade; continuou no ramo da família; origem rural da família na região)

A "família Calil" sempre esteve ligada ao ramo comercial, sendo que o início da família foi com uma mercearia.

3) QUAL SEU NEGÓCIO ? QUAL SUA ESTRATÉGIA EMPRESARIAL?

Eletrodomésticos, móveis e materiais de construção.

4) QUAL A COMPOSIÇÃO DO CAPITAL EMPRESARIAL ?

S/A.

5) O CAPITAL FINANCEIRO - QUAL SUA ORIGEM ? (indl, coml, agrícola)

- EM QUE PROPORÇÃO DEPENDE DO ESTADO ?

A origem do capital empresarial é comercial (mercearia). A empresa não tem nenhum vínculo com o Estado.

6) RELAÇÃO EMPREGADO X EMPREGADOR

Os funcionários trabalham 8hs/dia. Há um programa de treinamento de vendedores muito bem estruturado, visando um melhor atendimento - que hoje é para a empresa o que mais diferencia uma rede de lojas de outra.

7) INFORMACOES SOBRE DATA E PERIODO DE "DIVERSIFICACAO" DO NEGOCIO

A primeira filial foi em 1972, havendo hoje 6 lojas só na cidade de Ribeirão Preto, uma filial na capital(SP), muitas no interior de SP - Campinas, Araraquara, Bebedouro entre outras; e 6 lojas no interior de Minas Gerais (triângulo mineiro).

As filiais de bebedouro e Araraquara sofreram bastante com a crise (queda das vendas), por se concentrarem em regiões onde o peso de poucos setores na economia é forte.

O setor de materiais de construção, que leva o nome de A Modelar, na verdade não corresponde a uma diversificação da empresa, sendo fruto de uma herança da família Calil, que foi encampada pela rede de lojas para fazer renome. Esse é um fato comprovado, ao analisar-se que nesse ramo A Modelar não possui filiais, mas apenas uma loja em Ribeirão Preto.

8) CONJUNTURA EMPRESARIAL :

- COMPORTAMENTO RECENTE DO MERCADO
- FORNECEDORES
- EXPORTACOES

Percebe-se que após um período de queda de vendas o mercado já voltou a aquecer-se com aumento das vendas.

No momento não há exportações.

Fornecedores são da capital - São Paulo.

9) COMO ESTÁ O DESENVOLVIMENTO ATUAL DA EMPRESA ? VAI PERMANECER NO NA REGIÃO ? PRETENDE AMPLIAR-SE , DIVERSIFICAR-SE , OU MUDAR DE RAMO (DIV. HORIZONTAL) ?

A Modelar pretende ampliar-se na região, com previsão de abertura de mais duas filiais em Uberaba e Uberlândia.

10) QUAIS OS INCENTIVOS FEDERAIS E/OU ESTADUAIS DE QUE DISPÕE ?

Não dispõe de nenhuma forma de incentivos oficiais.

11) COMO OBSERVA AS LIDERANÇAS EM RIBEIRÃO PRETO ?
COMO VE A POLÍTICA NA REGIÃO ?

"A região de Rib. Preto tem políticos que podem fazer muito pela cidade e região. A cidade de RP, desde cedo mostrou-se como grande centro de atração comercial, e para isso a sua posição geográfica - caminho entre sul/MG e SP - ajudou muito. Por isso, deve-se dar incentivos para que esse fato permaneça, podendo ser feita uma política industrial que complemente as necessidades do comércio local.

12) COMO OS PROBLEMAS NACIONAIS AFETAM A REGIÃO ?

Rib. Preto está presente no cenário nacional pela sua agricultura, indústria e comércio, sendo que esse último setor tende a sentir os momentos de crise mais rapidamente, principalmente quando há uma retração no consumo - ex: bloqueio dos cruzados pelo governo federal.

13) COMO A CONJUNTURA ECONÔMICA E POLÍTICA
BRASILEIRA AFETAM O DESENVOLVIMENTO DA EMPRESA ?

"Com o boqueio dos cruzados a região não demorou a sentir os efeitos de uma recessão, principalmente no comércio, com a retração do consumo. As lojas A Modelar também não ficaram imunes a isso.

Porém, hoje, o mercado já está em aquecimento e a empresa já voltou a investir, ampliando sua rede de lojas."

IND. CALÇADOS CASTALDELLI LTDA

ENTREVISTADO : João Carlos de Mello

EMPRESA : Ind. Calçados Castaldelli Ltda

RAMO : Ind. de Calçados e Varejo

1) QUANDO SUA EMPRESA SE INSTALOU NESSA CIDADE ?

A Castaldelli montou sua fábrica em Rib. Preto em janeiro de 1950

2) POR QUE ESSA EMPRESA SURTIU? O QUE FACILITOU SEU SURGIMENTO ? (família já morava na cidade; continuou no ramo da família; origem rural da família na região)

A família é da própria cidade, provavelmente de origem rural.

3) QUAL SEU NEGOCIO ? QUAL SUA ESTRATEGIA EMPRESARIAL?

Calçados (couros) e tênis.

4) QUAL A COMPOSIÇÃO DO CAPITAL EMPRESARIAL ?

Soc. Ltda.

5) O CAPITAL FINANCEIRO - QUAL SUA ORIGEM ? (indl, coml, agrícola)

- EM QUE PROPORÇÃO DEPENDE DO ESTADO ?

O capital empresarial é de origem agrícola, provavelmente.

A empresa não depende do Estado.

6) RELAÇÃO EMPREGADO X EMPREGADOR

A empresa conta atualmente com cerca de 60 funcionários, em regime de 1 turno.

Todos os funcionários são da própria cidade, sendo alguns especializados.

Hoje, ainda não há participação dos funcionários nos lucros empresariais, mas a médio prazo pretende-se isso.

7) INFORMACOES SOBRE DATA E PERIODO DE "DIVERSIFICACAO" DO NEGOCIO

Há 30 anos, a Castaldelli abriu loja, na frente da fábrica.

Em 1983 começou a produção de Tênis, o que é o forte no mercado hoje.

8) CONJUNTURA EMPRESARIAL :

- COMPORTAMENTO RECENTE DO MERCADO
- FORNECEDORES
- EXPORTACOES

Os fornecedores de couros são da região de Franca, o que deve ter facilitado a instalação da fábrica em Ribeirão Preto, próxima assim ao centro fornecedor de matéria-prima.

As vendas se estendem por todo o estado de São Paulo, sendo que as exportações não estão ocorrendo no momento, embora já tenha havido exportações para os EUA e Canadá.

9) COMO ESTÁ O DESENVOLVIMENTO ATUAL DA EMPRESA ? VAI PERMANECER NO NA REGIÃO ? PRETENDE AMPLIAR-SE , DIVERSIFICAR-SE , OU MUDAR DE RAMO (DIV. HORIZONTAL ?

A empresa está com problemas internos (desfalques em caixa), não tendo capital para girar, dispensando encomendas, por não ter condições de ampliar a compra de matérias-primas para a produção.

10) QUAIS OS INCENTIVOS FEDERAIS E/OU ESTADUAIS DE QUE DISPÕE ?

Não existem incentivos. A empresa, com dificuldades internas (desfalques em caixa) não consegue financiamentos para capital de giro devido à títulos protestados em épocas anteriores.

11) COMO OBSERVA AS LIDERANCAS EM RIBEIRAO PRETO ? COMO VE A POLITICA NA REGIAO ?

As lideranças políticas poderiam fazer uma política de incentivos industriais a pequenas e médias empresas, dando condições para que o capital local, de origem regional, não saia para outras regiões por falta de investimentos compensadores.

12) COMO OS PROBLEMAS NACIONAIS AFETAM A REGIÃO ?

Ribeirão Preto sente a crise e a recessão como qualquer outra parte do país, mesmo porque sempre esteve em destaque no estado de SP, seja pela proximidade de grandes centros comerciais e industriais (como por ex. : São Paulo e Campinas), seja pela dinâmica de sua economia.

13) COMO A CONJUNTURA ECONOMICA E POLITICA BRASILEIRA AFETAM O DESENVOLVIMENTO DA EMPRESA ?

Os problemas internos fazem com que a empresa não tenha ainda aquecido seus investimentos, mas o mercado responde melhor, tendo em vista o aumento da requisição de encomendas pelos nossos clientes e revendedores.

ANEXO

MAIORES GRUPOS SUCRO-ALCOOLEIROS DO ESTADO DE SAO PAULO
(SAFRA 87/88 - MEDIA BIENAL)

GRUPOS ECONOMICOS	No. DE USINAS	TON CANA MOIDA	PART. (%)	PART.ACUM (%)
PEDRO OMETTO	3	10429417	0.69	0.69
LUIZ/JOAO OMETTO	3	9941438	0.28	16.97
ZILLO/LORENZETTI	3	6902356	5.75	22.73
MAURILIO BIAGGI	4	4117575	3.43	26.16
HERMINIO OMETTO	2	3845536	3.20	29.36
VIRGOLINO DE OLIVEIRA	2	3254884	2.71	32.07
REZENDE BARBOSA	2	3152783	2.63	34.70
ATTILIO BALBO	3	3047951	2.54	37.24
BAUDILIO BIAGGI	1	2820023	2.35	39.59
CORONA	1	2574139	2.14	41.73
BIAGGI/ALMEIDA PRADO/JUNQUEIRA	1	2083571	1.74	43.47
COOPERSUCAR	2	2037063	1.70	45.17
COURY/FURLAN/BARRICHELO	3	1745370	1.45	46.62
EQUIPAV	1	1587219	1.32	47.95
JUNQUEIRA	1	1534982	1.28	49.22
MALZONI	2	1476978	1.23	50.46
VIANA EGREJA	2	1461550	1.22	51.67
BELLODI (G.G.)	1	1413834	1.18	52.85
MATTARAZO	1	1412859	1.18	54.03
BELLODI (A.F.)	1	1373331	1.14	55.17
NOGUEIRA	1	1250115	1.04	56.21
ZANCANER SANCHEZ	2	1246807	1.04	57.25
COMOLESI	2	1226568	1.02	58.28
SIMIONI	1	1223735	1.02	59.29
COLOMBO	1	1137949	0.95	60.24
FRANCESCHI	1	1137528	0.95	61.19
AFFONSO	1	1075156	0.90	62.09
GOMES DE ALMEIDA FERNANDES	2	1074129	0.90	62.98
MORGANTI	1	1073654	0.89	63.88
BORTOLO CAROLO	1	1071543	0.89	64.77
QUAGLIATO	1	1017212	0.85	65.62
VERTER ANICHINO	1	1015706	0.85	66.46
BRUNELLI	2	998398	0.83	67.30
DIRUCCI	1	973363	0.81	68.11
ZANIN	1	955954	0.80	68.90
AFIF CURY	1	948417	0.79	69.69
CAMARGO	1	932083	0.78	70.47
SEME CURY	1	929158	0.77	71.24
RIBEIRO PINTO	1	917508	0.76	72.01
RIBEIRO DE MENDONCA	1	897451	0.75	72.76

(CONTINUAÇÃO)

MAIORES GRUPOS SUCRO-ALCOOLEIROS DO ESTADO DE SÃO PAULO
(SAFRA 87/88 - MÉDIA BIENAL)

GRUPOS ECONOMICOS	No. DE USINAS	TON CANA MOIDA	PART. (%)	PART.ACUM (%)
DEDINI	2	892247	0.74	73.50
UNIVALEX (VARIOS ACIONISTAS)	1	856401	0.71	74.21
SOUZA QUEIROZ	1	809082	0.67	74.89
FURLAN	1	777795	0.65	75.54
ANDRADE	1	772500	0.64	76.18
NAVARRO/FRANCO/SILVA/DANTAS	1	762976	0.64	76.82
SÃO FRANCISCO-E.FAUSTO (VARIOS)	1	750163	0.63	77.44
FERNANDES	1	695897	0.58	78.02
MORENO	1	684327	0.57	78.59
LESSA MARTINS	1	683654	0.57	79.16
SANTA MARIA-CERQUILHO	1	680137	0.57	79.73
SANTA LUCIA	1	657140	0.55	80.27
BAZAN	1	650132	0.54	80.82
BOH RETIRO	1	649081	0.54	81.36
MARDINI	1	638488	0.53	81.89
ALCOAZUL	1	637661	0.53	82.42
FIGUEIREDO/GOUVEIA	2	619458	0.52	82.94
MANDU	1	594861	0.50	83.43
SÃO JOSÉ DA ESTIVA	1	586410	0.49	83.92
SANTA ROSA	1	567119	0.47	84.39
CENTRAL PAULISTA	1	564587	0.47	84.86
TONON	1	560280	0.47	85.33
ALBERTINA	1	550714	0.46	85.79
JARDEST	1	546633	0.46	86.25
DESTIVALE	1	521913	0.43	86.68
LAGOA DOURADA	1	495122	0.41	87.09
ÁGUA LIMPA	1	481770	0.40	87.49
GUATRA	1	477179	0.40	87.89
COCAL	1	465560	0.39	88.28
SANTO ALEXANDRE	1	464325	0.39	88.67
IPIRANGA	1	426317	0.36	89.02
UNIALCO	1	425605	0.35	89.38
PIONEIROS	1	416201	0.35	89.72
PALMEIRAS	1	405874	0.34	90.06
ARALCO	1	393100	0.33	90.39
SÃO JOSÉ-RIO DAS PEDRAS	1	391941	0.33	90.72
VALE DO RIO TURVO	1	389989	0.32	91.04
MACUCO	1	377938	0.31	91.36
PAREDAO	1	375243	0.31	91.67
CLEALCO	1	372257	0.31	91.98

(CONTINUAÇÃO)

MAIORES GRUPOS SUCRO-ALCOOLEIROS DO ESTADO DE SAO PAULO
(SAFRA 87/88 - MEDIA BIENAL)

GRUPOS ECONOMICOS	No. DE USINAS	TON CANA MOIDA	PART. (%)	PART.ACUM (%)
BENALCOOL	1	364430	0.30	92.28
ALCOMIRA	1	355305	0.30	92.58
DECASA	1	348761	0.29	92.87
SÃO BENTO	1	340990	0.28	93.15
CENTRALCOL	1	338559	0.28	93.43
ALCOESTE	1	337733	0.28	93.72
PITANGUEIRAS	1	329597	0.27	93.99
DACAL	1	328736	0.27	94.26
NOVA ESPERANCA	1	315092	0.26	94.53
SÃO GREGÓRIO	1	313271	0.26	94.79
ITAIQUARA	1	309602	0.26	95.05
PAU D'ALHO	1	303527	0.25	95.30
SANTA LUIZA-JABOTICABAL	1	293994	0.24	95.54
PARAISO	1	289763	0.24	95.79
SANTA IZABEL	1	288791	0.24	96.03
LARANJA DOCE	1	273843	0.23	96.25
GENERALCO	1	268758	0.22	96.48
GUARICANGA	1	268346	0.22	96.70
VALE VERDE	1	262708	0.22	96.92
MADRE PAULINA	1	261412	0.22	97.14
LONDRA	1	260046	0.22	97.36
DALVA	1	243287	0.20	97.56
ADALCOOL	1	235071	0.20	97.75
FLORALCO	1	218965	0.18	97.94
DESTIL	1	189416	0.16	98.09
NOVA ANDRADINA	1	178959	0.15	98.24
GANTUS	1	171566	0.14	98.39
VISTA ALEGRE	1	158226	0.13	98.52
ARCHANGELO	1	152608	0.13	98.65
BATATAIS	1	148197	0.12	98.77
SÃO MARINO	1	148089	0.12	98.89
SANTA INES	1	146770	0.12	99.01
MALUF	1	145275	0.12	99.14
LOPES DA SILVA	1	133757	0.11	99.25
CONTENDAS	1	114514	0.10	99.34
PONTE PRETA	1	105757	0.09	99.43
SÃO FRANCISCO-CESÁRIO LANGE	1	101210	0.08	99.52
DELLA COLETTA	1	99659	0.08	99.60
BAGGIO	1	99585	0.08	99.68

(CONTINUAÇÃO)

MAIORES GRUPOS SUCRO-ALCOOLEIROS DO ESTADO DE SÃO PAULO
(SAFRA 87/88 - MÉDIA BIENAL)

GRUPOS ECONÔMICOS	Nº. DE USINAS	TON CANA MOIDA	PART. (%)	PART. ACUM. (%)
SANTA PHILOMENA	1	89131	0.07	99.76
PORTO VELHO	1	86122	0.07	99.83
BELA VISTA-MARANDIBA	1	79521	0.07	99.89
SANTA MARIA-LENÇÓIS PAULISTA	1	72780	0.06	99.95
ZERO ONZE	1	27874	0.02	99.98
CRUZALCOOL	1	27348	0.02	100.00
TOTAL	150	120010321	100.00	100.00

FONTE : IAA - SRS
JUICESP

(apud MOREIRA, 1989, p. A1. à A4)

LEVANTAMENTO CANA - ABRIL/1991

obs: ● = municípios da Região
de Governo de Rib. Preto.

DELEGACIA AGRÍCOLA DE RIBEIRÃO PRETO

MUNICÍPIOS	Área total	Área perímetro - urbano	Média tonelada/ha	Total/ton.
● RIBEIRÃO PRETO	49.000	9.000	80	720.000
● BARRINHA	8.700	1.270	85	107.950
● CRAVINHOS	16.000	1.060	70	74.200
● DUMONT	5.000	750	80	60.000
● JARDINÓPOLIS	21.000	600	65	39.000
● PONTAL	24.000	1.220	85	103.700
● PRADÓPOLIS	8.300	1.800	80	144.000
● SERRANA	7.800	910	70	63.700
● SERTÃOZINHO	27.000	3.030	85	257.550
T O T A L . . .	166.800	10.840	--	1.586.100

LEVANTAMENTO CANA - ABRIL/ 1991.

DELEGACIA AGRÍCOLA DE SÃO SIMÃO

MUNICÍPIOS	Área total	Área perímetro . urbano	Média tonelada/ha	Total/t
●SÃO SIMÃO	8.000	50	70	3.500
●LUIZ ANTONIO	11.500	100	85	8.500
SANTA RITA DO PASSA QUATRO	7.210	25	77	1.925
●SANTA ROSA DE VITERBO	6.300	700	72	50.400
●SERRA AZUL	7.500	500	70	35.000
T O T A L . . .	40.510	1.375	-.-	99.325

LEVANTAMENTO CANA - ABRIL/ 1991

DELEGACIA AGRÍCOLA DE JABOTICABAL

MUNICÍPIOS	Área total	Área perímetro urbano	Média tonelada/ha	Total/ton.
● JABOTICABAL	34.000	2.260	90	203.400
● GUARIBA	15.000	1.000	90	90.000
● MONTE ALTO	5.214	60	90	5.400
TAIAÇU	713	60	80	4.800
TAIUVA	3.700	70	100	7.000
VISTA ALEGRE DO ALTO	3.660	130	100	13.000
T O T A L ...	62.287	3.580	---	323.500

LEVANTAMENTO CANA - ABRIL/ 1991

DELEGACIA AGRÍCOLA DE BATATAIS

MUNICÍPIOS	Área total	Área perímetro urbano	Média tonelada/ha	Total/ton.
BATATAIS	10.700	500	80	10.000
● BRODOSQUI	4.100	120	65	7.800
● CAJURU	7.000	150	70	10.500
● CÁSSIA DOS COQUEIROS	-	-	-	-
● SANTO ANTONIO DA ALEGRIA	-	-	-	-
● ALTINÓPOLIS	7.000	-	-	-
T O T A L . . .	28.100	770	-.-	58.300

LEVANTAMENTO CANA - ABRIL/ 1991

DELEGACIA AGRÍCOLA DE BEBEDOURO

MUNICÍPIOS	Área total	Área perímetro . urbano	Média tonelada/ha	Total/ton.
BEBEDOURO	3.700	145,2	80	11.616
MONTE AZUL PAULISTA	670	-	-	-
PIRANGI	2.400	46,48	80	3.718
● PITANGUEIRAS	19.000	1.611,72	75	120.879
TERRA ROXA	2.600	411,4	100	41.140
VIRADOURO	5.860	605	85	51.425
TOTAL ...	34.230	2.819,8	---	228.778